

REVISTA DA SEMANA

N.º 1-3-1-59 Cr\$ 10.00 em todo o Brasil

*leixou de
circular*

PRIMEIROS COLOCADOS
em
CARTAS À PAPAI NOEL



VÔOS DIÁRIOS PARA O NORTE

em SUPER
CONSTELLATION DE LUXO
ou CONVAIR



Segundas e Quintas às 20:00 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - RECIFE - FORTALEZA
Terças e Sextas às 18:30 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - BELÉM
Segundas, Quartas e Sextas às 12:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - ARACAJU
Terças e Sextas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - MACEIÓ - RECIFE - JOÃO PESSOA - NATAL
Quartas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Quintas às 14:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR
Sábados às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Domingos às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA

VARIG prop

Serviço da mais alta classe * Almoço e jantar quentes a bordo



...e a
tradicional
cortezia

VARIG



REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — N.º 1 — Rio, 3-1-1959

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Cyd Charisse (Ektachrome M. G. M.)

REPORTAGENS

Foguetes ameaçam Fidel Castro	4
Segundo tempo no concurso baía	12
Recife mandou me chamar	15
Encontro com Lisboa de ontem e de hoje	32
No paraíso de Eva grou é adão	46
Pureza, Ternura, Lirismo nas cartas a Papai Noel	59

SOCIEDADE

As verdades de Mariuzinha Maranguape	11
Kaleidoscópio	44

TEATRO

Entrevista com Thais Bianchi	25
------------------------------------	----

NOVELA

Coroinha	28
----------------	----

MODAS

Femininas	36
-----------------	----

CONTO

Bola de Natal	40
---------------------	----

POLITICA

Trapézio	50
----------------	----

CINEMA

Sai do Brás importante filme brasileiro	54
---	----

SEÇÕES

Palavras Cruzadas	18
A Revista há 58 anos	31
Literatura e Arte	38
Humor (Ambrósio)	58

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape n.º 15, Rio. Enderço Telegráfico: «Revistas». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chinglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas n.º 502 — 19.º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

FILME de Cyd Charisse na praça significa ida obrigatória ao cinema e a semana decorre berçada pelas brisas do quadrante-primavera. Esta semana o filme não veio, mas sendo os dias de festa com a chegada de Ano Novo, damos Cyd e sua beleza na capa. Com votos de feliz 1959 aos nossos leitores.



CONTATO

SEXTA-FEIRA, 19, nas escadarias do Palácio Tiradentes, uma dúzia de revolucionários cubanos, aqui exilados, organizou uma concentração. Motivo: protesto contra o envio de foguetes, por parte da Inglaterra, ao ditador Fulgêncio Batista — envio que virá — talvez — pôr por água abaixo, todo o sôbre-humano esforço das hostes lideradas por Fidel Castro, em seu Quartel-General de Sierra Maestra. A concentração, seguida de passeata e comício, tinha ainda como motivo fazer um apêlo ao presidente Kubitschek — do mesmo modo que vem sendo feito em outros países da América — de romper relações com o governo do ditador cubano.

Reportagem completa às págs. 4 e seguintes.

4.500 cartas chegaram à nossa redação até o dia 15 de dezembro — data marcada para o encerramento do prazo de entrega da correspondência para a “Caixa Postal” REVISTA DA SEMANA. Como estava estipulado, tôdas essas cartas foram entregues à Comissão Julgadora, que selecionou as melhores. Neste número, já damos a relação dos sete primeiros colocados, juntamente com as respectivas cartas. São êles: 1.º — Marioliz de La Torre (cuja carta, exatamente como nos chegou, vai publicada às págs. 19/21), de 13 anos e 3 meses, estudante da Escola Vocacional do Sesi, em São Paulo; 2.º — José Clóvis de Campos, de 10 anos, estudante do F. V. Flamengo, 3.º ano, e morador em Tatuí, Est. São Paulo; 3.º — Ana Maria Pereira de Sousa, de 10 anos, estudante do Grupo Escolar “Cardeal Mota”, 4.º ano, e residente em Jacinto, Minas; 4.º — Norma Bonavides Borges, de 7 anos e 6 meses, estudante do Colégio 13 de Outubro, 2.º ano forte, em Fortaleza, Ceará; 5.º — Nilton Murad, de 12 anos, estudante do Colégio São Francisco de Assis, 1.ª série, no D. Federal; 6.º — Jorge Emilio Dias da Cunha, de 13 anos, estudante da Escola 8-1 “Tiradentes”, 5.ª série, D. Federal e, finalmente, José Henrique Gomes da Silva, de 9 anos, estudante da Escola 8-17 “República do Líbano”, 2.ª série primária, também no D. Federal.

O parecer da Comissão Julgadora, do mesmo modo que as cartas classificadas vão publicados às págs 59 e seguintes.

APRESENTA ainda a Revista: “Lisboa de Ontem e de Hoje” — última reportagem da série que vem fazendo a jornalista portuguesa Fernanda Reis, nossa enviada especial à Europa; “É preciso ter amor à criança para fazer teatro infantil” — entrevista concedida a Roberto Quintaes pela atriz e autora teatral Thais Bianchi; o belo conto de Carlos Augusto Nem — “Bola de Natal”, ilustrado por Levi Menezes; e o capítulo final de “Coroinha” — novela de Renard Perez. Aproveitamos a oportunidade para anunciar, desde já, o início da publicação da próxima novela seriada: “O Caso de João Simões”, mirabolante história de fantasmas, da autoria de um dos mestres da história curta, no Brasil: Orígenes Lessa.

Foguetes ameaçam Fidel Castro e

EN ESPAÑOL

Vol. 9, No. 11 17 de Junho de 1957



Conta o Movimento de 26 de julho com um grupamento feminino em suas fileiras. Nos primeiros choques de que participaram deram demonstrações de grande disciplina e bravura.

LUTA EM CUBA SE EST

DESDE ALGUMAS SEMANAS circulam pelo Rio volantes estampados com a foto de um cubano barbado, óculos aro e tartaruga, aspecto intelectual. E' o advogado Fidel Castro, lider da revolução cubana, o homem da foto; e os panfletos, impressos no Brasil, são distribuídos pelo Comitê de



Os guerrilheiros rebeldes quando presos, são bárbaramente torturados e mortos. Na foto vemos Antônio Fernandez Leon, um menino de 16 anos, assassinado pelos homens de Fulgêncio Batista.

S T ENDE ÀS AMÉRICAS

Exilados Cubanos que funciona em nosso país. Três dos doze membros deste Comitê estiveram na redação da REVISTA DA SEMANA explicando a sua causa e comunicando objetivos do protesto que moveram na semana que passou. São eles Reinaldo Arbesu, médico já, apesar da pou-

ca idade, Leopoldo Yañez, estudante de Engenharia e Nilo Dia de Arce, comerciante.

Não faz muito que vieram para o Brasil (o mais antigo do Comitê aqui está há 17 meses), e ganham a vida da melhor maneira possível. Exercem as mais variadas profissões de feirante a cabineiro de ele-

vador, e vão mantendo acesa a chama de sua revolução por toda a América. Um dos membros deste Comitê, o mais idoso, é fazendeiro, e suas terras e rebanhos foram confiscadas pelo ditador Fulgêncio Batista. Sua luta, fora das fronteiras de Cuba, prossegue infatigável. Trouxeram-no exem-



Fidel Castro, advogado e doutor em letras clássicas, chefe do Movimento de 26 de julho. Atrás vê-se o tenente Camillo Cienfuegos, outro dos líderes da revolução.

plares do órgão oficial rebelde, o "Sierra Maestra", mesmo nome da cordilheira que abriga o QG do Movimento de 26 de Julho, jornal publicado em Miami, Flórida. Os rapazes cubanos abrem à nossa frente o "Sierra Maestra" para que possamos ver, reproduzidas em fotos, as barbaridades cometidas pela Polícia e pela Força Militar de Batista. Numa das fotos, um sargento

do governo atea fogo ao cadáver de um prisioneiro rebelde. Em outras, vemos meninos de 16 e 17 anos assassinados pelos esbirros de Batista, cadáveres insepultos e abandonados, guerrilheiros torturados e mortos.

Este pequeno jornal é de grande importância para os exilados e imigrantes cubanos. Fornece informes sobre a luta em

Mulheres alistam-se na



Viveres são recebidos em Sierra Maestra. no Peru tenciona-se romper relações diplo



Comandante Ernesto Ivezara, chefe revolu cachimbo num momento de folga e é entre cordilheiras cubanas.

a
revolução. Batista compra foguetes para novas chacinas.



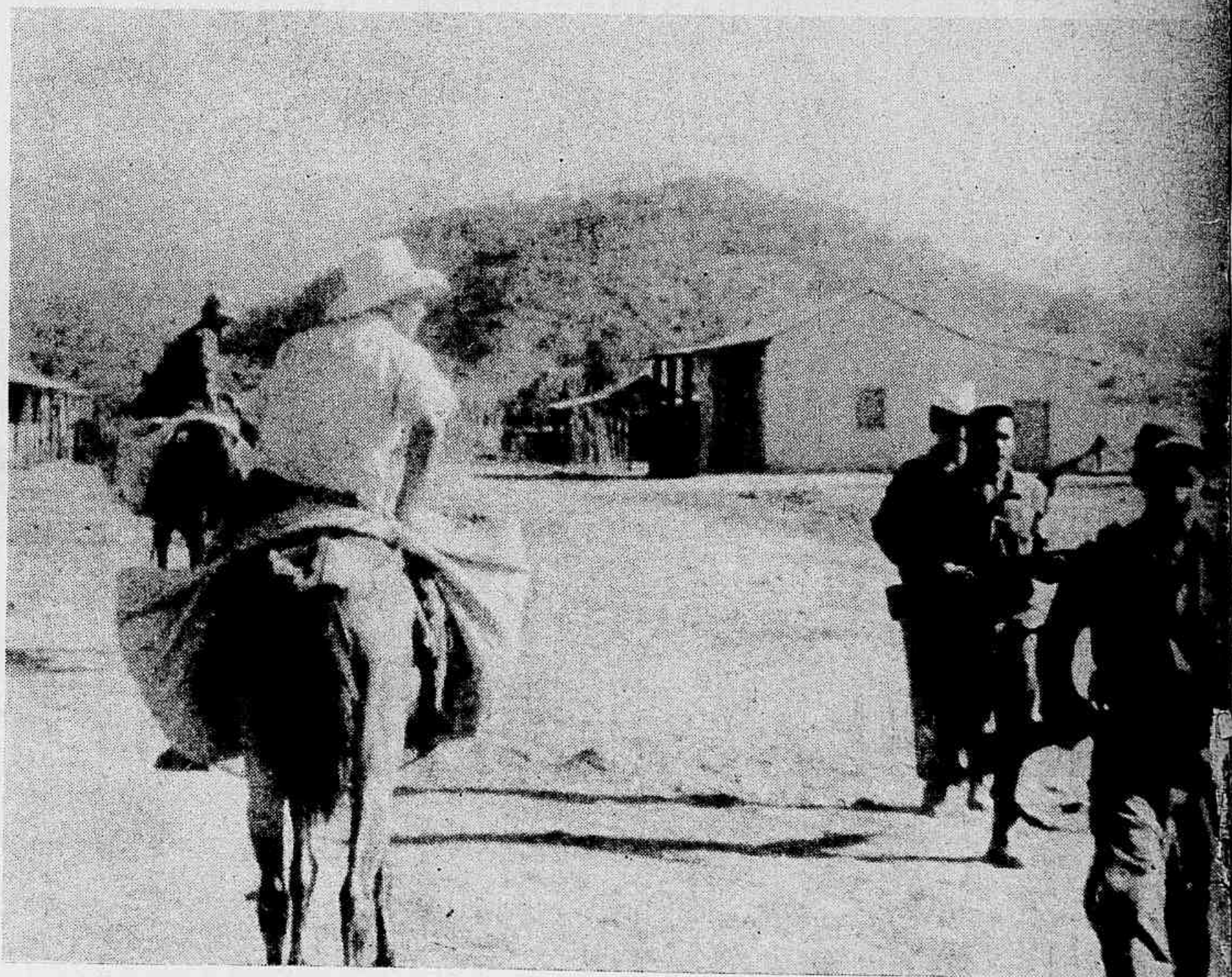
Chegam também gratas notícias de fora: místicas com o ditador Batista.



O moral das tropas revolucionárias é alto, ao contrário do que acontece com as forças legais. A causa de Fidel Castro significa liberdade e democracia para Cuba.



cionário da região de Las Villas, pita seu vistado por repórteres que galgaram as



Tropas rebeldes patrulham constantemente Sierra Maestra. A vitória revolucionária parece irremediável para Batista se o ditador não conseguir os foguetes britânicos.



Cubanos exilados no Brasil cumprem sua parte na luta revolucionária. Pelas ruas do Rio, em passeata, protestaram contra a cessão de foguetes ingleses à Batista.



UNE reconhece govêr

Cuba, dá conta das atividades hospitalares e de abastecimento, de apreensão de armas legais, de tudo que sirva para manter cientes e unidos os cubanos perseguidos que se espalham por toda a América.

PROTESTO CONTRA ENVIO DE FOGUETES

Os três cubanos que nos visitaram tinham uma missão a cumprir. Como nos asseguraram nessa ocasião, no dia seguinte, 19 de dezembro, sob o sol causticante, os doze membros do Comitê se reuniram às 3 da tarde frente à Câmara de Deputados, empunhando faixas e cartazes. Era o ponto marcado para o início da passeata de protesto contra o envio de 100 toneladas de foguetes da Inglaterra para o ditador Fulgêncio Batista. Os transeuntes detinham-se, curiosos, para ver e ler as faixas que eram erguidas. Uma delas se referia a outro objetivo da manifestação: solicitar ao Presidente Kubitschek o rompimento de relações entre o Brasil e Cuba ditatorial. Muitos dos cartazes pintavam a catadura sangüinária do Fulgêncio Batista. Misturados aos populares que se aglomeravam em torno aos cubanos, repórteres de todos os jornais da capital faziam perguntas e co-



As faixas de protesto são desfraldadas frente à Câmara de Deputados. Os revoltosos pedem que o Brasil rompa relações com a Cuba ditatorial.

no de Fidel Castro

lhiam fotos. Estudantes brasileiros colaboravam com os colegas de Cuba, solidários com o seu desagravo. Antes da passeata, os cubanos procuraram entrar em contato com alguns deputados brasileiros (entre eles Rogê Ferreira, Sérgio Magalhães e Neiva Moreira) pedindo aos parlamentares pronunciamentos no plenário contra venda dos foguetes ingleses. A seguir, desfilaram pelo centro da cidade e alcançaram a Praia do Flamengo em demanda da Embaixada da Inglaterra. Lá reiteraram publicamente seu protesto. Nem ao menos um funcionário da Embaixada assomou às janelas. E à noite lavraram um tento, embora de significação mais propriamente simbólica: em reunião especial a UNE reconheceu o Governo revolucionário como o oficial de Cuba.

SIGNIFICADO DA VENDA DE BALÍSTICOS

Os foguetes ingleses, que estão na posição de "pivots" em toda esta celeuma interamericana, são de importância vital para os rebeldes cubanos. Sabe-se que já foram embarcados e, no momento, estão acondicionados em Porto Rico, prontos para serem remetidos a Fulgêncio Batista,



Cuba continua em luta



Sob a sombra da estátua de José Martí, situada no pico mais alto de Cuba, Fidel Castro (de gorro) e seu irmão Raul Castro (de mangas arregaçadas) posam com jornalistas.

em que pesem as censuras da bancada trabalhista do Parlamento da Inglaterra. A entrega desses modernos armamentos ao ditador causará uma total reviravolta na situação cubana. O Movimento de 26 de Julho é tido como praticamente vitorioso desde que Fidel Castro conseguiu ocupar vasta região ao sul da ilha, que detém nada menos de 60% da produção do país.

Esta situação, que por sinal vem despertando bem de perto o interesse da Organização dos Estados Americanos, colocou o ditador Batista em verdadeiro desespero de Causa. Gastando milhões e milhões de dólares, sacrificando os cofres da nação, Batista adquiriu, à Inglaterra, os cem mil quilos de balísticos para conter a derrota final que já se desenhava iminente. Este fato gerou os movimentos de protesto que os exilados cubanos estão promovendo por toda a América. Segundo afirmam os revolucionários, ora no Brasil, Batista está ten-

tando forçar uma passagem-corredor através do território dominado por Fidel Castro para poder receber, em uma cidade que domina a oeste, os poderosos foguetes de Sua Majestade.

Os rebeldes cubanos já têm adotado várias medidas repressivas contra interesses ingleses por todo o país. Entre essas medidas avulta o boicote a todos produtos ingleses em Cuba, especialmente gasolina, seguros, medicamentos, transportes ferroviários; a campanha de sabotagem contra propriedades inglesas; o estabelecimento da lei de indenização econômica ao povo cubano pelos danos que sofrer em consequência da ação das armas vendidas pela Inglaterra.

AÇÃO COESA

Para evitar que se consuma a transação entre Inglaterra e Batista, que será fatal à sua luta, os exilados cubanos, coesos, se-

guem à risca as determinações de Fidel Castro. A importância de sua atuação junto aos povos que vivem sob regime democrático pela América é constantemente exaltada pelas palavras candentes do próprio líder revolucionário. Estes moços que hoje vivem no Brasil já foram caçados pelo ditador em sua terra e conseguiram escapar para o Brasil graças ao asilo com que nossa embaixada em Havana os protegeu. Eles continuam empenhados na defesa do ideal que formaram.

Batalham para derrubar mais um regime discricionário que oprime e envergonha a América Latina. Sua luta é a luta dos livres. Como eles, outros revolucionários emigrados, pelos Estados Unidos, pela Venezuela, pelo Chile, fomentam o apoio dos países americanos ao Movimento de 26 de Julho. Por ora seu objetivo principal é um só: impedir o envio de foguetes ingleses à Fulgência Batista.

FUI SEGURAMENTE informada de que a babá de uma das nossas dez mais elegantes está com os vencimentos congelados há vários meses. Qualquer dia a cidadã perde sua paciência e vamos ter penhora numa empresa importante...

ESTA FALTANDO ao simpático dr. Pitanguy uma incursão pelo quadro social do Monte Líbano. Em matéria de apêndices nasais as gentis sócias do clube da Lagoa oferecem matéria-prima fascinante, que certamente entusiasmará este artista do arrendimento.

FORAM VARIAS as cafajestadas do vate gorducho que o Brasil despachou como porta-voz para o Comitê dos 21. Certa vez, querendo expressar o seu descontentamento para com a delegação norte-americana, o bem nutrido bardo só faltou se deitar, ao comprido, sobre as cadeiras da sala, enquanto o delegado norte-americano falava. Não contente com isso, fazia caretas e trejeitos para toda uma estarecida platéia.

A BEM DA VERDADE, contudo, registre-se que a participação do referido vate ficou no terreno da pantomima e do vozerio mal educado. O discurso que tanta celeuma levantou não foi escrito por ele, sendo atribuído por fontes autorizadas ao diplomata Miguel Osório de Almeida.

O MAIOR gramado do Brasil está sendo plantado na nova residência de Celso da Rocha Miranda em Teresópolis. A GEA, encarregada do ajardinamento, está se abastecendo de grama branca até nas imediações do Pico de Itatiaia. O orçamento é salgadíssimo, mas a Petrolanza — petróleo do Chaco Paraguai, de sociedade com a British Petroleum — está aí mesmo, com perspectivas que garantem este e outros gramados.

NO SÉTIMO CÉU, com a chegada de sua filha Sybil e do jovem neto Edmundo, o jornalista Paulo Bittencourt, que fez questão de enfrentar uma chuva valente e ir esperar os dois em lancha aberta, barra afora. Uma das primeiras pessoas que Sybil visitou no Rio foi o pianista Tomás Teran.

S. PAULO TODO se movimentou em defesa do TBC, patrimônio artístico que o colapso de Zampari ameaçou. A obra desse mecenas com fumaças de ditador é grande demais para desaparecer. E nesta impossibilidade do TBC ruir está o maior elogio que se pode fazer a Franco Zampari.

CARTA DE WASHINGTON me informa que tanto o ministro Lucas Lopes como Roberto Campos causaram excelente e profunda impressão entre autoridades e industriais norte-americanos. Houve mesmo um porta-voz da Casa Branca que declarou: "O dia em que todos os países latino-americanos possuírem um Ministro da Fazenda como "doctor Lopes" e um presidente de Banco do Desenvolvimento Eco-

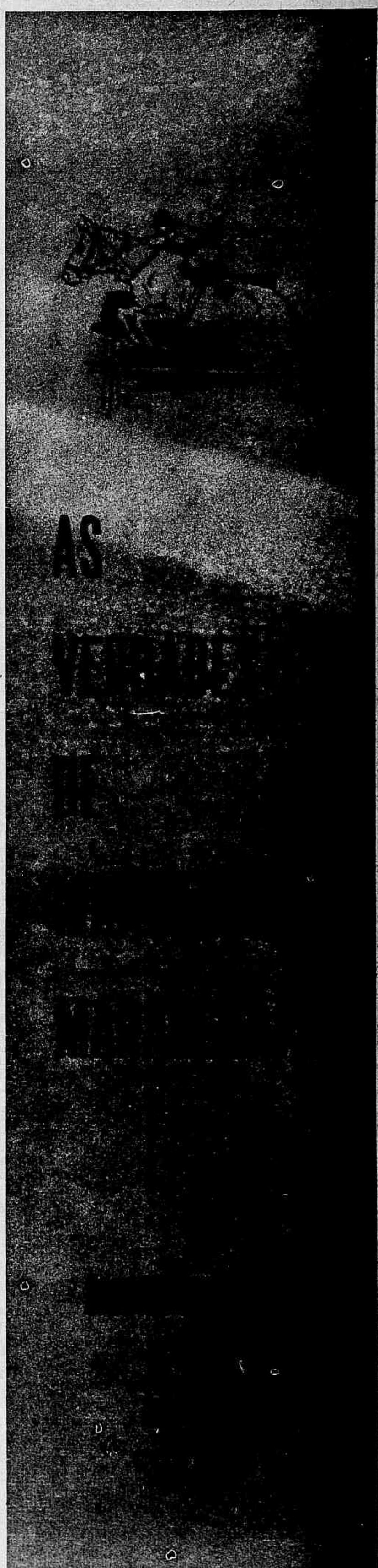
nmico como "doctor Campos", a Operação Pan-Americana será a coisa mais fácil do mundo". Esta e outras declarações de que tive notícia, confirmam a impressão de uma jornalista novaiorquina, minha amiga, quando diz que o Brasil é uma vítima de sua vizinhança. Realmente, não fôra certos "hermanitos", já teríamos embolsado os dólares há muito tempo...

O COUNTRY inteiro anda impressionado com o segredo da eterna juventude cultivado pelo Cláudio Silveira. Cada vez mais moço, ele é sério candidato ao título de "Virgílio Carneiro da era interplanetária". (O título foi sugerido por simpática balzaquiana, um flêrte do Cláudio na primeira mocidade...).

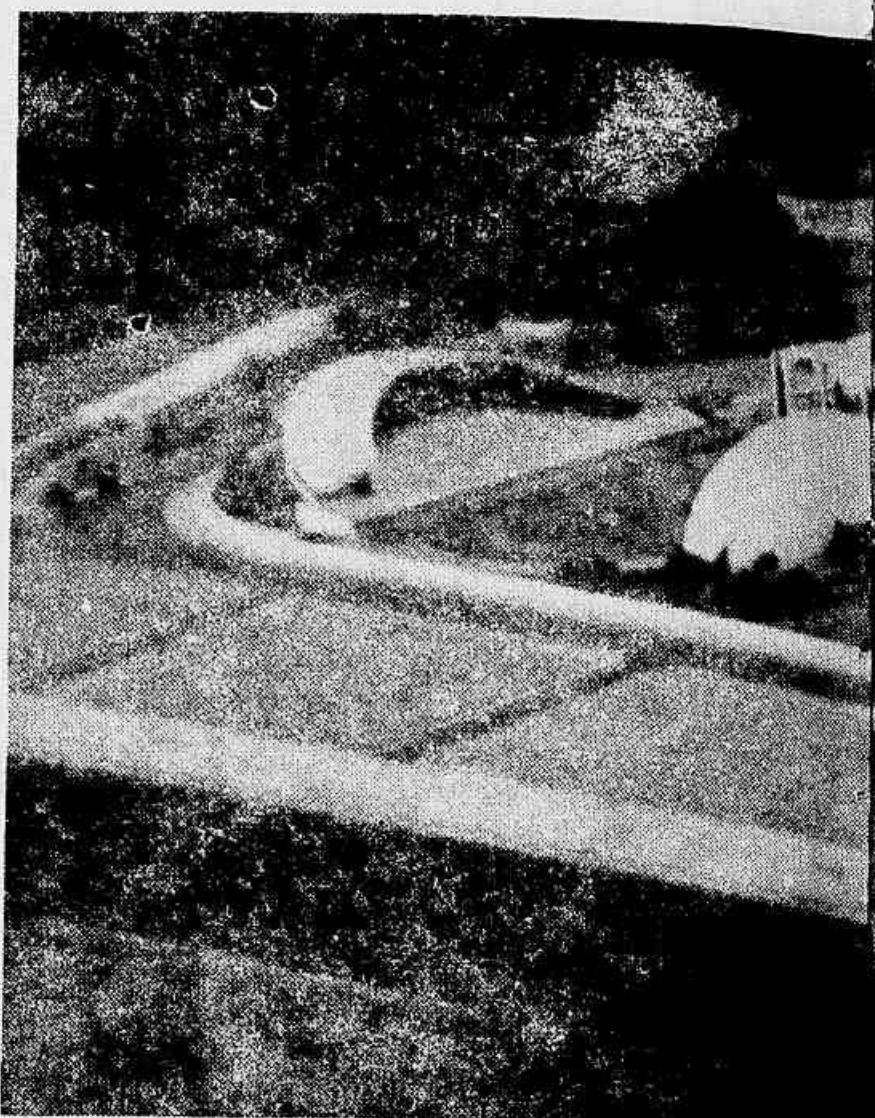
NAO REPERCUTE bem no Itamarati a campanha contra o restaurante da casa, o "Bife do Zinco". O concessionário se queixa de que atrás dos ataques na imprensa existe interesse de terceiros na exploração do negócio que lhe pertence, o qual seria transformado num elegantíssimo restaurante. Como a boa maioria dos diplomatas sem pôsto, ancorados na Secretaria de Estado, não ganha para comer diariamente num "Bifezinho de Ouro", é grande a simpatia pela permanência do modesto "Bife de Zinco". O curioso é que uns reclamam comida com gosto de barata, enquanto outros defendem justamente uma comida que seja barata...

OS CRONISTAS teriam se encontrado na praia: Pongetti, All Right e Paulo Mendes Campos. Conversa vai, conversa vem, um brôto tipo bardot se incorporou ao grupo formado na barraca, tendo sido apresentado aos escribas. As referências jornalísticas, entretanto, foram inúteis: a memina não sabia quem era Pongetti, All Right ou Paulinho, jamais os lera no "Globo", "Correio da Manhã", ou "Diário Carioca". Nesse instante alguém comentou, apontando para um cavalheiro moreno que dava entrada na praia: "Aquêle ali é o Santos Vahlis". O rostinho brejeiro se iluminou imediatamente e a bardôzinha copacabaneense exclamou: "Este eu conheço! A coluna dêle sai em todos os jornais!"

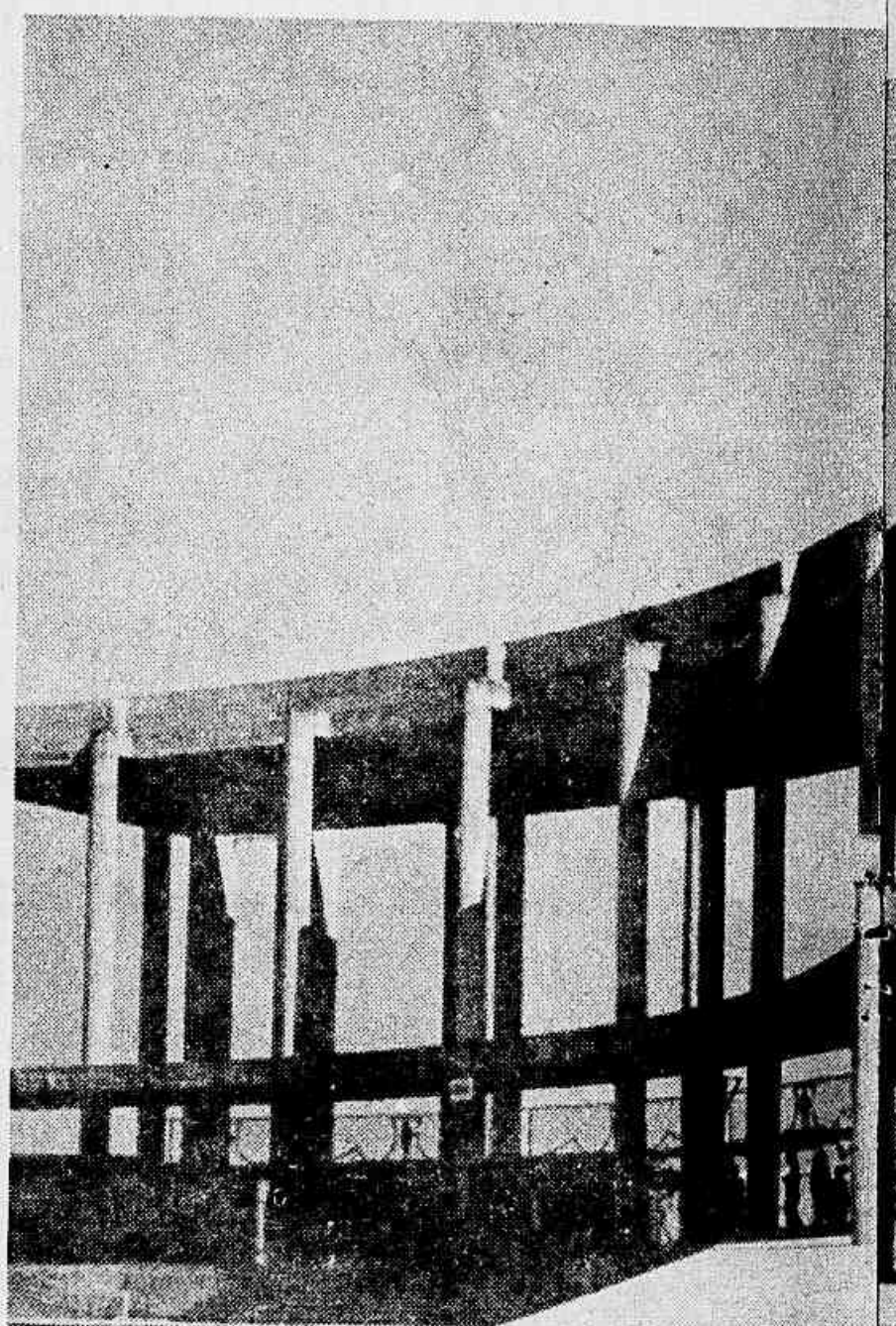
OS FAS do tênis que acorreram ao Caiçaras na última noite da temporada internacional, ficaram decepcionados com o clube da Lagoa. Não havia serviço para aluguel de almofadas e os espectadores ficaram horas condenados a uma arquibancada dura como pedra. Além disso, num flagrante desrespeito para com os jogadores, conversava-se, ria-se e gritava-se em altos brados atrás de uma das cabeceiras da quadra. Isto, para não falar na arrogância e falta de educação do Vitor, no bar do clube, destratando pessoas que ali somente se encontravam, pagando ingresso, por ter sido o Caiçaras escolhido como local dos jogos, e que mereciam ser atendidas com a mesmíssima gentileza que os sócios do Caiçaras. Merecem. E, acima de tudo, servindo coca-cola quente, atentado equivalente a uma distribuição de purgante...



O' ESCULTOR RENATO MIGUEZ FAZ

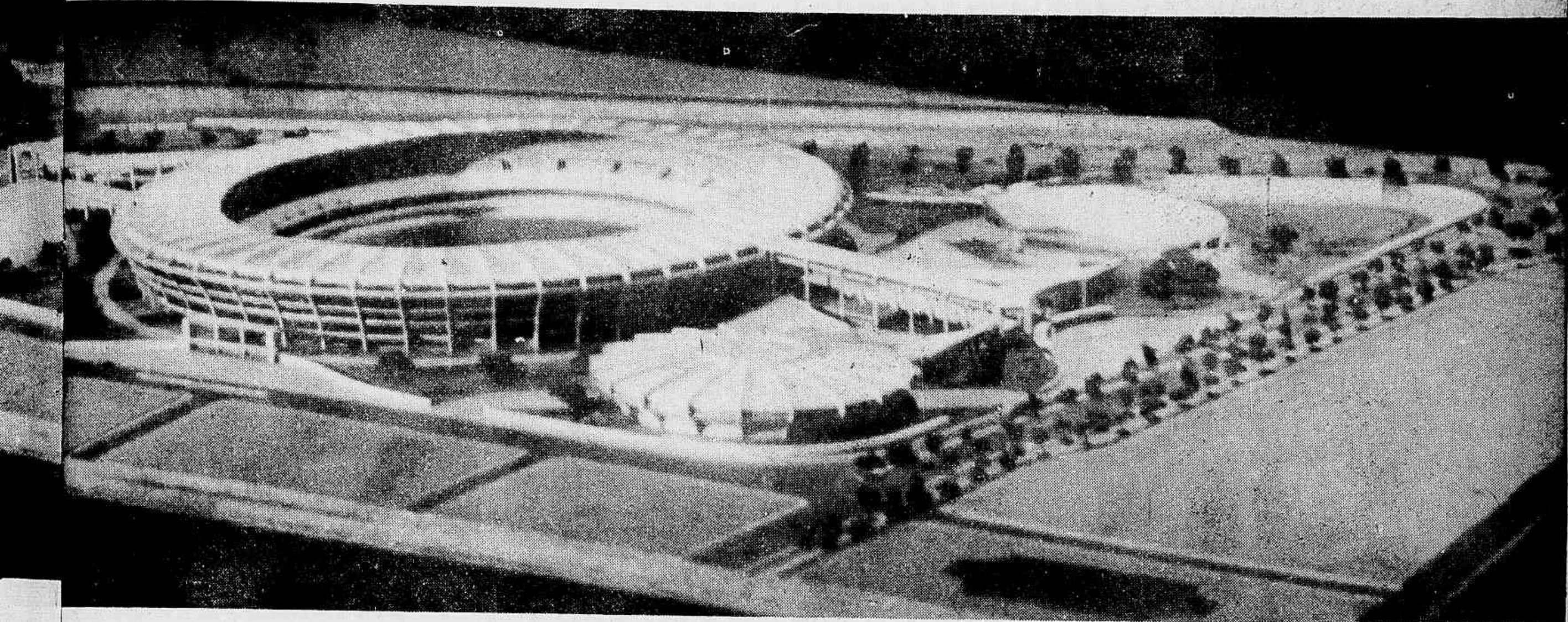


SEGUNDO

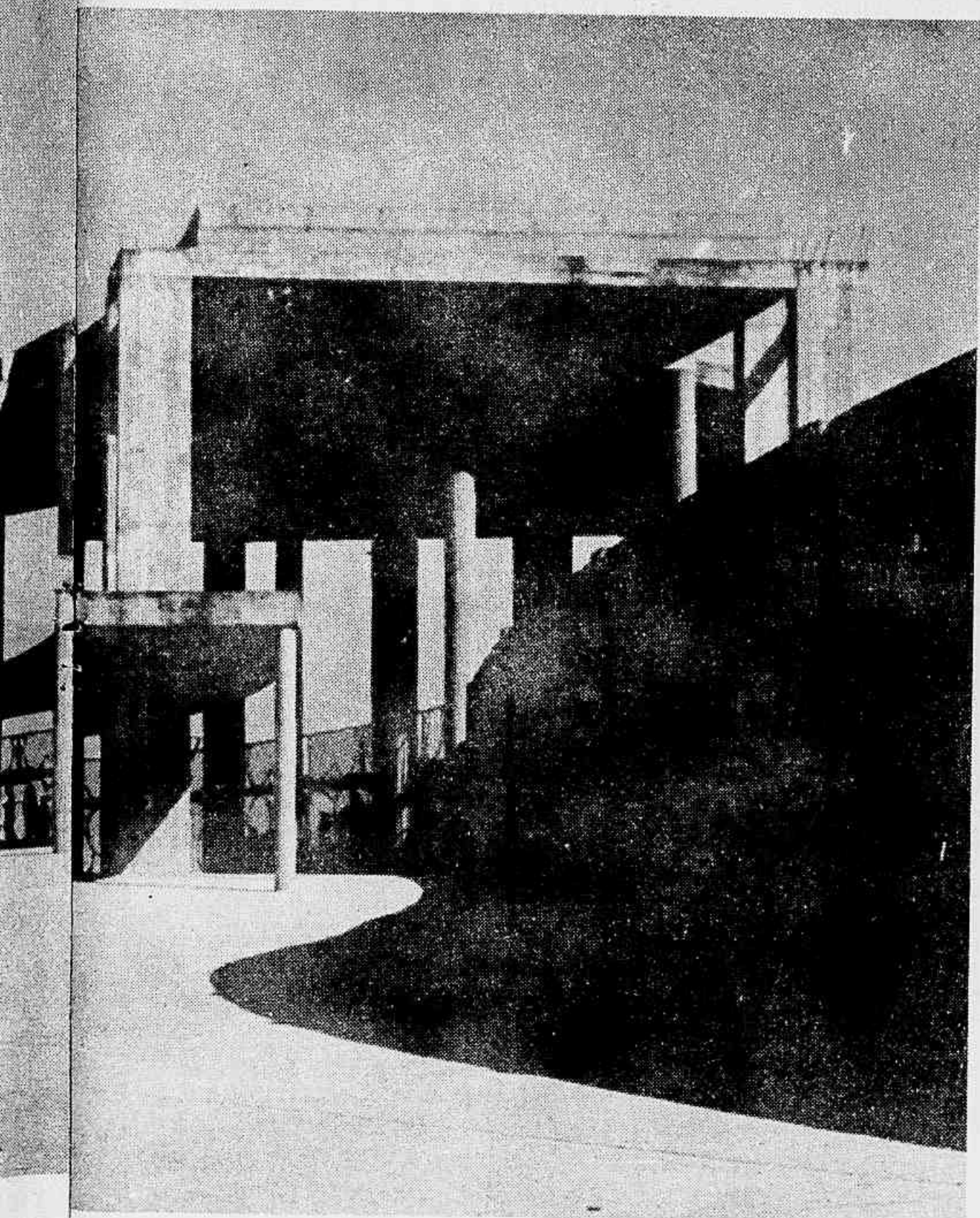


A escultura premiada (à esquerda), da autoria de Bruno Giorgi, e a classificada em segundo lugar — de Renato Miguez. Segundo Miguez, houve pré-julgamento da Comissão Julgadora, e por isso êle requereu anulação do concurso.

Vista geral (ao alto) da praça de esportes do Maracanã e detalhe da entrada do Estádio (em baixo), onde será levantado o monumento: belo complemento do magnífico conjunto.



0 TEMPO DO CONCURSO BAFAFÁ



EM NOSSO N.º 48 realizamos a reportagem "Giorgi esculpiu vitória num concurso bafafá" focalizando o enrolado caso do monumento aos campeões do mundo, ainda hoje temperando em banho-maria. Entrevistamos Bruno Giorgi, autor da escultura vencedora, realizamos pequena **enquete** com alguns dos nomes mais expressivos de nossas artes plásticas, procuramos a palavra do presidente do SESC, órgão patrocinador do concurso. Agora, para fechar a questão em nossas páginas, publicamos um depoimento importante que ainda não havia sido por nós registrado: é de Renato Miguez, um dos principais (senão o principal) implicado na novelesca tramitação deste concurso. Foi justamente ele, o segundo colocado, quem impediu o início das obras do monumento no Maracanã, e o pagamento dos prêmios em dinheiro com o requerimento que enviou ao SESC pleiteando anulação geral, alegando pré-julgamento da Comissão Julgadora na escolha final. Após a publicação da reportagem, Renato Miguez compareceu à nossa redação disposto a esclarecer alguns pontos do bafafá. Disse-nos que a falha primordial dos trabalhos de julgamento residiu na ausência de um dos membros nomeados para a Comissão, o sr. João Havelange, presidente da CBD. Segundo as palavras de Miguez, Havelange não teve substituto nem qualquer explicação a respeito do fato foi prestada, prosseguindo os trabalhos com apenas quatro membros no júri. Miguez criticou acerbamente também declarações posteriores ao resultado do concurso prestadas através da imprensa por membros do júri, em que estes afirmavam que a vitória de Giorgi prendia-se à inexistência de grandes nomes de nossa escultura inscritos. Referiu-se principalmente às declarações de José Pedrosa, pelo mesmo desmentidas vinte dias depois de colhidas de forma categórica. Miguez disse mais: que Antônio Bento pelos jornais fez sentir que a Comissão Julgadora se inclinaria pelos trabalhos modernos. Nesse mesmo aspecto criticou atitudes de Murilo Miranda. Informou ainda Miguez que o livro de assinaturas corrido nas exposições realizadas em casas comerciais foi iniciativa do "Diário da Noite" e do diretório da Escola Nacional de Belas Artes. Asseverou que o edital do concurso foi alterado para a concessão de menção honrosa ao trabalho de Moacir Figueiredo. Finalizou reclamando contra a inclusão do depoimento de Bellini na reportagem. Queria o de Didi. Fica o registro. O filme-em-série ainda continua.



A boêmia em mim é destino. Como uma praga.

Não tomei remédio para

CANTANDO "que saudade do meu Pernambuco", Antônio Maria, cronista e homem de rádio e TV, entrou sob palmas no auditório do "Rádio Jornal do Comércio", no Recife, para ser entrevistado em "Encontro Marcado". E da mesma forma encerrou o programa, com o seu "Frevo N.º 2", cuja letra, em um dos versos, diz: "Recife mandou me chamar".

Uma das coisas que mais despertou a atenção, foi o emagrecimento de Maria. Perdendo 35 quilos, o autor de "Ninguém me ama", passou a ensinar a "fórmula mágica" a todos os gordos que vivem sonhando emagrecer... Na opinião do cronista, "o homem engorda porque sente necessidade de ocupar mais lugar no mundo". E continua: "Quero emagrecer um pouco mais ainda, porém nunca desejaria ser um magro. Os gordos são mais doces..." O segredo, segundo ele, é muito simples: "nada de pão, nada de manteiga,

o mesmo de arroz. Carne, verduras, frutas, até uma tonelada por dia. E nenhum argumento é tão convincente, do que o mais de três dezenas de quilos que perdi..."

"Bate papo" não me lembro onde, foi o "show" que Antônio Maria assistiu no "Flutuante" (cabaré dos piores), tão logo desceu no Recife. E de lá, com o "play-boy" Alexandrino Rocha, que também faz jornalismo, foi dar uma olhadela no outro lado da ponte, onde à noite perambulam 1.400 mulheres, no bairro que pelo dia, o comércio é de transações bancárias. Sem esquecer de provar o abacaxi no cais de Santa Rita, com o Francisco Rodrigues Filho (Relações Públicas da "Varig"), e aspirar a brisa gostosa às margens do Capibaribe.

Melhor época não existe para visitar o Recife, do que esta de novembro a janeiro. As suas ruas estão impregnadas do cheiro



Antônio Maria

foi ao

"Encontro Marcado"

cantando:

- RECIFE MANDOU ME CHAMAR

emagrecer. Passel a comer carnes e frutas.

dos cajus, das mangas, do sapoti, dos abacaxis. O sol, bem a pino, porém menos quente do que aqui no Rio, neste verão é um convite permanente ao banho de mar e à água do côco verde. Antônio Maria, como pernambucano, se deliciou, melhor que qualquer forasteiro, com êsse autêntico festival de frutas. E Antônio Monte (do Grande Hotel), se encarregou de matar essas saudades, mandando encher as fruteiras do apartamento do cronista.

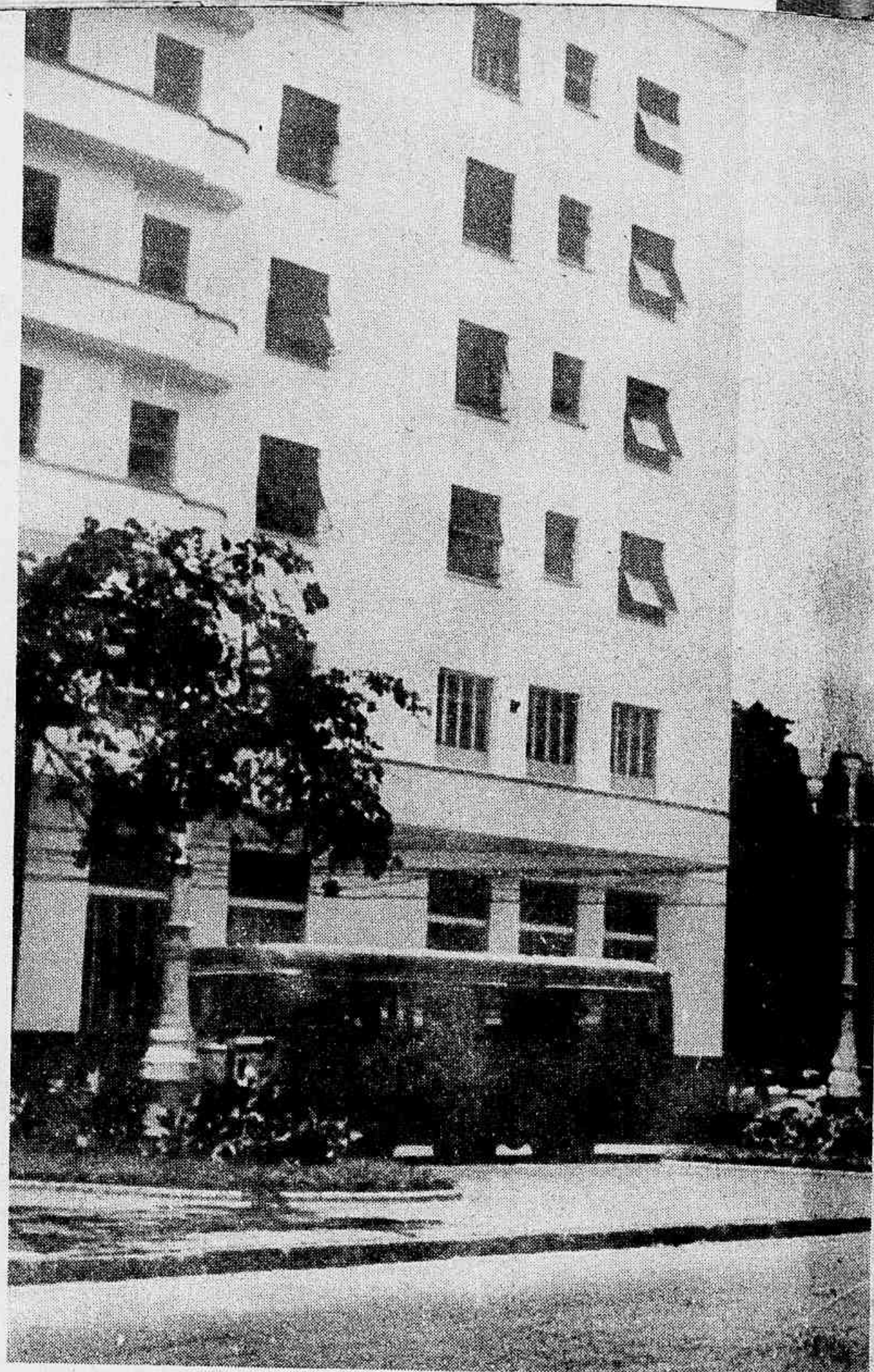
A noite, no programa radiojornalístico que tem o patrocínio da "Varig" e é uma iniciativa do "Jornal do Comércio" e "Diário da Noite" (do Recife) em colaboração com a REVISTA DA SEMANA, Antônio Maria recebeu a visita de Otilia, a famosa quituteira que tem um barraco (mas é onde se come melhor no Recife) debruçado sobre o rio. Otilia foi levar ao seu amigo uma fritada de carangueijo, com prato, talheres e guardanapo,

para que ele comesse ali mesmo, no auditório... E o público riu a valer com o espanto de Antônio Maria, por ter de jantar diante de uma platéia. O que não chegou a acontecer para não interromper o programa.

Darwin Brandão e Hélio Polito, produtores de "Encontro Marcado", submeteram Maria a um bombardeio de perguntas. Um resumo dessa entrevista, que também foi retransmitida em Fortaleza (Rádio Verdes Mares) e Natal (Rádio Nordeste), é o que transcrevemos abaixo:

— Você é acusado por alguns de seus inimigos e até por algumas pessoas que são do seu círculo de amizade, de ser um profissional da simpatia. Que nos diz disso?

— Não é do meu círculo de amizade e nem sequer me conhece quem me acusa disto. Passo os dias inteiros trancado, traba-



AMIZADE É COMO PERNA DE CAVALO. QUAN

lhando. Nunca fui à cidade, durante o dia. E não almoço em companhia de ninguém. E, como todo mundo sabe, o lugar de se ser simpático é a cidade. E a grande hora de simpatia é a do almoço. Só estou bem e à vontade em companhia das pessoas que amo. Passou disso, não sei dizer coisa com coisa e tenho que estar sempre em cuidados, para não ser grosseiro.

— A gordura não atrapalha sua vida?

— Quando era muita, um pouco. Eu sempre quis comprar roupa feita e, para mim, para o meu número, eu só encontrava, feitos, os lenços e as gravatas. Ser magro é melhor mas todo ser humano precisa ter um pouco de gordura, principalmente na carne e espírito.

— Todo mundo sabe que você e Fernando Lôbo são brigados. Como ambos estão intensamente ligados a Pernambuco, não há lugar melhor para esta pergunta do que Recife: por que vocês brigaram?

— Foi mais um: tantas fêz, que perdeu o direito à minha intimidade. E amizade é como perna de cavalo. Quando quebra, não há quem conserte.

— Você, cronista da noite, é capaz de conhecer um uísque autêntico de um uísque falsificado?

— No primeiro, sim. Depois do terceiro, dificilmente.

— Se você estivesse em condições de deixar de trabalhar agora e viver, digamos, de rendas, que você faria, onde iria morar?

— Trancar-me-ia, para escrever a sério. Não quero outra coisa, na vida, senão amar única e exclusivamente a minha arte. Até

hoje, não escrevi. Bati máquina, sempre às pressas e cansadíssimo. A não ser algumas de minhas canções e meus filhos, renunciaria, agora mesmo, tudo o que fiz, artisticamente, até hoje. Quanto ao lugar de viver, gostaria de ficar muito tempo em Viena do Castelo ou no inverno de Nova Friburgo.

— Agora, uma outra acusação e, naturalmente, sua defesa. É verdade que você tem uma facilidade enorme de esquecer os amigos?

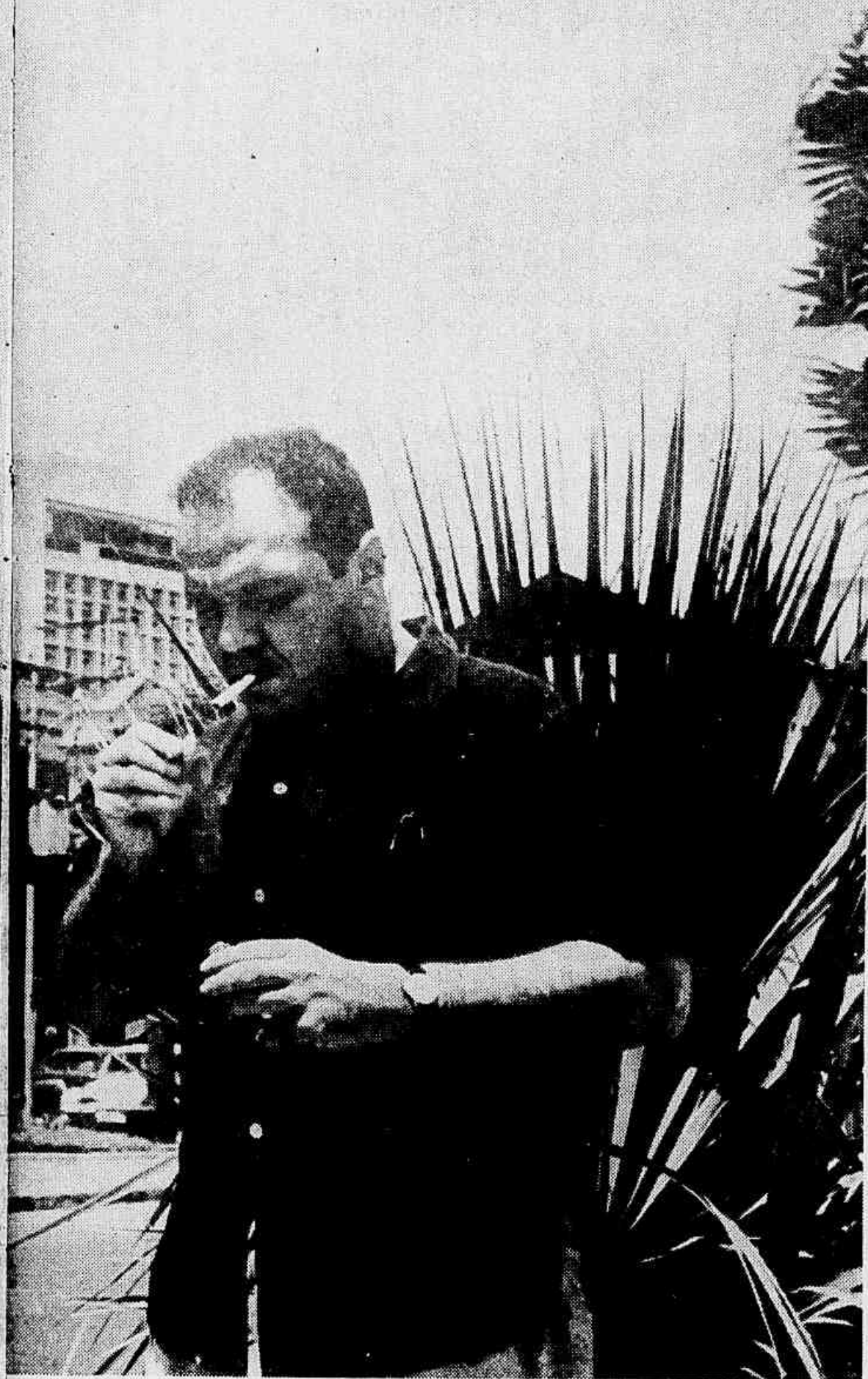
— Eu, não. Todo mundo. Quando a vida afasta dois amigos, em pouco tempo os dois se esquecem, um do outro e, em alguns casos, se incompatibilizam. Não há nada mais melancólico que encontrar, após separação mais longa, um amigo de infância.

— Se lhe fôsse possível oferecer uma grande festa no Recife e mostrar a cidade a um grupo de 10 pessoas cariocas, quais as pessoas que você convidaria?

— Rosalee (Rainha dos Jogos da Primavera), Eloísa Menezes, Maria Sônia Soares de Araújo, Noelza Guimarães, Maria Helena Gióia, Rosinha Serzedelo Machado, Ilka Soares, Rossana Podestá, Marilyn Monroe, Cyd Charisse e uma mocinha de Friburgo, tão bonita, Suely Correia. São todas belas. Entenderiam o Recife.

— Você que fala tanto em beleza feminina em suas crônicas, pode definir para os ouvintes o que é uma mulher bonita?

— Uma mulher bonita é uma mulher fisicamente bonita, com uma sensibilidade que saiba dirigir sua beleza. Fazem-me horrível mal as mulheres banais. A mulher precisa ter beleza interior. Uma mulher feia, quando é bonita por dentro, sereniza



DO QUEBRA NÃO HÁ QUEM CONSERTE.

a vida. E, em certos casos, não há nada mais bonito que uma mulher feia.

— Vamos admitir que você tivesse que receber em sua casa três pessoas famosas — o presidente Juscelino, o cantor Dorival Caymmi e o escritor João Condé — mas só pudesse receber um deles. Qual escolheria?

— Claro, que Juscelino. João Condé e Caymmi haveriam, de compreender e viriam a outro almôço.

— Você não escolheu mais o escrete de Mesa de Pista, como ocorreu há dois anos atrás. Se fôsse escolher este ano, qual seria o seu escrete?

— Não sei continuar as coisas. Fiz o primeiro escrete, senti o seu sucesso. Mas sabia que teria preguiça de repeti-lo. O escrete dêste ano eu organizaria assim: Beleza: Roselee; Esportes: Garincha. Compositor: Ari Barroso (fêz "É luxo só"); Jornalista: Herbert Moses; Pintor: Di Cavalcanti; Teatro: Ariano Suassuna; Valor humano: Dom Helder Câmara; Cantora: Elizete; Bem Coletivo: Marcelo Garcia (na vacinação Salk); Escritor: Jorge Amado. Poeta: Olegário Mariano, cuja morte foi como o último verso de um poema a completar.

— Vamos fazer para você aqui, uma pergunta que já fizemos a outros convidados: se hoje, dobrando uma esquina você se encontrasse consigo mesmo aos 20 anos de idade, que faria?

— Não falaria comigo. Viraria o rosto. Aos 20 anos, eu era péssima companhia.

— Você é um homem feliz?

— Não há ninguém feliz de janeiro a janeiro. Alternadamente, é-se feliz e infelicíssimo. Quanto a mim, fico feliz com pouca coisa. Às vêzes, só em entender a extensão da minha crise de infelicidade. De um modo geral, vivo em felicidade. Se a cara tem ar infeliz, não se preocupem, é cansaço. Sou uma das pessoas mais cansadas do Brasil.

— Você já ouviu alguma música sua tocada fora do Brasil? Qual a sensação que sentiu?

— Ouvi-as como se fôssem dos outros, sabendo-as cada vez mais minhas. Nunca tive o menor desejo de mandar alguém anunciar ao microfone: "Encontra-se aqui o feliz autor desta canção".

— A boêmia em você é uma necessidade, um prazer ou uma profissão?

— É um destino. Como uma praga.

— Você aconselharia para seu filho, a vida que leva, no momento?

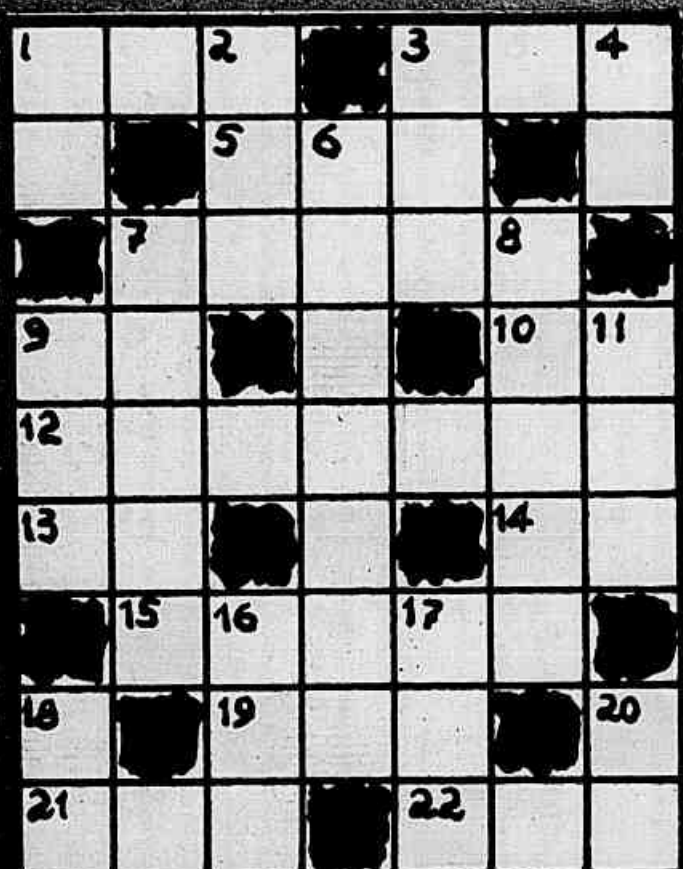
— Nunca. O pior negócio do Brasil é ser Antônio Maria. Negócio deficitário, sob todos os pontos de vista. De mim, queria que meu filho herdasse a lucidez e a coragem. Já tenho provas de sua coragem.

— Qual foi o remédio que tomou para emagrecer?

— Nunca tomei remédios para emagrecer. Passei a comer carnes.

— Qual a sua melhor recordação da Usina Cachoeira Lisa, onde viveu tanto tempo?

— O rio Serinhaem, o trem da Great Western, o mugido dos bois, de manhãzinha, minha família e eu mesmo.



PROBLEMA N.º 65 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 3. Condimento — 5. Curso de água natural — 7. Nome da mãe de Jesus — 9. Símbolo químico do rádio — 10. Aqui — 12. Fazer intimação — 13. Perversa — 14. Variação pronominal — 15. Dera miados — 19. Pedra do altar — 21. Aqui está — 22. Produz som.

VERTICAIS: 1. Brisa — 2. Lavra — 3. Do verbo soer — 4. Estudei — 6. Produzir irritação — 7. Vertem; provém — 8. Respeita — 9. Viscera secretora da urina — 11. Nome de homem — 16. Seguias — 17. Chefe etiope — 18. Igreja episcopal — 20. Naquele lugar.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 64

PARA VETERANOS

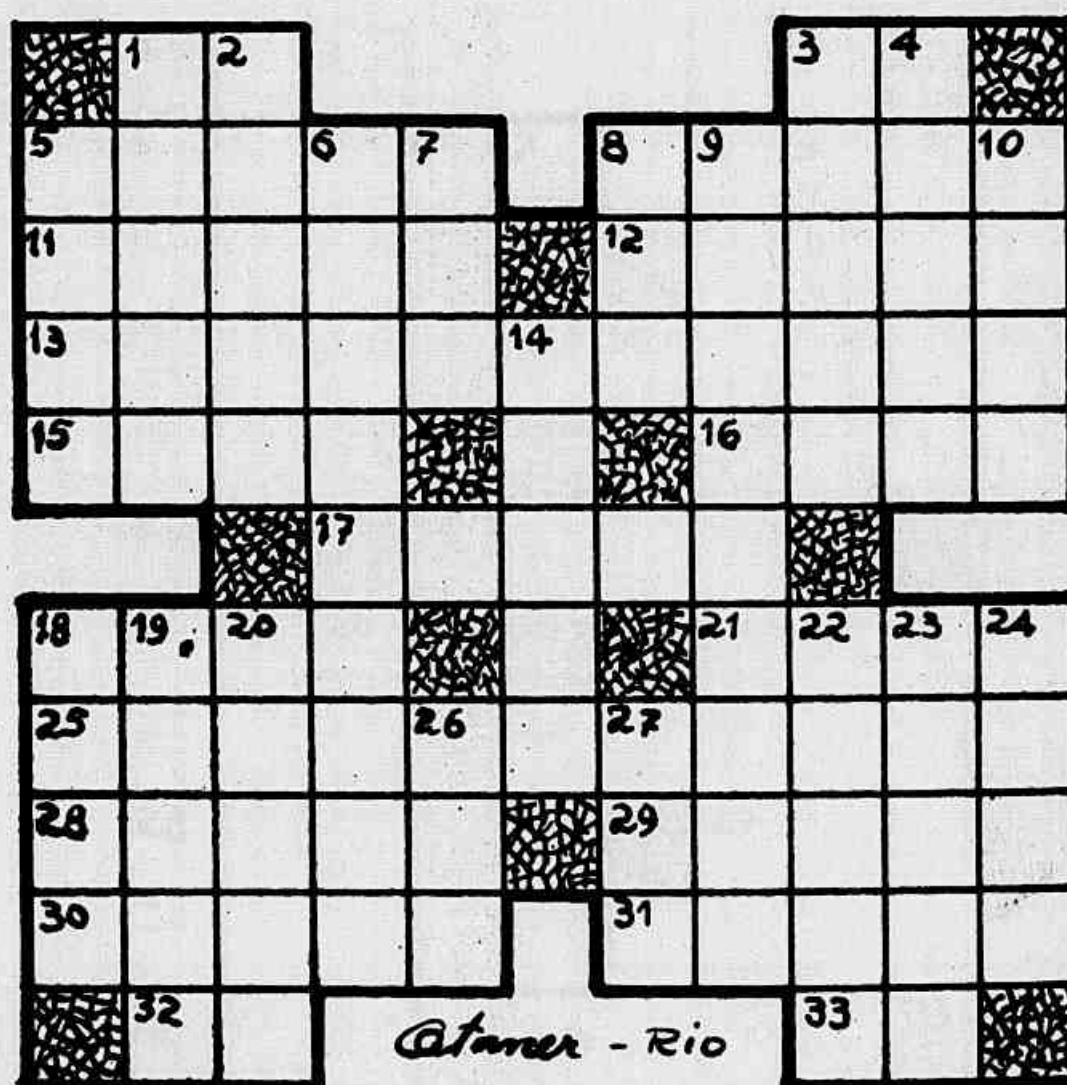
HORIZONTAIS: armas — resma — leal — cear — âmbar — barca — Sa — rapar — lã — Ru — pir — má — crocoló — son — ar — Cu — básico — Og — andar — apóia — Matt — tear — assar — corso.

VERTICAIS: alas — remar — Mab — alar — ecar — ser — macla — arã — raposar — baronia — picos — ucá — moa — cunas — roias — cama — bata — ópto — garo — diz — oer.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: teima — minguar — aa — lê — mas — amilase — mal — as — dê — miragem — risos.

VERTICAIS: tia — en — igualaras — mu — sal — mataram — recebem — mim — sal — sir — des — ri — go.



PROBLEMA N.º 65 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Sejal — 3. Árvore da Ásia e da África — 5. Espécie de palmeira — 8. Artigo de algodão de proveniência indiana, usado nos séculos XVII e XVIII — 11. Brejo ou lagoeiro produzido pelas águas da chuva — 12. Nome de duas plantas da família das Icacináceas — 13. Recusa absoluta de alimentação (pl.) — 15. Nome dado na Bíblia à Síria e à Mesopotâmia — 16. Barrote que sustenta a taçanica — 17. Vagueai — 18. Uma das três divisões administrativas da Argélia — 21. Aquilo que causa entorpecimento moral — 25. Cegueira noturna (pl.) — 28. Habitual — 29. Pequena dose — 30 — Deserto africano — 31. Disparates — 32. Variação pronominal — 33. Corifeu.

VERTICAIS: 1. Gerner, lamentar-se — 2. Caixinha para rapé — 3. Espécie de talismã, usado entre os Cabilas e que torna o seu possuidor inviolável — 4. Marcar a tinta ou a fogo o péso da tara sobre vazilhas, sacos, etc. — 5. Furta nas compras — 6. Tornar malicioso — 7. Povo ao Norte de Sião — 8. Afadigo-me — 9. Enfraquecimento da vista — 10. Circunspeção — 14. Carta de lei que concedia privilégios a indivíduos ou corporações — 18. Carga — 19. Espécie de tacafira (pl.) — 20. Recuai — 22. Antiga medida portuguesa — 23. Espécie de palmeira (pl.) — 24. Espécie de calçado (pl.) — 26. Insignia militar da Ordem de S. Miguel — 27. Filho do gigante Hareidmar (mit. escand.).



São Paulo 1958
4 de novembro

Use os óculos, querido Papai Noel, para ler a minha carta com atenção. Vou escrever tudo em letras grandes, com o fim de facilitar a sua vista cansada.

Estou aproveitando a noitinha de hoje (amanhã é feriado escolar aqui em São Paulo) para fazer um trabalho bem caprichado, com uma caligrafia "à alho e óleo" (a mamãe não gosta dessa frase, mas o meu paizinho, quando acha alguma coisa bem feita ou bonita, dá um estalo na língua e diz: isso está à alho e óleo!)

continua



Papai Noel, sentado na sua velha cadeira, não tinha mãos a medir com as cartas da garotada de todo o Brasil, que choviam em cima d'ele.

Enquanto que em São Paulo, a Marioliz matutava: Será que Papai Noel vai ler a minha carta?

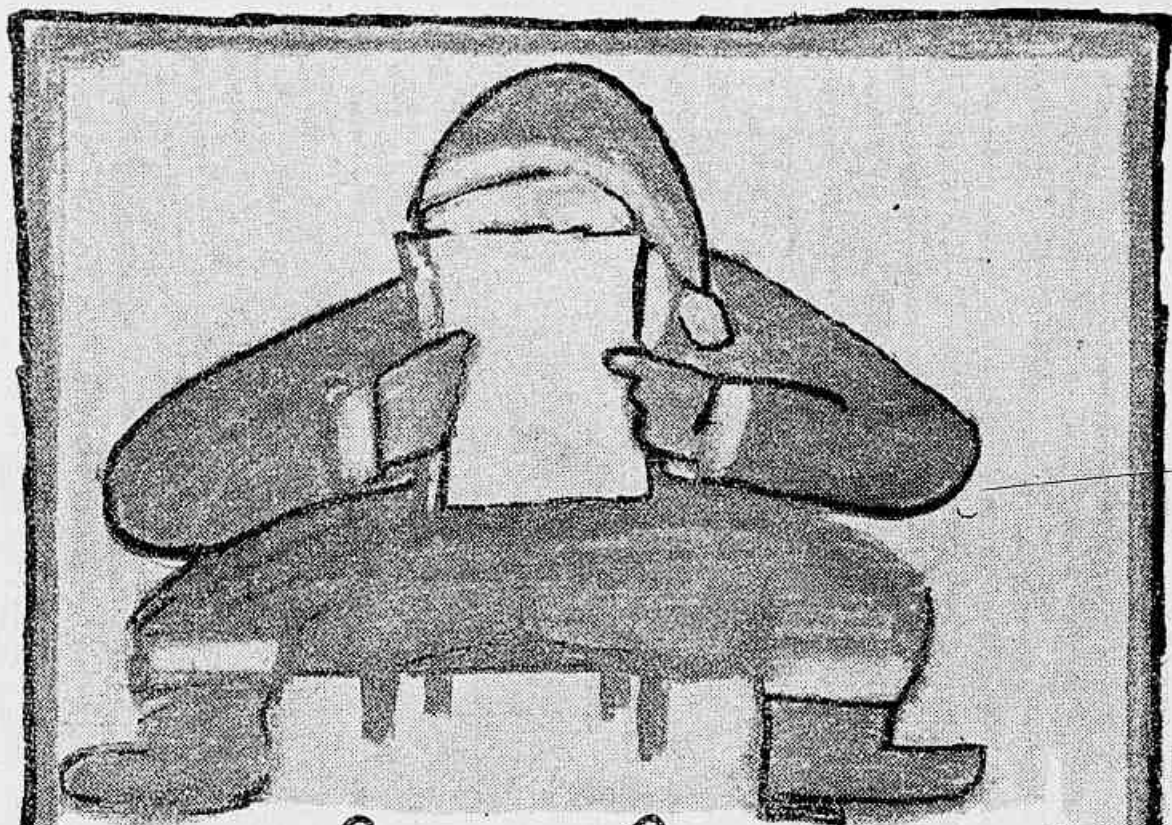
Mas nesse instante, no Rio...

um dos anjinhos (daqueles que puxavam o avião) apresentou-se diante de Papai Noel, com uma carta na mão, e disse: Tem esta da Marioliz para você, meu velho...

Fiquei muito satisfeita em conhecer o seu endereço aí na Cidade maravilhosa (Distrito Federal, capital da República, sede do Governo e de todos os ministérios, grande metrópole, com três milhões de habitantes m/ou menos, com as artes e as ciências, a indústria e o comércio, muito desenvolvidos. Está situada na frente da Baía de Guanabara, que juntamente com outras obras incomparáveis da natureza, põe a primeira ciclude da nossa Pátria - entre as mais formosas e importantes do mundo)

A composição que fiz acima, é somente uma pequena parte de tudo que a minha professora já ensinou sobre a Capital do nosso país. Por isso eu amo essa linda terra, como amo São Paulo, e como amo todo o nosso imenso Brasil - de Norte a Sul, de Este a Oeste!

continua



Por fim, o Papai Noel resolveu ler a carta da Marioliz, e depois disse:

- Esta garota escreve mal e desenha ainda pior. Em todo o caso, vou ver o que posso fazer por ela...

Meu papai Noel, agora vou falar do assunto principal. O senhor, que é o dono dos brinquedos, deu ordem na "Revista da Semana", para a gente dizer com franqueza o presente que deseja. Na minha imaginação eu viro sonhando com uma bicicleta. Acho que para mim não existe coisa mais bacana.

Explico por que tenho esse sonho: com uma bicicleta eu posso ir da minha casa à escola, seis quarteirões adiante, sendo a rua sossegada. Posso divertir as colegas durante o recreio.

Quando eu for a Santos, passar as férias na casa dos meus tios, posso levar a bicicleta e pedalar nas praias, um grande divertimento. Imagine eu, a Marioliz, correndo de cá para lá na bicicleta, com a flamula do meu colégio pendurada no guidão, e a flamula do "Corinthians" (o time do meu pai) pendurada atrás do selim, tocando a campainha thim-thim-thim! e recebendo no rosto o ventinho gostoso que deixa a gente corada.

Ate logo, Papai Noel, desculpe eu falar tanto. Da sua

Marioliz De La Torre

13 anos - 3 meses. Escola Voc.

cional de São Paulo
Rua João Ramalho 1.248 São Paulo



O presidente Juscelino Kubitschek, discursando na solenidade de posse da nova diretoria da CNI, enalteceu o trabalho empreendido pelo industrial Lício Lunardi, reeleito por unanimidade.

Eleito para um novo período (56-60) presidente da CNI e diretor do Departamento Nacional do Sesi, o sr. Lício Lunardi agradece a confiança dos industriais brasileiros.

BRASIL, PRINCIPAL EXPRESSÃO

Posse da nova

CONSTITUIU ACONTECIMENTO social de expressivo relêvo a posse da nova Diretoria da Confederação Nacional da Indústria, tendo à frente o Sr. Lício Lunardi, cuja reeleição para a Presidência daquela entidade demonstrou a confiança de que é merecedor por parte das classes produtoras do País. Ao ato solene, estiveram presentes o Presidente da República, ministros de Estado e outras altas autoridades civis e militares, bem como elevado número de industriais e representantes de outros setores de atividade econômica, dirigentes da CNI, Sesi e Senai. Na oportunidade, o Presidente Juscelino Kubitschek discursou enaltecendo a obra dos homens da indústria nacional, sempre firmes e devotados ao nobre ideal de progresso do nosso País. E a certa altura do seu discurso, externou sua gratidão pelo elevado grau de cooperação que tem encontrado o seu Governo, por parte dos industriais patrióticos, na execução do Programa de Metas,

do qual sobressai a construção ciclópica de Brasília. Acrescentou o Chefe da Nação que a ação dinâmica dos industriais permitiu ao Brasil «emergir como principal expressão fabril da América Latina e conquistar, nas estatísticas mundiais, uma posição que deve, ano a ano, ganhar maior significado».

No período final de seu discurso, o Presidente da República, dirigindo-se aos industriais e referindo-se ao dirigente máximo da CNI, declarou que o Sr. Lício Lunardi é «verdadeira expressão de vosso espírito realizador», o qual está «sempre identificado com os altos interesses do Brasil». Anteriormente, o presidente reeleito da CNI, em seu discurso de posse, focalizara com bastante felicidade, vários temas do mais alto interesse para o desenvolvimento econômico do País. Afirmou o Sr. Lício Lunardi que a industrialização é o remédio «mais eficiente e mais

direto» contra o subdesenvolvimento e seus males, declarando, outrossim, que o planejamento das atividades econômicas é necessário, não havendo incompatibilidade alguma entre o mesmo e a iniciativa privada, a qual, aliás, é incentivada, participando eficientemente, como está acontecendo no Brasil, na elaboração e execução dos planos traçados pelos poderes públicos, como é o caso do Programa de Metas do Presidente Kubitschek.

Numa oportuna prestação de contas, o Sr. Lício Lunardi enumerou as principais realizações de sua gestão anterior, à testa da Confederação Nacional da Indústria e — por força de lei — dos órgãos subordinados àquela Instituição, dos quais é Diretor Geral, ou seja: Serviço Social da Indústria (Sesi) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Tais realizações foram as seguintes: Criação do Instituto Roberto Simonsen, para estimular o



Os presidentes das Federações das Indústrias ofereceram um jantar no Copacabana Palace ao sr. Lídio Lunardi, em regozijo à sua reeleição. Na foto, o homenageado entre o prof. Pedro Paulo Penido, presidente do Conselho Nacional do SESI, e industrial Antônio Devisate, presidente da Federação das Indústrias de S. Paulo.

FABRIL DA AMÉRICA LATINA

diretoria da CNI

estudo acêrca dos nossos problemas econômicos e sociais; lançamento e publicação regular da revista especializada «Desenvolvimento & Conjuntura»; promoção da Primeira Conferência Internacional de Investimentos, certame que se realizou em Belo Horizonte, Araxá e Brasília, com a presença de homens de negócios de todo o mundo; instalação do Centro Nacional de Produtividade na Indústria, em colaboração com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; reestruturação do Departamento Econômico da CNI, ampliando os serviços e o raio de ação; concretização de um empréstimo do Eximbank ao SENAI, a fim de aprimorar o sistema educacional e de ensino técnico-profissional de sua rede de escolas; e, finalmente, os projetos de construção da sede da CNI em Brasília e da Casa da Indústria, no Rio de Janeiro, iniciativas que receberão grande impulso neste novo período, que ora se inicia, da administração Lídio Lunardi.



Expressivas figuras do mundo político, econômico e social compareceram à cerimônia de posse da nova diretoria da CNI. No clichê, parte da assistência presente ao Auditório "Roberto Simonsen".



Thais Bianchi é fada boa do Teatro Infantil, mas às vezes faz papel de "mamãe". Sua peça faz sucesso no Teatro Tijuca.

— NUMA PEQUENA FABRICA havia três bonecos muito bonitos: o Bola-Bola (que só pensava em ser contratado por um circo, pois não era ele o trapezista mais perfeito do mundo?), a Melindrosa (muito sensível, ouvinte das coisas de rádio e que tinha um amor grande demais por sua mamãezinha) e o Pescador Aventureiro. Este só pensava em ir para terras bem longe, onde ele viraria gente, seria marinheiro do mar, seria coisa grande. Infelizmente, o Pescador Aventureiro não tinha direito a conhecer novas terras, era um boneco muito pobre. Mas tudo fica alegre quando Papai Noel convida-o para ser seu secretário. No dia de Natal, o velhinho de barbas brancas perde um trenzinho dourado, presente para um menino muito pobre, que nunca havia ganhado nada nos outros dias de Natal; é então que o Pescador Aventureiro pede a Papai Noel que o coloque na chaminé da casa do menino, pois ele queria sentir a alegria de saber ter feito alguém muito feliz e alegre.

(Por isso, quando a peça termina, as crianças correm, sobem ao palco e dão muitos abraços no Pescador Aventureiro, pois elas compreendem o bonito gesto do boneco que queria ser gente.)

Quem conta à REVISTA DA SEMANA o enredo da peça "Pes-

cador Aventureiro" é Thais Bianchi, sua autora, diretora e atriz.

— A idéia de escrever "Pescador Aventureiro" nasceu quando li um livro de contos populares russos. Um dos contos — "Miska" — falava de alguém que troca um sonho, um ideal, pela alegria de fazer outra pessoa feliz. Não sei explicar, mas o conto deixou-me uma profunda impressão e, ainda na Europa, eu o adaptei. O atual "Pescador Aventureiro" já sofreu muitas modificações, pois sempre que leio a peça, descubro qualquer frase que poderia ser dita de outra maneira, mais simples, mais fácil para o entendimento da criança. Assim, tornei-me autora. Sou diretora, porque ao escrever a peça, vejo todas as cenas em seus mínimos detalhes, com os atores dizendo apenas o necessário, para alegria das crianças. Por isso, dirijo as minhas peças, tentando levá-las à cena como eu as escrevi.

QUEM É QUEM

Thais Bianchi é uma das três fadas boas do Teatro Infantil no Brasil. Não sabe explicar quando nasceu a idéia de fazer teatro para crianças, mas diz que "deve ter sido aos 5 anos,

THAIS BIANCHI:

- É PRECISO TER AMOR À CRIANÇA PARA SE FAZER TEATRO INFANTIL

ROBERTO QUINTAES



O encanto da garotada: a Melindrosa, o Pescador Aventureiro (que queria ser gente no mar) e o palhaço Bola-Bola.

quando, em Tomazina (Paraná), entrei pela primeira vez em um palco. Meu papel era atravessá-lo cantando, e eu fiquei muito feliz". Aos dez anos, ainda no Paraná, fez uma poesia que falava das côres da bandeira paulista. Sua família achou-a muito sabidinha e daí por diante não parou mais de escrever. Tinha 17 anos quando escreveu a sua primeira peça teatral, que era para adultos; afirma que resgou-a porque era muito séria, e "eu ainda era muito criança para fazer coisas daquele tipo".

Em 1947 embarcou para a Europa, conhecendo em Paris um casal de médicos especializados em crianças. Com o passar dos meses, passou a compreender as reações de uma criança, nascendo nessa época o seu interesse pela mesma. Abandonou a idéia de se formar em cinema, e passou a escrever peças infantis. Em 1948, fez um curso completo com o psicólogo português João dos Santos, aprimorando-se na "Orientação Profissional". Como estava na Europa, recebeu um convite para levar aos palcos portugueses duas de suas peças. Concordeu, e encenou no Teatro Nacional D. Maria, "O Vendedor de Pirulitos" e "Maria Trapalhona". Nessas peças, d. Thais apenas representou, mas ficou contente com a direção dos seus colegas lusos.

Regressando ao Brasil, fez o curso de Recreação, patrocinado pelo desenhista Augusto Rodrigues. No "Jardim de Infância Pequenote", ela retornou à sua profissão de professora. Por essa época, nasceram as idéias de montar um teatro para crianças. Completou, em 1952, um curso (no SESC) para professores de Teatro Infantil, o que lhe ajudou a organizar o "Teatro dos Fantoches", dois anos depois. Com o passar do tempo, os bonecos deram seus lugares às pessoas e foi criado o Teatro Declamado.

Após voltar da Europa (onde havia ido pela segunda vez), estava amadurecida e iniciou os seus espetáculos infantis.

SOBRE TEATRO INFANTIL

Thais Bianchi acha que há duas modalidades de se fazer teatro para crianças:

— A primeira é de crianças para crianças. Esta espécie de teatro possui um sentido mais pedagógico, porque as crianças são incentivadas a escrever histórias de fadas. Depois, elas mesmas é que vão representar os papéis da peça. Pessoalmente, sou contra a permanência da criança no palco. Ela não

— É PRECISO TER AMOR À...

sente, não vive coisa alguma — apenas, sem outra finalidade, faz presença, e isso não está certo. Todas as crianças podem colaborar na feitura de uma peça infantil — umas escrevendo, outras desenhando os cenários, um grupo criticando. Esta modalidade visa, sobretudo, aperfeiçoar o seu desenvolvimento normal.

A outra espécie de teatro infantil é aquela de adultos para crianças:

— Felizmente, o teatro infantil já começa a ser compreendido pelos pais e pelos autores brasileiros. No entanto, tudo seria muito melhor se atores de grande talento entendessem (e compreendessem) o encanto que há em se fazer teatro para crianças.

Segundo d. Thais, a arte de representar deve ter surgido da necessidade que o indivíduo tem de dar parte de si mesmo àqueles que o rodeiam. Pois, no palco, de uma forma um pouco especial, mas nem por isso mesmo menos verdadeira, este desejo se realiza por completo.

— Há uma comunicação extremamente espontânea (e humana) entre os que passivamente assistem ao desenrolar de um drama e aqueles que interpretam os personagens deste mesmo drama. Porque, afinal, o ator é um contador de histórias. É esta ânsia de contar que o leva a procurar transmitir, a cada momento, uma personalidade diferente, em diferentes situações. E como vive muitas vidas, a sua influência sobre os que o assistem dificilmente pode ser definida por palavras. Sendo assim, o poder do teatro sobre um povo torna-se incalculável. Dentro dele, o papel do ator é muito importante. Só a ele cabe transmitir um trabalho de equipe iniciado muito antes que o pano se levante: pelo autor, que fez surgir o drama; pelo diretor, que lhe deu forma; pelo cenarista, que lhe criou ambiente.

E continua:

— Ao compreendermos toda a amplitude de tal realização, se a transportarmos para o campo infantil, paramos um pouco temerosos, como ante todos os acontecimentos de extrema gravidade. Sentimos uma profunda necessidade de meditação, pois o campo que se estende à nossa frente já não é de espíritos formados e sim



Thais diz que teatro para crianças deve ser feito por adultos, possuem grande capacidade de domínio.

de mentes que receberão e gravarão (talvez para sempre) cada palavra que naquele momento chegue até elas. Partindo deste princípio, toda a equipe de teatro infantil tem que abdicar totalmente de seus interesses e colocar todos os anseios e necessidades mais íntimas ao serviço da infância. Já não deve viver para si, mas sim permitir que a criança viva nela e nela possa pautar todas as suas atitudes. Esta é a diferença que separa o teatro para adultos do teatro para crianças. Aqui já não se trata de preparar uma obra e apresentá-la (realizada) a um público julgador. É muito mais do que isto. É ir colaborar, de modo direto e absorvente, na formação dos homens de amanhã.

Acrescenta d. Thais que as preocupações daqueles que trabalham para os pequeninos, devem ser: dar à infância muita alegria, confiança no mundo e naqueles que a rodeiam; fazê-la compreender, a pouco e pouco, que também ela precisa de se esforçar para conseguir um lugar definitivo e útil na sociedade.

— Nenhum ser é mais insatisfeito do que a criança. Ninguém deseja mais emendar o mundo do que ela. Emendar e cooperar na sua transformação. Por isso, o teatro é-lhe de tal modo necessário, que mal encontra palavras para comunicar suas idéias; assim, ela decora versos, arma palcos e sente prazer em transmitir-se através de papéis que escolhe.

— Por todas essas coisas — completa — o teatro infantil deve ser obra de colaboração direta, de cooperação entre o ator (que o mesmo é dizer autor) e a criança.



O menino pobre fica muito alegre quando Papai Noel lhe exhibe o saco de presentes. — Natal é motivo bom para peças infantis, diz TB.



pois as crianças ainda não

Thais usa em suas peças personagens que não amedrontem. — “Criança não precisa ter medo para compreender.”

ELOGIO A CLARA MACHADO E BENEDETTI

D. Thais agora abandona o ator. Não fala mais da sua grande importância no teatro para pequenos. O repórter sente que ela possui uma mágoa — a de encontrar, de quando em vez, elementos que não compreendam o seu ideal. Apesar disso, não se intimida e continua para a frente: “são cavacos do ofício” — é a sua frase comum, mas plena de forças para enfrentar a êsse e a outros problemas.

Depois, mudando completamente de assunto, ela diz:

— Nós, que fazemos teatro infantil, não nos devemos esquecer de duas mulheres que sempre lutaram pelo prazer das crianças. Maria Clara Machado e Lúcia Benedetti foram, na realidade, as duas pioneiras do T.I., e merecem todo o nosso apoio, pois fazem teatro por idealismo e com absoluta consciência.

D. Thais prossegue em suas considerações (falando quase mais para si mesma) enquanto remexe em uma gaveta da sua estante, como que a procurar qualquer coisa.

Para ela, vários artistas de renome poderiam fazer teatro infantil, como Oscarito e Maria Della Costa (“ela é tão bonita, daria uma maravilhosa artista para crianças”). Fala de Morineau, dizendo que ela encenou algumas peças infantis, “obtendo muito sucesso, apesar de tratar com bruxas e magos perversos”.

E deixando a gaveta de lado, para erguer o dedo e sentenciar:

— Pessoalmente, não uso bruxas ou qualquer outro personagem que vá assustar a criança. Ela pode perfeitamente compreender o que é certo e errado sem ver (em cena) bruxas e magos.

Ao retornar para a sua busca, encontra o que procurava. Volta para a poltrona (onde até então estava) e exhibe dois livros. “Vamos Brincar de Teatro” e “Hoje Tem Espetáculo” são as duas obras escritas por d. Thais, uma delas usada como livro didático em Portugal. Quando lhe perguntamos sobre o êxito financeiro das mesmas, comentou:

— Teatro Infantil não dá lucro financeiro a ninguém. Sob qualquer aspecto. Veja-se, por exemplo, o caso particular do palco: o teatro infantil não pode viver diariamente, só aos domingos, mas aí existem os problemas das praias e do despertar (atrasado) dos papais. O ideal seria a existência de uma companhia de elenco fixo, que levasse peças para adultos durante a semana, dedicando-se às crianças apenas aos domingos. Nesse caso, haveria uma propaganda mais eficiente, pois o adulto, ao comprar a sua entrada (para o espetáculo noturno) tomaria conhecimento dos espetáculos infantis; — e qual é o pai que não gosta de propiciar ao seu filho um pouco de alegria?

De outro modo, só com o patrocínio do Governo.

E recolocando os livros na prateleira mais alta da estante:

— Infelizmente, isso ainda é um pouco difícil, para não dizer impossível.



COROINHA

O SINO DOBRAVA num tom doloroso. E a praça se enchia de mulheres vestidas de branco, com suas fitas azuis ao pescoço, as grandes medalhas ao peito. Na fachada central, começavam a afluir os fiéis, sócios de irmandades, envergando as suas opas violetas. Os círios brilhavam no altar-mor, ladeando o sacrário, de onde frei Marcelino retiraria, dali a pouco, o ostensório reluzente.

Na sacristia, frei José dosdobrava-se, abrindo e cerrando gavetões, dêles retirando paramentos — alvas rendadas, estolas cravejadas de pedrarias. Distribuía velas às senhoras, pregava alfinetes na casula de Mauricio, de Ernani.

Daniel vestiu a batina nova, colocou sobre ela a alva de linho, ainda recendendo aos desinfetantes. Enquanto o frade lhe retocava a vestimenta, tomou o peso de grande turíbulo de prata maciça que carregaria durante o desfile. De repente, avistou, entre as caras que se amontoavam à porta — a de Gervásio, a olhá-lo com expressão de inveja. O jeito humilde do menino o penalizou — mas sabia que nada podia fazer — era o castigo pelos seus pecados. Depois, Gervásio entrou na sacristia, e seus olhos se dirigiram a frei José, suplicante. Mas o sacristão não tinha tempo a perder, ia de um para outro lado, excitado, a testa porejando suor — e o menino ficou ali, insignificante, a rodar em tórno.

Daniel se sentia importante. Gostaria tanto que o seu pessoal o visse! Mas sabia que; enquanto metade da cidade se encontrava ali, para acompanhar a procissão ou assistir-lhe ao menos a saída, sua gente estava em casa, na vida de sempre — a mãe à máquina de costura, Ernestina preparando o jantar. E o pai na loja — o réprobo — completamente indiferente ao dia sagrado. De repente, a idéia lhe veio: ir até em casa, mostrar-se à mãe. Não era orgulho de exhibir-se — orgulhar-se seria pecado — era, antes, um desejo de impor-se, na nova condição. Sua presença abalaria a família, poderia — quem sabe — convertê-la. Aproximou-se do sacristão:

— Frei José, eu queria lhe pedir um favor...

Frei José voltou-se, segurando os paramentos bordados de frei Marcelino.

— O senhor dá licença... de eu ir até em casa?

O sacristão fitou-o, a princípio surpreso, depois exibiu os dentes estragados. "O senhor deixa, frei José?" Olhava-o, suplicante. Com a mão livre, frei José fez uma carícia rude nos seus cabelos:

— Está bem. Mas não demore, ouviu?

Daniel atravessou a praça correndo, segurando a barra da batina. Antes de embarafustar pelo portão de ferro, viu madame Claudinete na varanda vizinha, os cabelos soltos, a balançar-se na cadeira de vime. Notou-lhe a surpresa, no gesto brusco de fechar o leque no peito:



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



Da beleza
do busto
depende
sua
elegância

**SENO
BEL**



Nº 1 para desenvolver seios pequenos. Nº 2 para reduzir e firmar seios volumosos.

A venda nas Drogarias; Pacheco — V. Silva, Neofarm, ou pelo reembolso — Cr\$ 200,00. Caixa Postal, 4 — Tijuca — Rio — Tel.: 48-3087. São Paulo: Caixa Postal 3764. Tel.: 32-3507 — Porto Alegre: rua Alm. Barroso, 625 Tel.: 2-4328 — Belo Horizonte: Av. Santos Dumont, 664. Tel.: 4-2787.

CARECAS!

Não usem carecas! Usem AKI ROL, a última palavra contra a calvície! Nas drogarias Pacheco, V. Silva, Neofarm ou pelo reembolso. Caixa Postal 4. Tijuca - Rio - Tel. 48-3087.

Cabelo branco?

ORF-LÉNE

Tinge melhor

CABELO... GRÊSPO...

HENNÉ-LÉNE

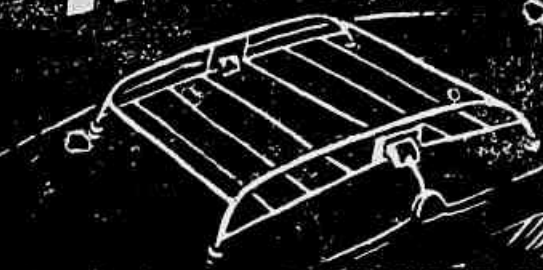
DO Américo

TINGE E ALISA

A venda nas Farmácias, Drogarias e Perfumarias.

INF. AMÉRICO: 25 - 2837

"Mil" lhe oferece:



**PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS**

REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FACIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO, 98 A.
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



COROINHA

— Que belezinha!

Gostaria de se deter, mas não havia tempo — transpôs o caramanchão, depois a porta — e parou no centro da sala, ofegante, diante da mãe debruçada na máquina de costura. E enquanto ela o olhava, surpreendida, assumiu uma atitude digna e piedosa, ciente da própria importância. A mãe abandonou o trabalho, levantou-se, e agora, a seu lado, alisava-lhe os cabelos:

— Parece um padrezinho...

Manteve-se apumado no centro da sala. Viu a própria figura refletida no vidro da cristaleira e não pôde deixar de se envaidecer.

— Que palhaçada é essa?

Daniel voltou-se, com um estremeção. O pai se encontrava parado no limiar da porta que dava para o quarto, em paletó de pijama, a olhá-lo com expressão severa.

O menino não contava com a sua presença, e teve um gesto de indecisão. Mas logo se refez — sabia que o pai não lhe poderia tocar — a batina o protegia como uma carapaça. Imaginou que deveria ter sido aquela a atitude de Diocleciano diante dos cristãos, a face contraída de ódio, e temeu pelo pai — temeu que ele avançasse e caísse fulminado. Não era aquilo que imaginara; queria-o curvado, dobrado pelo milagre do céu.

— Tire essa fantasia.

O sangue afluiu-lhe à cabeça. O que é que eu faço, meu Deus? Sentia-se desorientado, e olhou para a mãe, pedindo proteção.

— Deixa, Joaquim, o que é que tem?

De repente, Daniel ouviu o bater dos sinos, logo seguido do espoco dos foguetes e se reconfortou. Compreendeu que poderia confiar no Senhor, e enfrentou o olhar que o pai lhe lançava, invadido por súbito heroísmo. Houve um silêncio cheio, em que os dois permaneceram imóveis, frente a frente, como se medissem: o pai parado a meio caminho, como se vacilasse. Mas foi apenas um momento. A tensão se desvaneceu, o pai recuperou o domínio e avançou, tomado de irritação.

— Tire isso.

Daniel começou a rezar rápido, febrilmente. "Perdão, meu Deus, ele não sabe o que faz", disse, numa angústia. Ouvira lá fora os espocos dos foguetes, viu o seu lugar vazio na fila, a fisionomia impaciente de frei José — e desejou que tudo aquilo acabasse logo. Juntou as mãos à altura do peito, como os mártires de Roma. Talvez fôsse melhor assim — pensou, resignado. E fechou os olhos, para não ver a tragédia.

— Padre Nosso, que estais no céu...

Sentiu que o pai estava junto de si, e protegeu a cabeça com o braço, num gesto instintivo. Um tranco violento o desequilibrava, ao mesmo tempo que ouvia o ruído de fazenda que se rompia. "O que é que eu faço, meu Deus?" Se os anjos não surgissem imediatamente, tinha a certeza de que a bela batina nova se reduziria a frangalhos.

— Santificado seja o Vosso Nome...

O que estava fazendo o pai? Daniel sentia apenas os puxões na batina, nem queria abrir os olhos, tinha temor de ver a verdade. Pensou em frei José com desespero, e os anjos que não chegavam — e encostou-se à parede, no pranto. Sentia-se desamparado. Depois, os repelões cessaram, fez-se o silêncio, e abriu os olhos vagarosamente. Não viu o pai nem a mãe, apenas a batina desfeita, e Ernestina que o olhava da porta, com expressão penalizada. Deus o tinha abandonado. Ernestina aproximou-se, e lhe foi alisando docemente os cabelos. Ouviu, ao longe, a explosão dos foguetes, o som majestoso do "Queremos Deus". Um grande bôlo atravessava-lhe a garganta, dava-lhe soluços que o sacudiam. Pela abertura da porta viu a multidão que se comprimava em torno do patamar da igreja, as velas tremendo ao crepúsculo, empunhadas pelas Filhas de Maria. Os reflexos do sol sobre o pátio reluzente. E o seu lugar vazio.

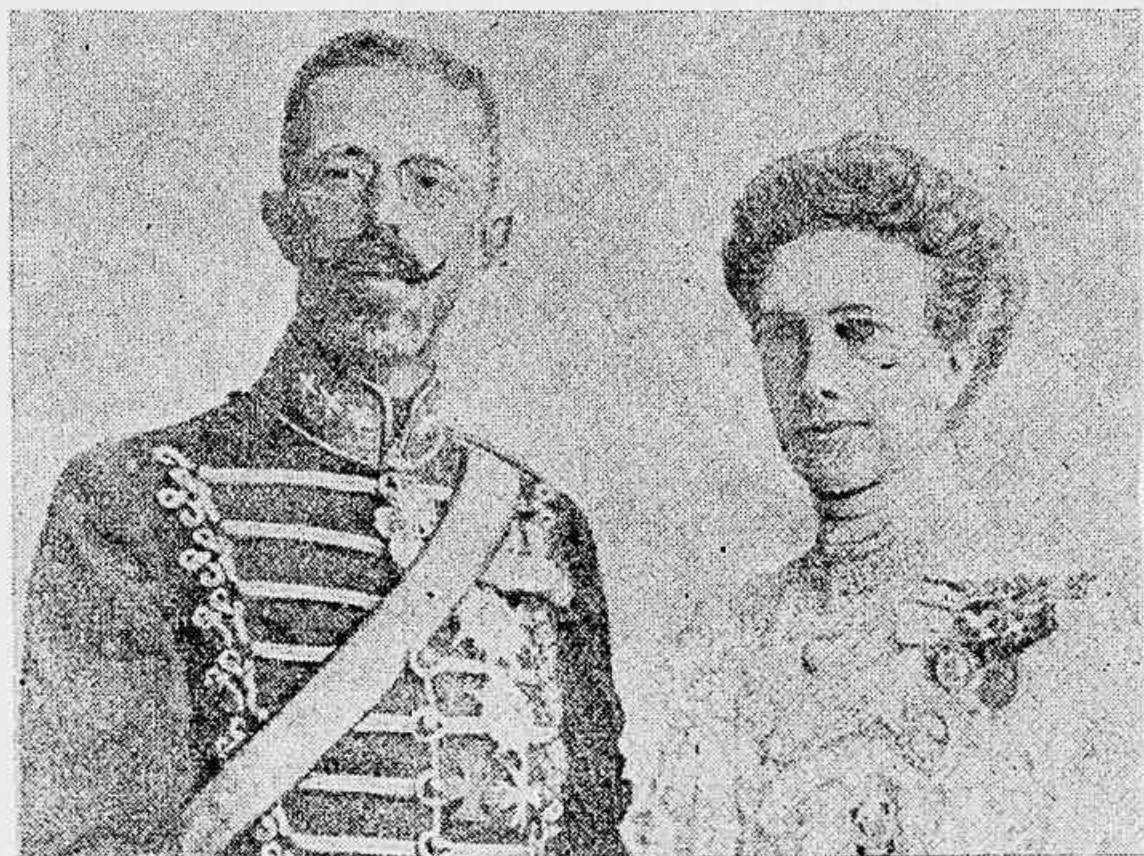
Sob aquela cúpula, desfilava Deus, na sua pompa e na sua glória, conduzido pelas mãos compridas de frei Marcelino. Pensou, depois, que Gervásio estaria à sua frente, manejando o turíbulo, e se sentiu abandonado e infeliz, como nunca se sentira na vida. Não compreendia a justiça de Deus.

— FIM —

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 3 de janeiro de 1909.

ANO NOVO, vida nova. 1908 findava e era substituído pelo cheio de esperanças 1909. A Revista o recebia na primeira coluna da primeira página com um editorial: "Ao último toque da meia-noite, quando o bronze ecoa pela última vez no dia de São Silvestre, surge um bando de esperanças a bafejar as almas crentes. No doce remanso das famílias que guardam a suavidade santa das tradições, a essa hora unem-se todos em íntimo ágape e os brindes espoucam de envolta com os desejos ardentes de felicidade no ano que nasce. A REVISTA DA SEMANA, acompanhando a trilha tradicional legada por todo esse belo passado de bondade avoenga, saúda a todos os leitores e faz votos de prosperidade no Ano Novo, votos sinceros de que cada dia escoado seja o primeiro, que é sempre bom no nome e quase sempre bom de fato. A todos, pois, um ano bom, cheio de promissoras revelações entre primícias de paz, de carinho e de amor". Essa era mensagem da Revista aos seus leitores ao entrar em 1909. E na capa, o ano que acabava era representado classicamente pelo velho de barbas brancas, ampulheta à mão e o novo pelo menino alegre, iluminado pela luz festiva do sol. No canto do desenho ainda aparecia a cara do Zé Povo, que enxota o ano velho com uma expressão de grande voga na época: "Olha. Vê se eu estou lá na esquina..."



O Rei Gustavo da Suécia e a Rainha Vitória, sua esposa, que ultimamente visitaram o Presidente Fallières, da República francesa e a capital da Inglaterra.

Divulgava a Revista com destaque e sob o título "Vapores vertiginosos" os progressos que se anunciavam, dos Estados Unidos, no campo da construção de navios: "Um engenheiro notável Sr. J. R. Oldham, norte-americano, cujo nome está ligado ao de numerosos e grandes transatlânticos lançados ao mar nos últimos anos, predisse que dentro de vinte e cinco anos será possível atravessar o Oceano com uma velocidade de quarenta milhas por hora, em um vapor de 1200 pés de comprimento, 21 de largura e 125 de altura.

Terão esses vapores, diz o aludido engenheiro, 60 caldeirões com 400 000 pés cúbicos de superfície aquecedora e doze chaminés. Um dos detalhes mais importantes desses barcos, acrescenta, serão umas bombas poderosas, colocadas acima da linha de flutuação. Alguns compartimentos do navio, de capacidade de 2500 toneladas, estarão sempre cheios de água de forma que, se o vapor se encalha, produz-se o alijamento esvaziando os tanques, operação essa que se poderá realizar em doze minutos, obtendo-se com esse recurso, na maioria dos casos, a rápida flutuação da embarcação. O alijamento das 2500 toneladas representa um pé de elevação no calado do navio encalhado. A tonelagem desses vapores será de 67 500; terão acomodações para 6 700 passageiros e as suas máquinas

representam a força de 190 mil cavalos. Cada um desses leviatãs custará dezessete milhões de dólares."

Na "Seção Religiosa" comentava-se a Missa solene de Natal realizada na Catedral do Rio de Janeiro, oficiada pelo Revdo. Monsenhor Manoel Marques de Gouveia: "No altar de Nossa Senhora das Dores, via-se a imagem do Menino Jesus em exposição. A lindíssima imagem achava-se sobre uma caminha em rico docel ornamentado de flores naturais e artificiais de bonito efeito. Vela-vam a imagem as Exas. sras. zeladoras do apostolado do Coração de Jesus. O templo estava extraordinariamente concorrido, notando-se até a porta da Igreja muitas pessoas."

Entre fotos e notícias, surgiam nas páginas da Revista o Rei Gustavo da Suécia e a Rainha Vitória, sua esposa, "que ultimamente visitaram o Presidente Fallières, da República francesa e a capital da Inglaterra"; documentadas em fotos estavam as então recentes agitações da Sérvia. A legenda de uma das fotos era a seguinte: "O patriotismo na Sérvia. As mulheres de Kragujevatz exercitando-se no manejo do fuzil de guerra". Voltava a Revista a falar na morte do Victorien Sardou, publicando também uma foto do dramaturgo francês em seu Parque de Marly. A nota dizia: "Algumas impressões sobre o eminente dramaturgo que a França acaba de perder, que legou à Literatura teatral um grande acervo de peças de resistência, que correram o mundo, no repertório dos grandes artistas. Seu nome está intimamente ligado ao teatro clássico e à grande atriz inigualável Sarah Bernhardt deve grande parte de seus louros às obras do finado escritor francês." Outras fotos eram publicadas, entre elas a da Comissão Brasileiro-Boliviana que estudava demarcações de limites na fronteira e a maquete do Grande Hotel Frederic, a ser erguido na Avenida Central, n. 1 a 17.

APRENDA

A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ

DOIS E UM

GUARACHA

BOLERO

MARCHA

RUMBA

SWING

SAMBA

TANGO

MAMBO

BAIÃO

CHORO

VALSA

FOX



em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro "Como Aprender a Dançar", já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal. 649 — São Paulo. Cr\$ 130.00 — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

ASTENIA SEXUAL

Voronof revolucionou a Medicina, demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e do vigor sexual. Chamamos pois a atenção da classe médica para a fórmula do TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais. Nas drogarias ou pelo reembolso. Caixa Postal 4, Tijuca, Rio. Tel. 49-3087. Peçam literatura grátis.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON N° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON N° 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, e eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BEL-HORMON



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON» N°

NOME

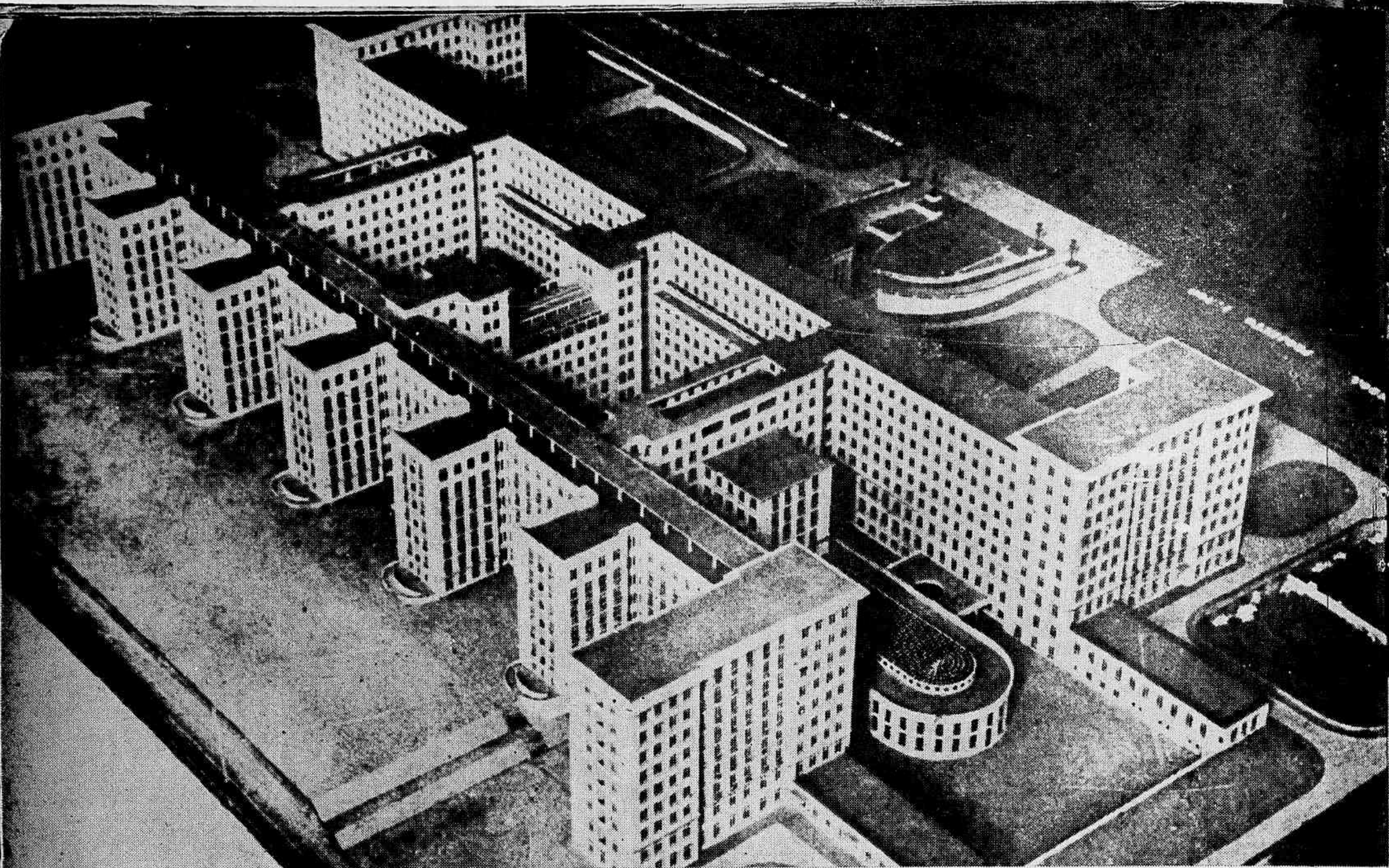
RUA N°

CIDADE

ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 180.00

Para o Correio de S. Cristóvão



Hospital Faculdade de Medicina, recentemente inaugurado.

LISBOA DE ONTEM E DE HOJE

Lisboa — Via Lufthansa (Da enviada especial da "Revista da Semana" — FERNANDA REIS)

LISBOA É, AO MESMO TEMPO, uma das velhas e uma das mais novas cidades da Europa. Uma das mais velhas pois, pelo menos, já foi cidade romana importante, visigoda e moura. Dessas épocas que ocupam o primeiro milênio da era cristã resta o Castelo de São Jorge, que a domina, bastantes troços da cerca moura, muitas pedras, inscrições, medalhas, etc.

Há 809 anos que é uma cidade cristã e lá temos a Sé, testemunho dessa antiguidade. Nunca deixou de ser uma cidade importante. A Idade Média vê-a estender-se à roda do Castelo, e D. Fernando põe uma cerca poderosa que a defende eficazmente por muitos anos e de que ainda restava, até há bem pouco tempo, o Arco Marquês do Alegrete e restos da Cerca Fernandina. As ruínas do Convento do Carmo, em estilo gótico, ponto alto da cidade preferido pelos turistas e de onde se avista quase toda a cidade e o Tejo, testemunha o fecho da época medieval. Depois das guerras que consolidam a sua independência vem a expansão marítima, as Descobertas, a África, a Índia e o Brasil. Ficaram como lembranças dessa grandeza passada, os Jerônimos, a Torre de Belém e os vários pórticos manuelinos.

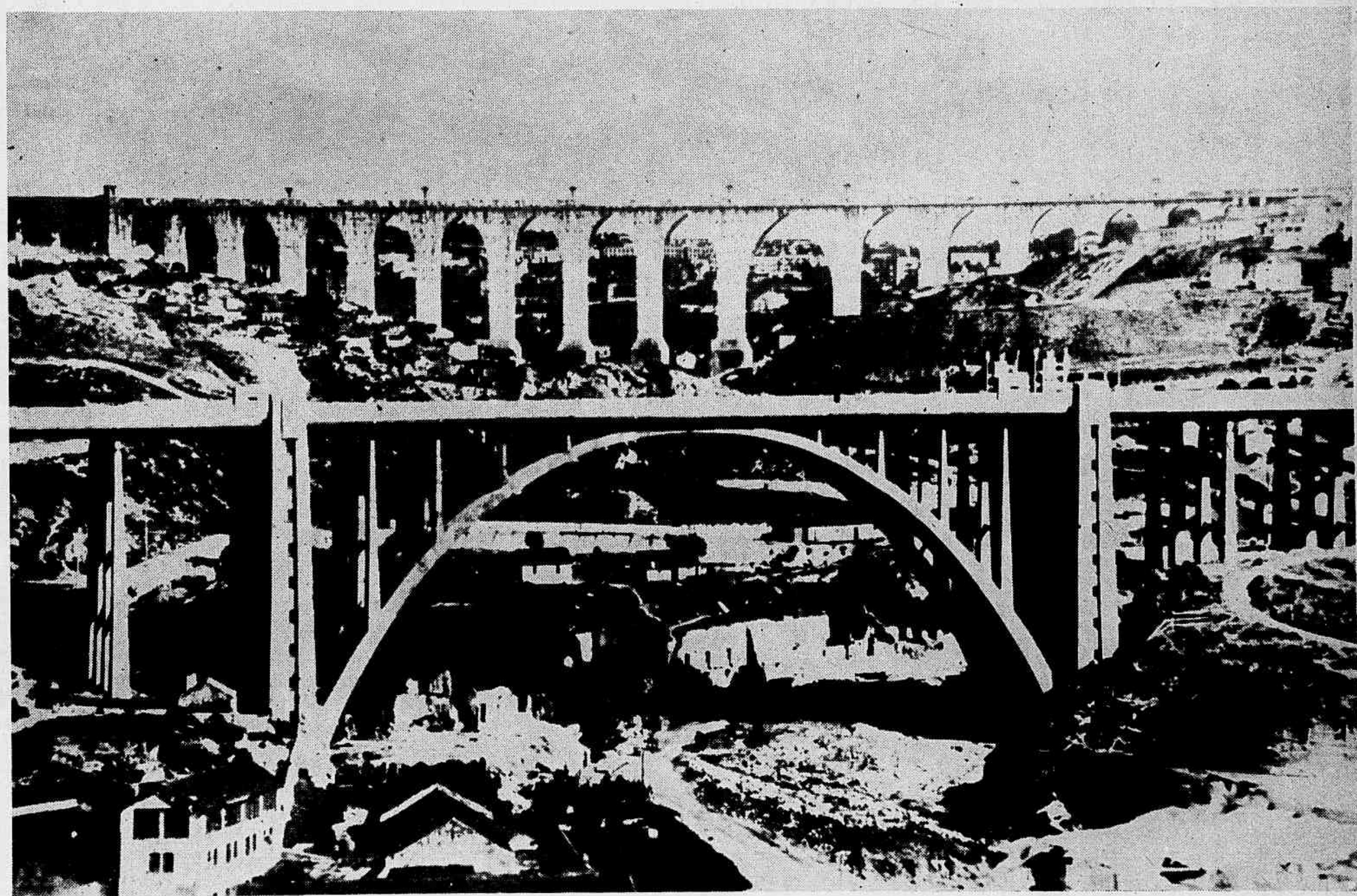
Perdida momentaneamente a independência, na grande crise de exaustão do fim da dinastia de Aviz, passado o domínio dos

mares aos holandeses e aos ingleses, cada vez mais voltada para o Brasil, Lisboa, com o auxílio do ouro que de lá lhe vem, edifica templos e palácios, constrói o formidável Aqueduto das Aguas Livres e mantém, até o terremoto de 1755, o aspecto próprio às cidades européias desse tempo. Ruas tortuosas, estreitas, aqui e além grandes palácios, às vezes mais ricos no interior do que no exterior e para fazermos uma idéia da Lisboa seiscentista e setecentista, basta percorrer o velho e típico bairro de Alfama, a Costa do Castelo, onde se podem ver uma ou outra casa quinhentista, entre elas a casa do Menino Deus e a famosa e original Casa dos Bicos.

O terremoto obrigou a reconstruir a parte mais rica de Lisboa, aquela onde havia as famosas ruas Nova de El-Rei, dos Mercadores, etc., e que desapareceram. E fêz-se uma cidade em forma de xadrez, ruas regulares, perpendiculares ou paralelas, belas praças, entre elas o Rossio com as suas formosas fontes e belíssimo Teatro D. Maria II e o Terreiro do Paço uma das mais espetaculares do mundo, ambas em estilo pombalino, com sérias preocupações de urbanismo, naquela época pouco vulgares. A ressurreição de Lisboa, após o terremoto, é um dos mais eloquentes sinais da juventude eterna da capital.



A Praça João do Rio na Avenida Almirante Reis.



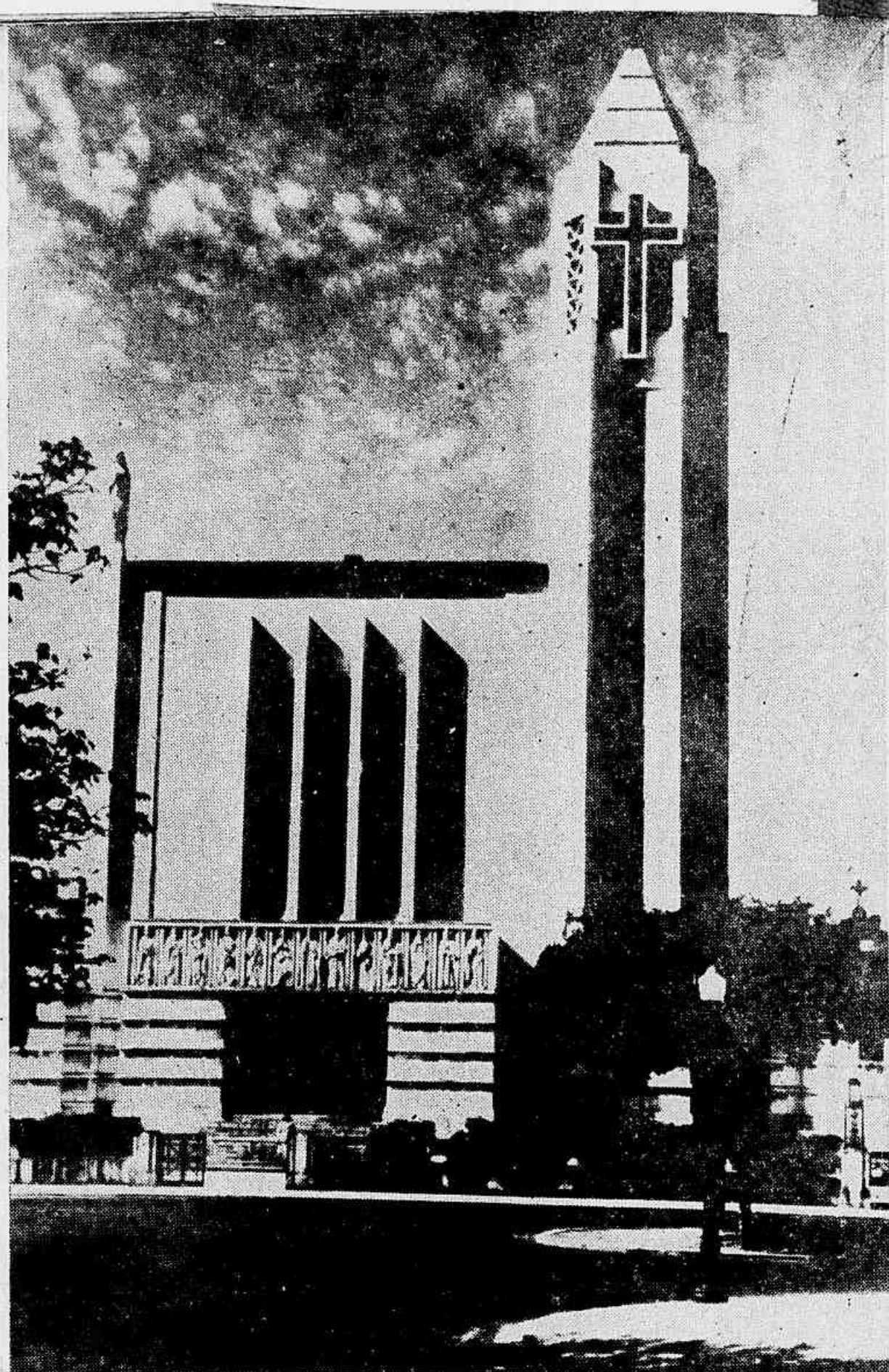
Viaduto Duarte Pacheco e Aqueduto das Águas Livres.

LISBOA...

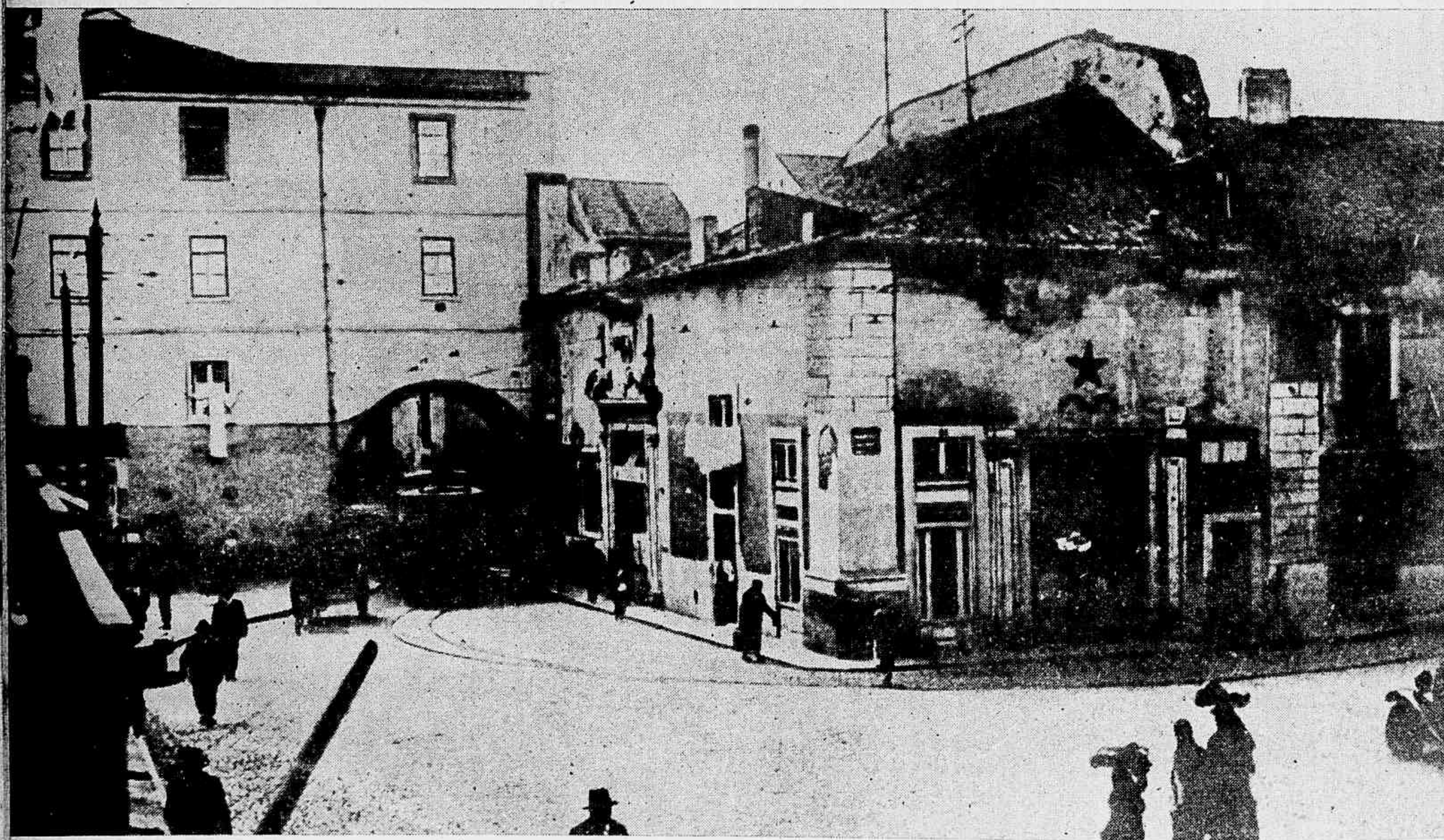
Após o século XIX, pouco interessante para o aspecto da cidade, mas durante o qual Lisboa foi crescendo, expandindo-se, adquirindo uma enorme área, modificando os seus sistemas de transportes (os bondes foram inaugurados em 1900), aproveitando os conventos, afetados pela lei Aguiar, ao qual chamavam "matafrades", para instalar toda a espécie de serviços públicos, hospitais, escolas tribunais, museus, quartéis e cadeias, o eng. Rosa Araújo rasga corajosamente a Avenida, deitando abaixo as grades do Passeio Público e começa a surgir os novos bairros de Barata Salgueiro, Camões, Estefânia, Avenidas Novas, e neste último, o principal mérito é do eng. Ressano Garcia. Constrói-se o porto de Lisboa e o antigo Atêrro é hoje a Av. 24 de Julho por onde se escoia o trânsito para Estoril, Cascais e Sintra.

Vem enfim o período do eng. Duarte Pacheco. Plano diretor, cérebro dinâmico, vontade de ferro, entusiasmo e escolha de bons colaboradores; gente moça. Alguns defeitos na sua obra, porque os homens não são perfeitos, mas no conjunto uma obra formidável. Deve-se-lhe a Auto-Estrada Lisboa-Estoril, o Aeroporto Internacional, viadutos, o novo bairro de Alvalade, moderníssimas **edificações no Arieiro**, o famoso Instituto Superior Técnico, a Casa da Moeda, Hospital da Faculdade de Medicina, Hospital de Santa Maria, etc. A vereação, que após a sua morte por acidente automobilístico, se lhe seguiu, sob a presidência do coronel Salvação Barreto e Pastor de Macedo, tem feito também bastantes coisas. Estádio, estradas marginais e auto-estradas; a moderna Igreja de Fátima, saídas de Lisboa, bairros econômicos, novas ruas e avenidas, tudo em crescimento rápido. O lisboeta que passe um tempo sem voltar a certos bairros, encontra novidades ao fazê-lo. A área fabril, na estrada de Vila Franca, está em modernização absoluta a que deu extraordinária vida a esbelta Ponte sobre o Tejo, uma das mais interessantes obras de engenharia portuguesa.

O Jardim Zoológico, o Jardim Botânico, o Parque Eduardo VII, com as suas relvas, árvores e flores, velhos pátios aproveitados urbanisticamente, estátuas e conservação de certas relíquias do passado, emprestam à Lisboa de hoje um grande encanto e transformaram-na, de há muito, com lojas requintadas, cujas montras são de extraordinário bom gosto, numa das mais belas capitais da Europa.



A moderníssima igreja a N. S. de Fátima. (Arquiteto Pardal Monteiro).



O velho Arco do Marquês de Alegrete, que foi demolido há pouco.



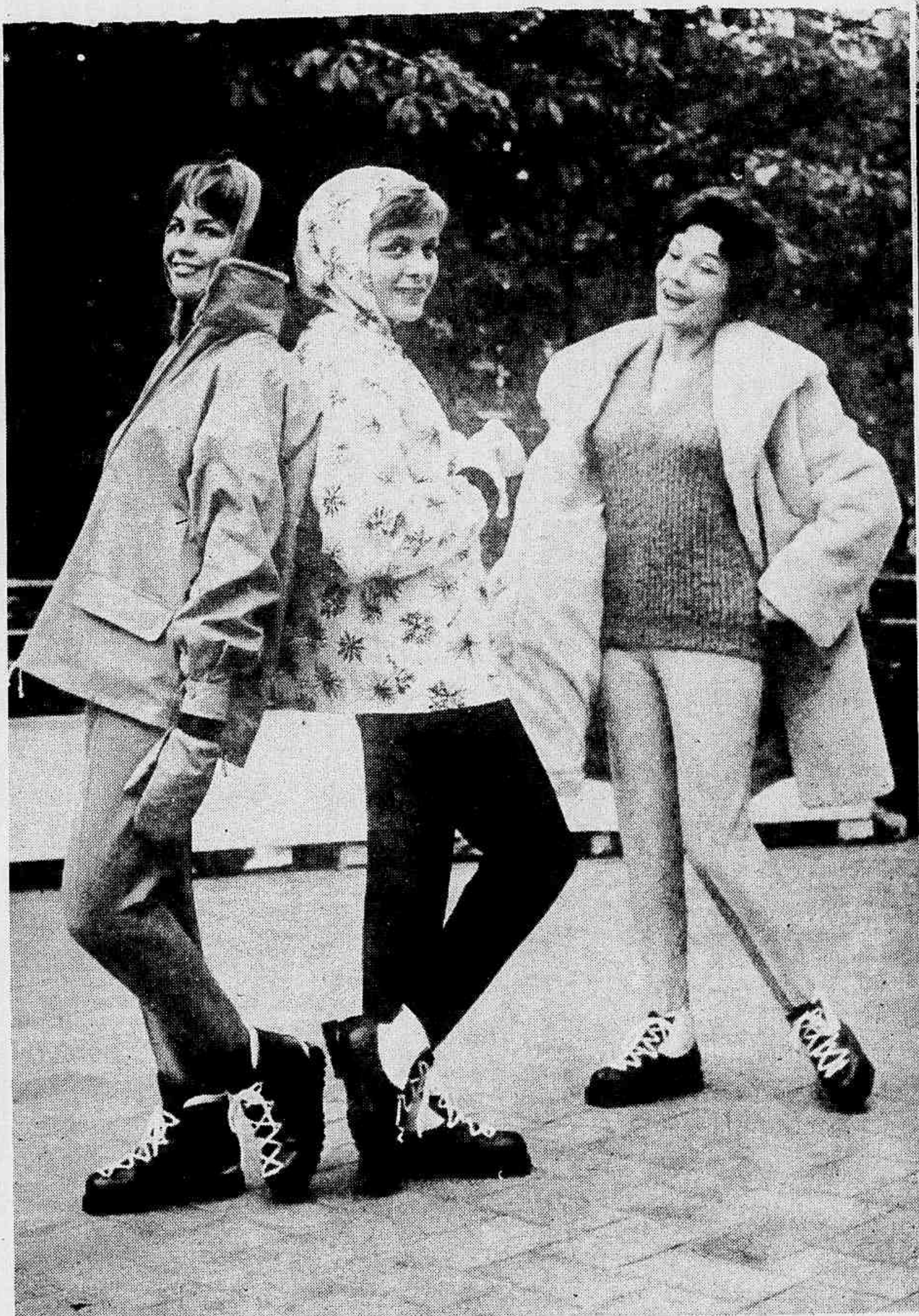
A velha Rua da Palma antes da demolição dos prédios do lado direito.

Prédios novos do lado oriental do Parque Eduardo VII.



Castelo de S. Jorge visto de S. Pedro de Alcântara.

AS ESTAÇÕES



— CUIDE DE SUA BELEZA —

MUITO JUSTIFICADO É O CUIDADO de beleza de uma mulher. Não é necessário uma grande beleza, mas ao menos algumas condições estéticas de um físico harmonioso, agradável. Mesmo quando não se dispõe de muito tempo é necessário cuidar da aparência física, a começar pela saúde, o grande fator básico que os institutos de beleza não mencionam. É muito fácil para uma mulher que disponha de empregadas e de todo o conforto tratar de sua beleza. Este caso não se discute. São precisamente as que não têm tempo de cuidar de si, que mais necessidade têm de parecer jovens, bonitas, agradáveis.

A BELEZA É UM PATRIMÔNIO valioso para a mulher. Ajuda-a a viver melhor, em sua luta diária fora do lar, dentro de casa, na

rua, com a família, filhos e, inclusive com o marido que sempre prefere — seja qual for a classe a que pertença — uma mulher bonita, bem cuidada, zelosa e ciente dos seus encantos femininos. É claro que a coqueteria feminina pode fazer milagres para obter tempo, mas não é exatamente este ponto que estamos considerando em relação à beleza, mas sim a condição geral estética no sentido agradável e necessário à vida diária.

QUANDO VIAJAMOS em um transporte coletivo, não nos interessa a coqueteria feminina de nossas companheiras de viagem mas agradecemos intimamente, muitas vezes sem perceber, a boa disposição e nos parece elementarmente higiênico ver unhas bem tratadas, cabelos brilhantes e sem caspa, um brochinho ou brinco

VARIAM

À ESQUERDA:

Criação de Mac Douglas, "Vedette", mantô em couro prateado, com dois bolsos laterais, gola e punhos em cisne branco.

AO CENTRO:

Para a chuva e a neve: $\frac{3}{4}$ em crylor, anorak em nylon estampado com capuz, e outro anorak em popelina côm de rosa, com pulôver.

À DIREITA:

Numa grande "soirée", em Paris, a artista Yolande Magny apresentou-se com um vestido em tule inteiramente bordado de brilhantes. Além do vestido, outras jóias, clip, pulseira, colar e brincos elevavam a cêrca de 15 milhões de cruzeiros o valor do conjunto usado pela bela estrêla.



enfeitando qualquer tipo de rosto, por mais belo ou feio que seja. Vejamos algumas táticas assinaladas especialmente para aquelas que possuem tempo disponível para o tratamento de beleza e que por isso mesmo devem aproveitar ao máximo o pouco de que dispõem.

1 — Aplique com um algodão um tônico sôbre os ombros e colo. Na noite seguinte, em lugar do tônico, aproveite o tempo para aplicar um líquido adstringente.

2 — Limpe a pele com um pedaço de algodão embebido em um creme ou leite de beleza. Com isto, ao retirar a pintura do rosto, você fará com que sua pele possa respirar livremente e, além disso, afrouxará um pouco os tecidos que podem ter ficado durante o dia todo meio esticados pela ação dos cosméticos.

3 — Escovar vigorosamente os cabelos e massagear com os mesmos movimentos o couro cabeludo. Cabelos fortes e sadios são cativantes e belos.

4 — É extremamente perigoso ir dormir sem passar pelas obrigações que nossa condição de mulher nos impõe. Por mais cansadas que estejamos, não devemos descuidar nem um só dia da limpeza da pele aplicação de um tônico ou adstringente, escovadelas nos cabelos e o indispensável uso da escôva de dentes.

QUATRO OU CINCO MINUTOS é tudo o que se exige da mulher cuidadosa que embora não tendo tempo disponível para ir a institutos de beleza, apresenta-se constantemente com um aspecto geral agradável, normal, elegante, irradiando simpatia e bem estar.

CRULS E A AMAZÔNIA

O LIVRO EM QUE o senhor Gastão Cruls analisa aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas da **Hiléia Amazônica**, ora em sua terceira edição (1), mereceu de um sábio como Roquette Pinto as palavras que seguem: "Com as figuras que vi, o texto completa um livro extraordinário. Não é um álbum. É um tratado, ao alcance de todos, interessante, prendendo, ensinando, deslumbrando. Erudição profunda, ampla e segura, bom gosto literário, espírito de arte e simplicidade". E se as repetimos, é porque não vimos outras melhores para caracterizar, de relance, a obra-prima do senhor Gastão Cruls, que trata por vezes de assuntos por si mesmos áridos, que já foram objeto de eruditas pesquisas de nacionais e de estrangeiros, sem resvalar para a chatice da erudição pura e simples. Quando se lê, ao fim de cada capítulo, a vastíssima bibliografia manuseada pelo autor de **Coivara**, é que se fica admirado de verdade: quem escreveu **Hiléia Amazônica** tudo leu — e muitas vezes, viu, *in loco* — sobre tão amplo tema, e às vezes resume, numa diminuta frase, a experiência dos que o antecederam e a sua própria experiência. O livro é, assim, um tratado de valor inestimável, que o especialista há de ler com admiração, e o simples leigo com inegável prazer. E um e outro irão aproveitar de tal leitura.

(1) — Gastão Cruls — *Hiléia Amazônica*. Aspectos da Flora, Fauna, Arqueologia e Etnografia Indígenas. 3.^a edição. 48 ilustrações. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1958. 447 p. Coleção Documentos Brasileiros, 101.



Cruls.

UM QUE PREFERE O FRANCÊS

O jovem poeta Carlos Felipe — filho do pintor e arquiteto Firmino Saldanha — envia-nos de Paris seu mais recente livro, esse escrito em francês: **Le Visage de Tull** (1). O livro foi bem recebido pela crítica parisiense, e sobre ele escreveram Rousselot, Bonnefoi, etc. Com ele, Carlos Felipe venceu um concurso aberto a poetas menores de 35 anos. O "vernissage-signature" teve lugar em Paris, na Galerie du Haut Pavé, juntamente com uma exposição de obras não-figurativas de Fermino Saldanha.

(1) — Carlos Felipe — *Le Visage de Tull*. Les Nouveaux Cahiers de Jeunesse. Bordeaux, 1958. 28 p.



Seljan.

XANGÔ SOBE À CENA

Após **Três Mulheres de Xangô**, sua estréia no gênero, eis novamente Zora Seljan que nos apresenta uma peça teatral baseada em motivos folclóricos afro-brasileiros: **Festa do Bonfim** (1). Ela foi decerto a primeira a apelar para o vasto caudal afro-brasileiro, como fonte capaz de originar toda uma vasta literatura — em seu caso, literatura dramática, que se destina à cena, à representação. Assim, e porque em última análise destinam-se tais peças afro-brasileiras de Zora Seljan à cena, ao âmbito visual, perdem elas algo quando simplesmente lidas, a despeito da urdidura da trama, da vivacidade e da beleza de muitas falas. Desejamos ver, um dia, tais peças representadas. Só assim aquilatar-lhe-emos todas as qualidades.

(1) — Zora Seljan — *Festa do Bonfim*. Livraria São José. Rio de Janeiro, 1958. 157 p. Capa de Sílvia.

NOSSAS FORTIFICAÇÕES

O Coronel Aníbal Barreto acaba de lançar um bem interessante volume sobre **Fortificações do Brasil** (1). É livro que interessará não apenas ao militar, mas também ao historiador do passado nacional e ao simples curioso. Contém uma relação bastante completa de praticamente todas as fortificações do Brasil, desde as antiquíssimas, devidas a portugueses, holandeses, franceses e ingleses, às mais recentes e modernas. Vão em separado inúmeros mapas, que permitem a localização, no espaço, dos vários fortes citados no texto.

(1) — Coronel Aníbal Barreto — *Fortificações do Brasil*. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1958. 337 p. Mapas em envelope separado.

SEGREDOS HISTÓRICOS

Gustavo Barroso fez reunir em volume a série de artigos que escreveu especialmente para a revista **O Cruzeiro**, sob o título significativo de **Segredos e Revelações da História do Brasil** (1). Ora narra uma conspiração de negros maometanos no Brasil, ora a fundação do colégio de Caraça, pelo misterioso ermitão Lourenço, ora a existência de camelos no Ceará, até onde foram ter oriundos do norte da África, por idéias do Imperador Pedro II. O que escreve possui interesse geralmente, se bem que não possam servir, todos esses segredos e revelações — alguns nada possuindo de sigiloso ou inédito, de resto — senão como auxílio muito débil

aos que se propuseram verdadeiramente conhecer o passado do Brasil.

(1) — Gustavo Barroso — *Segredos e Revelações da História do Brasil*. Edições O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1958. 287 p. Capa de Amílcar de Castro.

UM PROLÍFICO

O senhor Octalio Costa reeditou **Flor de Pedra**, uma série enorme de sonetos e poemas bem ao gosto tradicional, o que equivale a dizer: ao gosto dos que já perderam o gosto. Esse é o quinto livro do autor, que aliás promete para breve **Usneas e Cardos**. O prefácio de **Flor de Pedra**, cuja primeira edição não sabemos se é de alguns anos atrás ou de uma centena deles, deve-se ao senhor Astério de Campos, o qual explica, tratando do poeta: "Sua fertilidade espanta. Compõe mais sonetos, numa semana, que o fecundo Luiz Delfino em um mês". E diz depois: "Os vários temas da natureza e da vida muito o impressionam, seduzem e inspiram. Sabe recriá-los, como no soneto **A Cigarra**, assunto que parecia monopolizado por líricos imortais, como Anacreonte e Olegário Mariano"... Termina por chamar o autor de **Flor de Pedra** de "o sonhador acreano", o que é positivamente desafôro. Essa é uma poesia sem nenhum valor literário, poesia como não deve ser feita, poesia apenasmente que não é.

(1) — Octalio Costa — *Flor de Pedra*. Pongetti. Rio de Janeiro, 1958. 226 páginas.

NOTÍCIAS DE ARTE

MOSTRA DE PITTSBURGH — Entre 5 do corrente e o dia 8 de fevereiro vindouro, realiza-se a "1958 Pittsburgh Bicentennial International Exhibition of Painting and Sculpture", com prêmios que vão de 500 a 3.000 dólares. Essa é a 41.^a ocasião em que se efetua essa mostra, que se intitula o mais antigo e o maior acontecimento artístico dos Estados Unidos da América. O Júri para o corrente ano se compõe, como sempre acontece, de 6 membros: Mary Callery, Marcel Duchamp, Vincent Price (que é o conhecido ator cinematográfico, crítico de arte de destaque nos Estados Unidos), James Johnson Sweeney, Raoul Ubac e Lionello Venturi.

DOAÇÃO DA FORD — A Ford Foundation doou 253.000 dólares à Federação Americana de Arte — entidade semelhante à ARCO brasileira —, o que possibilitará a realização de exposições retrospectivas de 24 artistas norte-americanos, nos próximos dois anos. É pena que, no Brasil, nunca aconteça nada parecido.

MARIA BONOMI EM NOVA IORQUE — A exposição da gravadora brasileira Maria Bonomi na Galeria Roland de Aenlle (N.Y., 59 West 53rd. St.), há tempos realizada, foi acolhida de modo bastante favorável pela crítica especializada. Dore Ashton, no **New York Times**, por exemplo, escreveu sobre ela: "Miss Bonomi uses assorted tools to create streaking white lines, or rounded white masses that often suggest the structures and artificial lighting of New York. She is inventive". O senhor Roland de Aenlle, de origem cubana, fundou há pouco sua galeria, para difundir a obra dos artistas latino-americanos. Tem um sério concorrente na galeria Sul-americana. Maria Bonomi, em janeiro, exporá na União Pan-americana.

IBERÊ CAMARGO EM 1959 — Iberê Camargo ia expor ainda em 1958, no Salão Grande da União Pan-americana de Washington. Acontece que seus quadros chegaram atrasados, e o artista perdeu a vez. No salão pequeno, seus trabalhos não cabem, devido às dimensões avultadas de quase todos; assim, em 1959 somente é que terá lugar a mostra estadunidense do conhecido artista gaúcho.

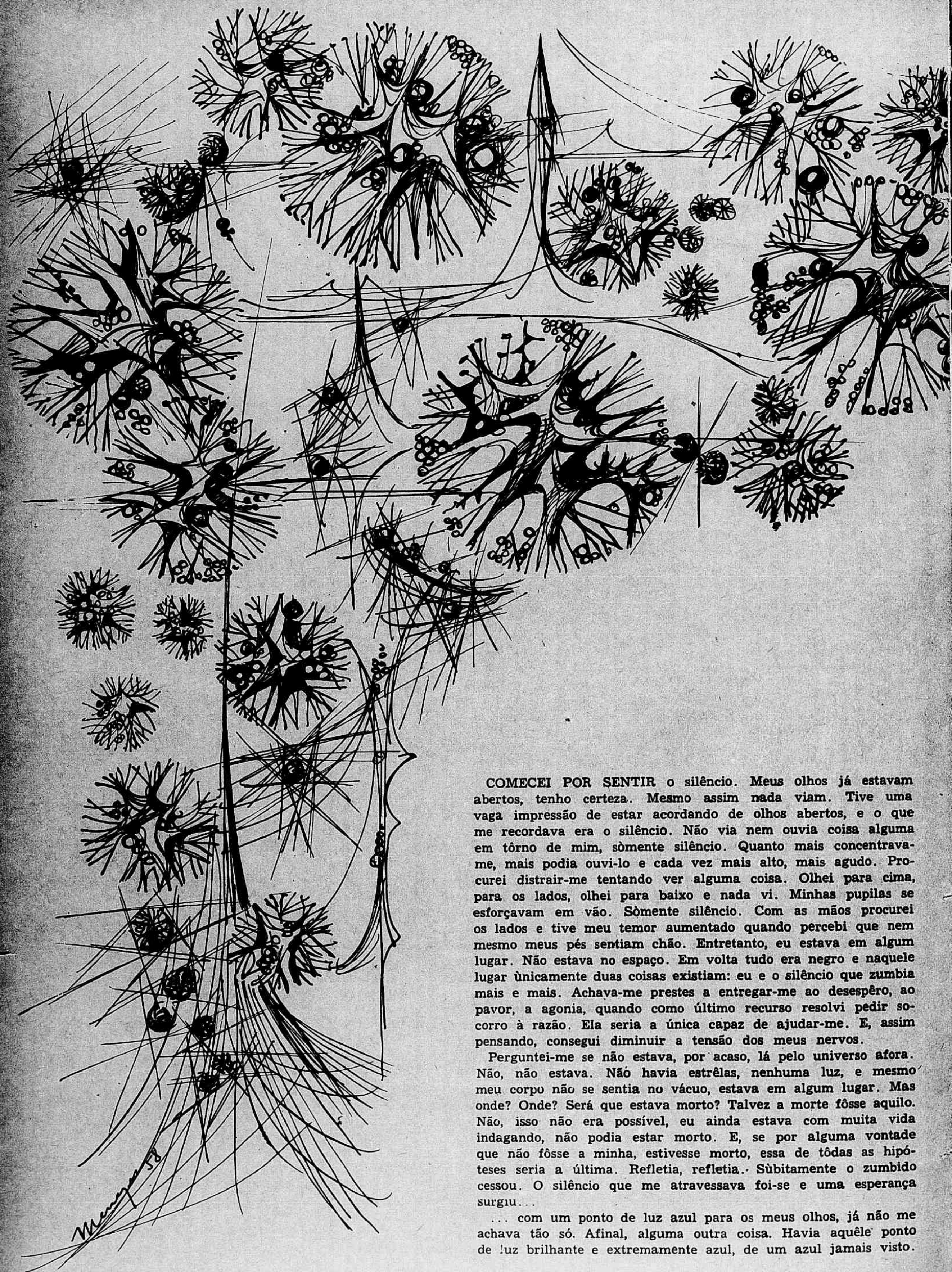
ALUISSO MAGALHÃES SEGUIU — Partiu para os Estados Unidos, onde demorar-se-á alguns meses, o pintor pernambucano Aluísio Magalhães, que em Recife é um dos dirigentes de "O Gráfico Amador".



Camargo.

CERAMICA DE ALDEMIR — Quando de sua recente estada em Buenos Aires, Aldemir Martins andou praticando, com um mestre iugoslavo, a arte da cerâmica. Eis na foto alguns exemplos do que já conseguiu até aqui, nesse setor difícil das artes visuais.

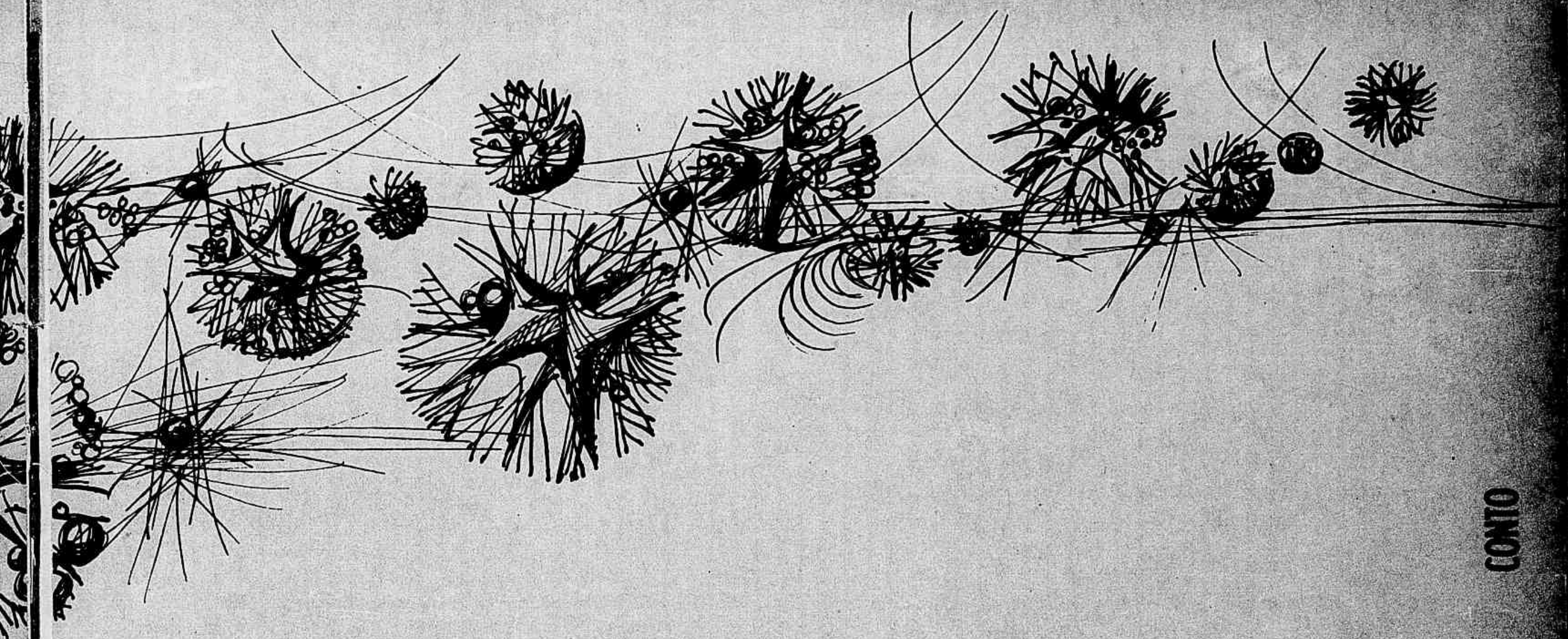
BENJAMIN SILVA NO MAM — Desaparecido das rodas artísticas — nem vai às inaugurações —, Benjamin Silva trabalha ativamente em seu atelier da rua Senador Dantas. Explica-se: ele exporá breve em S. Paulo, nas **Fólias**, e acaba de receber um convite para expor, em 1959, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, coisa que bem poucos conseguiram até hoje.



COMECEI POR SENTIR o silêncio. Meus olhos já estavam abertos, tenho certeza. Mesmo assim nada viam. Tive uma vaga impressão de estar acordando de olhos abertos, e o que me recordava era o silêncio. Não via nem ouvia coisa alguma em torno de mim, somente silêncio. Quanto mais concentrava-me, mais podia ouvi-lo e cada vez mais alto, mais agudo. Procurei distrair-me tentando ver alguma coisa. Olhei para cima, para os lados, olhei para baixo e nada vi. Minhas pupilas se esforçavam em vão. Somente silêncio. Com as mãos procurei os lados e tive meu temor aumentado quando percebi que nem mesmo meus pés sentiam chão. Entretanto, eu estava em algum lugar. Não estava no espaço. Em volta tudo era negro e naquele lugar unicamente duas coisas existiam: eu e o silêncio que zumbia mais e mais. Achava-me prestes a entregar-me ao desespero, ao pavor, a agonia, quando como último recurso resolvi pedir socorro à razão. Ela seria a única capaz de ajudar-me. E, assim pensando, consegui diminuir a tensão dos meus nervos.

Perguntei-me se não estava, por acaso, lá pelo universo afora. Não, não estava. Não havia estrêlas, nenhuma luz, e mesmo meu corpo não se sentia no vácuo, estava em algum lugar. Mas onde? Onde? Será que estava morto? Talvez a morte fôsse aquilo. Não, isso não era possível, eu ainda estava com muita vida indagando, não podia estar morto. E, se por alguma vontade que não fôsse a minha, estivesse morto, essa de tôdas as hipóteses seria a última. Refletia, refletia. Subitamente o zumbido cessou. O silêncio que me atravessava foi-se e uma esperança surgiu...

... com um ponto de luz azul para os meus olhos, já não me achava tão só. Afinal, alguma outra coisa. Havia aquêle ponto de luz brilhante e extremamente azul, de um azul jamais visto.



BOLA DE NATAL

CARLOS AUGUSTO NEM

Corri para lá mas logo diminuí a pressa para dar atenção a uma música que vinha detrás. Parei. Quais os instrumentos e que música, não pude identificar, mas era muito bonita e agradável. Voltei-me para aquele lado e vi que o negro já não era tão negro, estava violeta e se tornava cada vez menos negro e cada vez mais violeta. Deixei-me ficar perdido admirando aquela extraordinária mutação de cores quando recordei-me do tempo, do tempo que porventura fazia-nos companhia quando estávamos sós — eu e o silêncio — e que agora se apresentava mais nitidamente. Sim, do tempo que passava enquanto eu estava voltado para a música e para o violeta. É claro que ele passava, tanto ele passava que senti saudades do ponto azul que tinha ficado atrás de mim. Vi-rei-me, desta vez com calma, mas já não mais estava meu ponto, nem outro ponto em nenhum outro lugar. Em compensação, o negro que envolvia o ponto azul reluzente sumira também deixando um violeta igual ao outro. Percebi que o violeta não tinha limites; se estendia. Uma vez mais voltei-me para conferir o violeta detrás. Não era mais violeta, era azul. Novamente olhei para os lados, para baixo, para cima e tudo havia se tornado azul. Perturbei-me. Passei a girar e passei a ver azul em toda volta, porém, sempre mais claro. Não consegui ver o mesmo lado duas vezes com o mesmo azul; era sempre mais claro, mais brilhante. Minha perturbação também já era maior. A música, antes, suave, adquiria vida e limpidez com as cores que via. Girei demais e fiquei tonto. Creio que perdi os sentidos. Por quanto tempo, não tenho a menor idéia. Certamente permaneci nesse estado por muitos e muitos anos, pois quando principiei a recuperar a consciência tinha a impressão de ter percorrido existências. Refeito, ainda de olhos fechados e com a mão no rosto, ouvia música cristalina e semelhante a de antes — certamente a con-

tinuação — mas com instrumentos definidos e que eu conhecia, órgãos. Continuei a ouvir sem coragem de abrir os olhos. O ar era puro como a música. Meu paladar agradável como a satisfação do meu corpo. Todos meus sentidos estavam em regozijo. E os meus olhos? Abri-os. Fiquei completo. Encontrei-me envolvido por uma imensa esfera reluzente de azul-ago. Estupefato, com o que tinha para os olhos, chamei por mim mesmo e obtive como resposta o meu próprio chamado por um coro de milhares de vozes ecoando e milhões de pontos dourados cintilando por toda minha esfera. Assim fiquei...

Mas, afinal, onde estava? O que era aquilo? Era lindo demais para ser meu. Pensei no céu. Impossível. Eu? Não. Além do mais, ainda não morri, disso tenho certeza, eu sinto. Então, onde? Acho-me dentro de uma esfera de aço com belezas e música indescrevíveis... E não estou preso. Locomovo-me à vontade. Bato-me bem. Estou feliz, embora só. Ah! Sim, é verdade. Estou só e isso faz minha esfera incompleta. Traz-me uma certa nostalgia igual àquela que senti quando criança e desejei uma esfera de aço, uma bolinha de aço para brincar. É, deve ser isso. A nostalgia que tive por causa da bolinha de aço. Igual àquela nostalgia que tive, tantas vezes, quando na praia deserta e com o horizonte na frente não tinha bola para jogar nem menininha para brincar. Nem no Natal. Igual àquela que tinha no Natal quando não havia árvore para pendurar bolas para agradar o Papai Noel...

Minha nostalgia aumentou e comecei a chorar. Cada lágrima que caía, parecia um guizo rolando no chão. Debruçado chorei por muito tempo até adormecer exausto. Quando acordei, senti que alguma coisa me cobria e era de contato estranho. Eram bolas de Natal de todos os tamanhos e cores. Eram minhas lá-

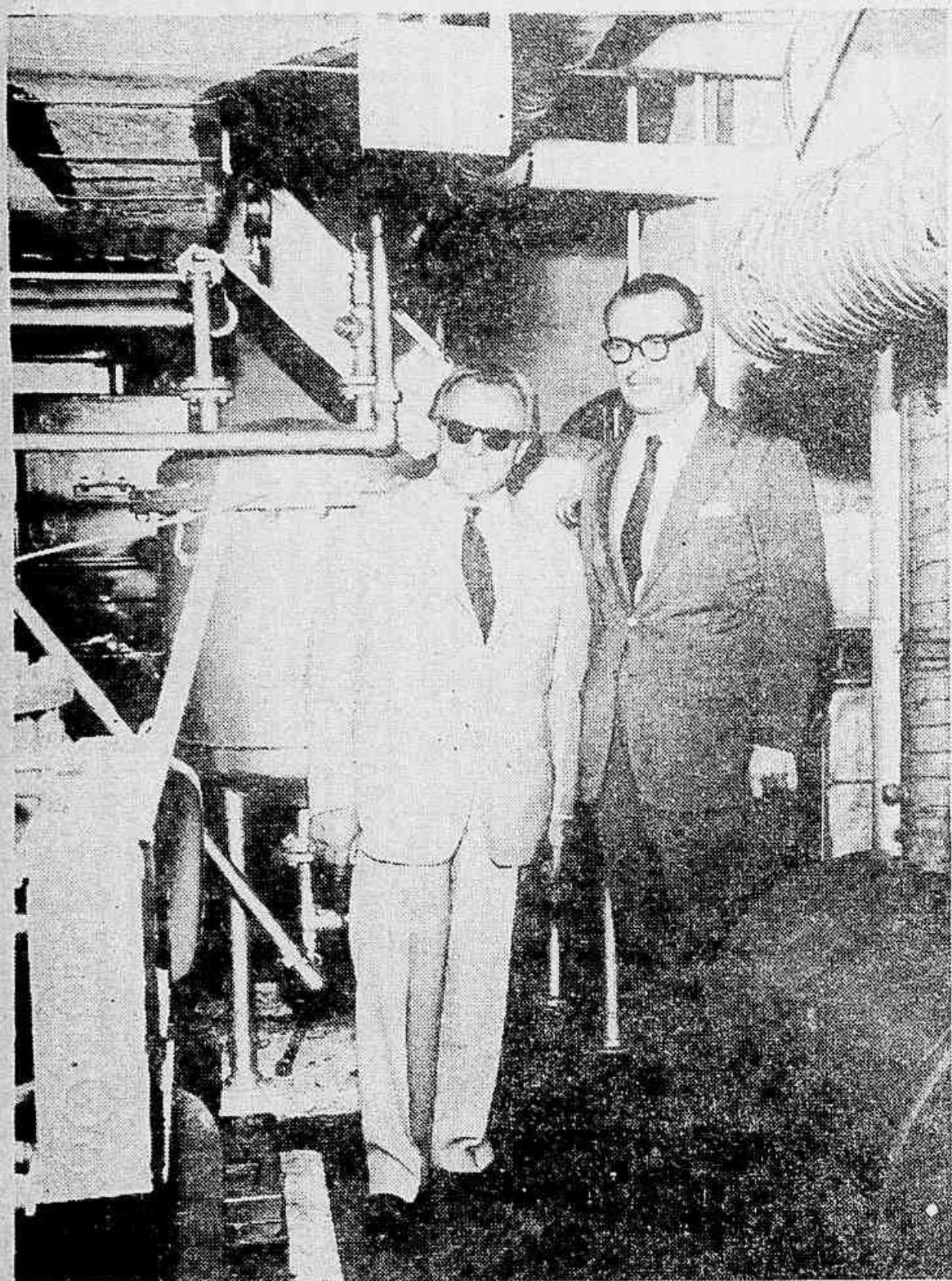
BOLA DE NATAL

grimas. Com cuidado eu as acariciava enquanto a música de órgão e o câro me acompanhavam. Lembrei que podia fazer uma árvore de Natal. Passei, então, a pendurar as bolas onde me parecia melhor. Meu entusiasmo aumentava com a árvore e a música. Minha alegria voltou com lágrimas de felicidade que se convertiam em enfeites para a árvore. Esta, crescia com as bolas e os enfeites que não terminavam. Ocorreu-me a idéia de fazer uma árvore que enchesse toda esfera de aço e, assim, eu estaria na minha esfera cheia de bolas do tamanho e das cores que quisesse. Lancei-me ao trabalho com arrebatamento. Mas, logo concluí que faltavam bolas e enfeites e que eu teria de chorar novamente de tristeza e novamente de alegria para aumentar minha árvore. Fiquei triste e chorei pensando na minha bela árvore. Surgiram, então, as lágrimas e os tilintar de guizos que se transformaram em bolas. Com as bolas veio a alegria para as lágrimas dos enfeites. Continuei minha árvore.

Assim trabalhei durante milhões de anos para encher minha esfera de árvores de Natal com bolas de todos os tamanhos e de todas as cores. Sempre chorando de tristeza e de alegria. Cada mil anos, creio, afastava-me da árvore para de longe, bem longe, contemplar o que havia feito. Minha obra era infinitamente pequena dentro da minha esfera infinitamente grande. A nostalgia voltava e com ela as lágrimas para o reinício da atividade; sempre com música de órgão e câro. De fato não tinha mais tempo para pensar. Cada milênio, cada segundo era precioso para o meu empreendimento: encher de bolas de Natal toda minha esfera. Cansaço não havia.

Foi então que alguma coisa aconteceu. O câro parou, o órgão também. — Chego a pensar que eles se cansaram dos meus ciclos infundáveis. — O silêncio de tudo tomou conta. Fiquei com pavor. Outra vez mais afastei-me do meu monumental trabalho. Quanto mais me afastava, menor ele me parecia. Primeiro montanhas, depois montes até se tornarem pontos insignificantes naquela imensidão vazia. Meu pavor aumentou quando percebi que a minha esfera de azul-aço começou a escurecer e ficar mais azul. Naquele instante preciso vislumbrei tudo. Ia voltar o princípio. O zumbir do silêncio já estava presente. Rezei com toda minha força. Não era possível que tudo recomeçasse. Desde o verdadeiro início. Que eu tivesse novamente de chorar milhares e milhares de lágrimas para lidar com milhões de bolas. Que novamente eu tivesse de passar existência dentro da minha esfera de aço. Que eu novamente tivesse de enfrentar a solidão por mais tempo que a duração do mundo. Que aqueles ciclos infundáveis se encadeassem com a monotonia das eras para formar o meu martírio eterno. Não! Tudo de novo. Não podia ser. Aterrado e sem luz, cobri o rosto e entreguei-me ao tempo.

Quanto tempo passou, não sei. Mas foi muito. Uma esperança surgiu quando de dentro do silêncio começou a nascer um som doce e modulado. Abri os olhos e, com resignação, encontrei-me envolvido novamente naquela vastidão negra. Para surpresa minha, porém — essa sim era surpresa — lá estava em frente, longe no infinito, o ponto azul de brilho fulgurante. Aquêlê ponto, lembro-me bem, que tinha sido a minha esperança. O som modulado aumentava de intensidade; era como uma música. O ponto, com a música, de mim se aproximava. Estranhamente seu tamanho era o mesmo. Quando senti que já estava bem próximo, resolvi caminhar em sua direção: êle parou. Percebi que não devia mover-me. Parei. Êle veio vindo, veio vindo, suave e docemente como a música que o trazia. Veio e parou junto aos meus pés. Ajoelhei-me e colhi aquêlê lindo ponto. Era a bolinha de aço mais bonita que jamais existiu.



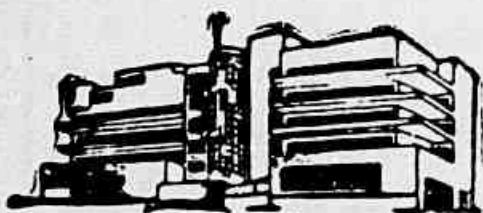
PROGRESSO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE PRODUTOS QUÍMICOS

O MINISTRO DA SAÚDE, Dr. Mário Pinotti, mostrou-se impressionado com o progresso da indústria brasileira de produtos químicos fins ao visitar a fábrica da Divisão Lederle (Cyanamid Química do Brasil) no dia 12 de dezembro, por ocasião da entrega de um diploma internacional de honra àquela fábrica. O diploma foi concedido pela McGraw-Hill, após exame de conceituado grupo de técnicos estrangeiros à organização, como sendo a nova fábrica de Rezende a melhor que se construiu no Brasil em 1957. No flagrante vemos o Dr. Mário Pinotti em companhia do Dr. Flávio Miguez de Mello quando percorria departamentos de produção da grande unidade industrial em que foram investidos cerca de Cr\$ 700.000.000,00 e que fabricará 120 diferentes produtos Lederle, entre os quais destacamos a Aureomicina e a Acromicina.

CASA DE SAÚDE E MATERNIDADE ARNALDO DE MORAES

Telefone: 57-8110

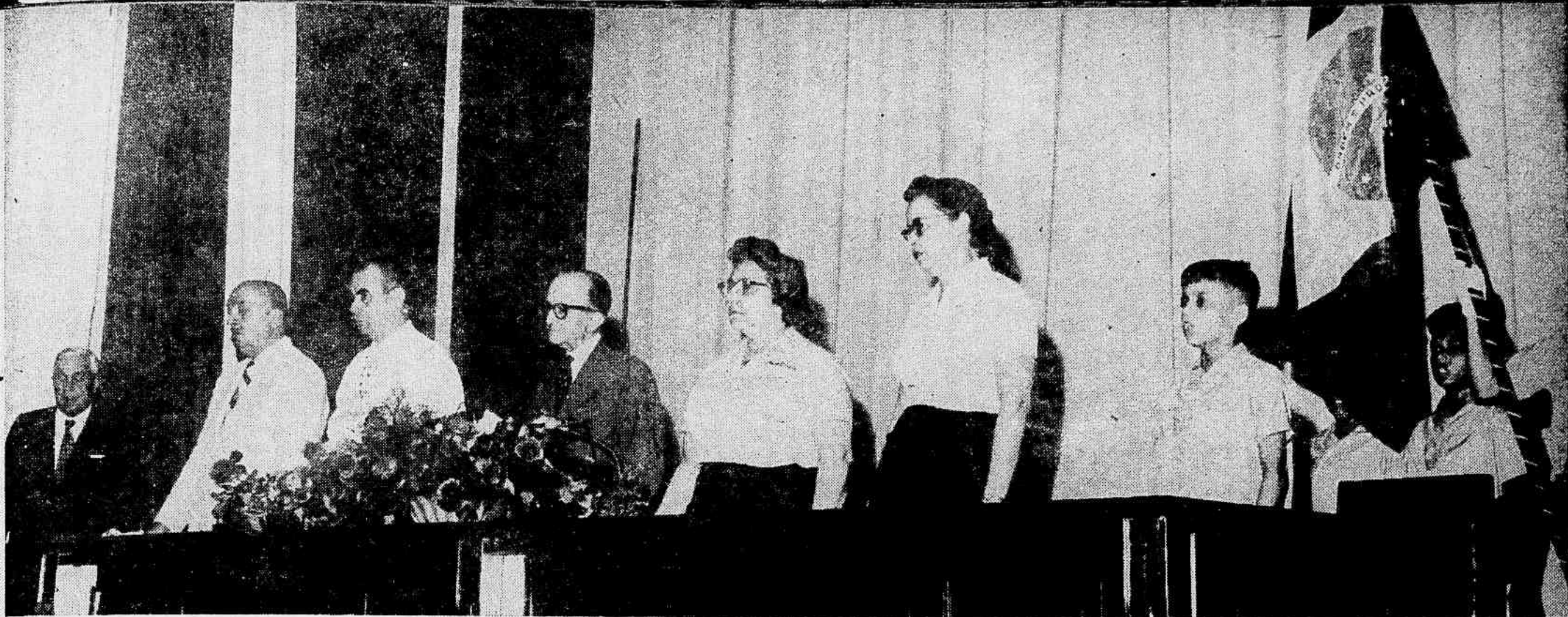
PARTOS
Cirurgia de homens e mulheres



Parto com assistência médica, internação por 5 dias, em quarto de Cr\$ 800,00 diários — Cr\$ 6.000,00. Operações em geral, tumores do ventre, tumores do seio, tratamento de moléstias de senhoras — Tratamento dos tumores pelo Raio X e pelo rádio. Diagnóstico do câncer. Tratamento da esterilidade.

Aceitam-se doentes de médicos estrangeiros para partos e cirurgia das senhoras.

RUA CONSTANTE RAMOS, Nº 173 — COPACABANA



A mesa que dirigiu a solenidade. Ao centro, o sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro.

Na Escola Jockey Club Brasileiro

FESTIVAMENTE ENCERRADO O ANO LETIVO

EM MEADOS do mês último foi festivamente encerrado o ano letivo na Escola Jockey Club Brasileiro, o modelar estabelecimento de ensino mantido pela prestigiosa sociedade turfista. No auditório da Escola foram entregues os prêmios aos alunos que mais se distinguiram em tôdas as séries, durante o ano, seguindo-se uma demonstração de canto orfeônico e exibições de ginástica e ginástica ritmada.

O sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, fez uma saudação aos corpos docente e discente do educandário, que foi respondida pela diretora, professora Maria Madalena.

Encerrou a festividade a apresentação, pelos alunos, da peça "O sonho de Branca de Neve", que alcançou vivos aplausos. Aos seus pupilos e suas famílias o Jockey Club Brasileiro ofereceu farta mesa de doces e refrigerantes.

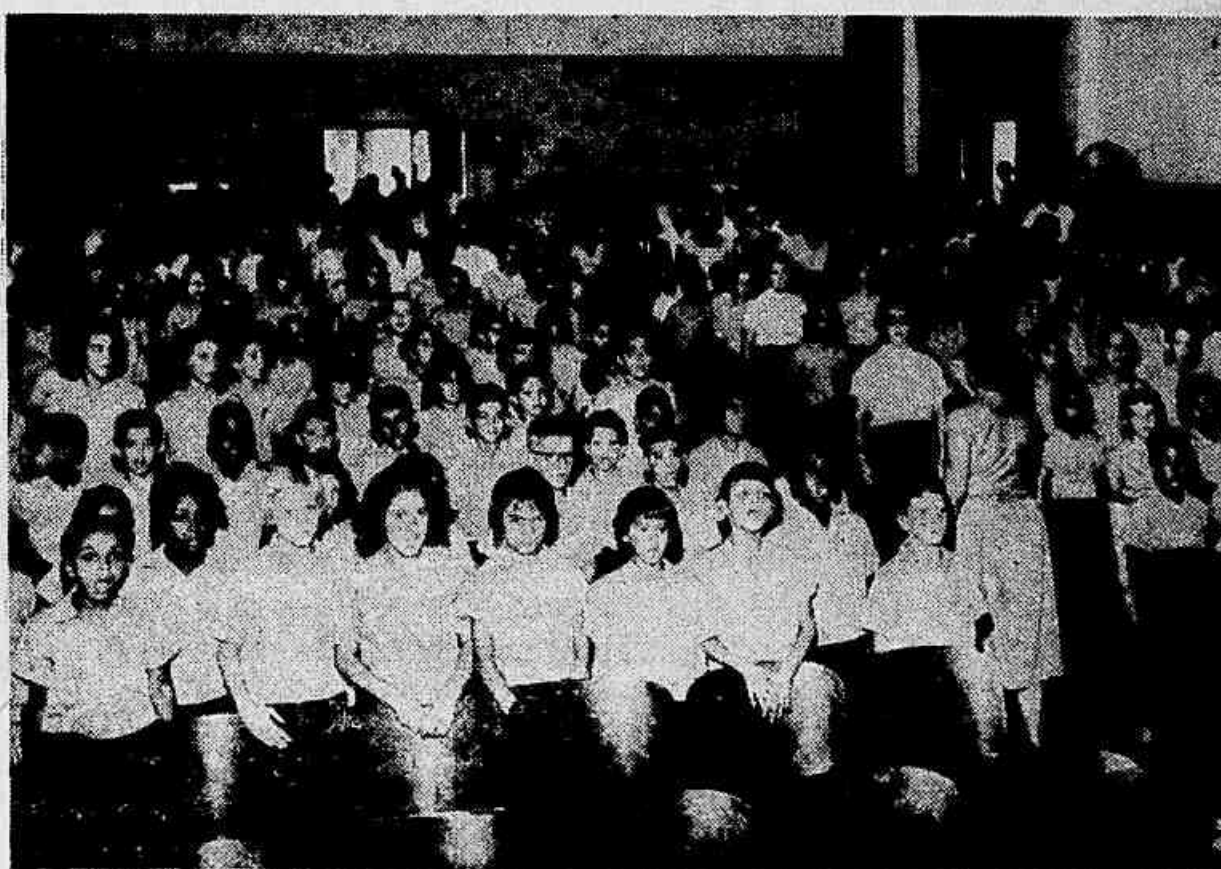
Os presentes tiveram ainda a oportunidade de admirar uma interessante exposição de trabalhos dos alunos da Escola.



Exibição de ginástica pelos alunos.



Demonstração de canto orfeônico.



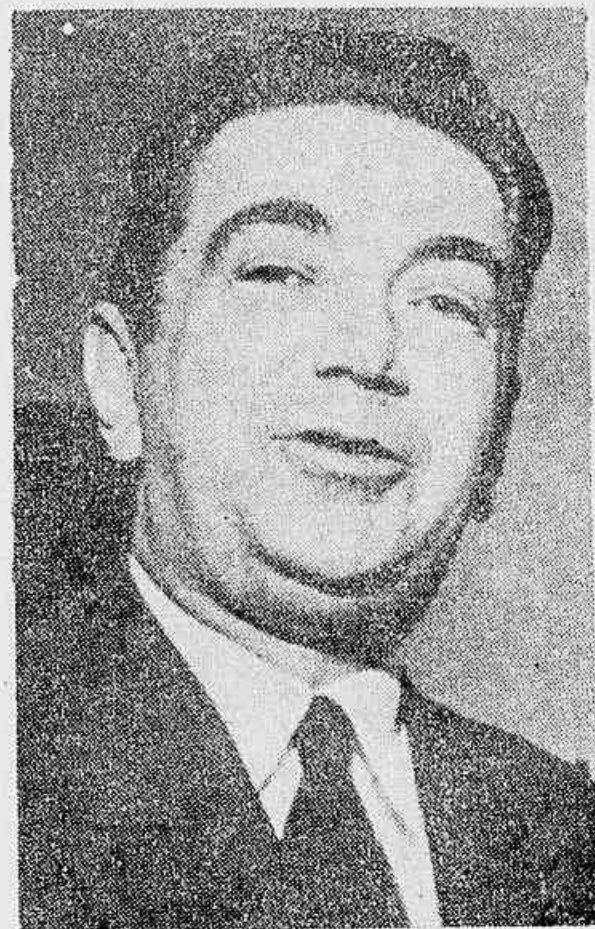
Alunos e suas famílias presentes à festa.



Maysa.



Milton.



Machado.

KALEIDOSCÓPIO

CHUCK WOODWARD

APRESENTO hoje minhas indicações sobre os **Melhores e os Mais** do ano, nos diversos setores da vida mundana da cidade. Todas as indicações são de minha inteira responsabilidade, indiscutíveis como a opinião pessoal de um colunista, mesmo aquelas nas quais ouvimos as impressões de várias pessoas de destaque. Trata-se, sobretudo, de um resumo de fatores que anotamos durante o ano inteiro, não apenas dos últimos meses. Portanto, aqui estão minhas indicações:

SENHORA MAIS BEM-VESTIDA — Verdadeira "lady" sob todos os pontos de vista, mulher de grande sensibilidade e capacidade de trabalho, aliadas sempre a uma elegância em todos os momentos, e possuindo as facilidades proporcionadas por seu ramo comercial, a indicação não poderia ser outra: senhora **Helen Peliks**, viúva do muito estimado "gentleman" Jack Peliks, e continuadora de sua obra de bem vestir as mulheres brasileiras.

HOMEM MAIS BEM-VESTIDO — Sempre sóbria e corretamente vestido, nunca dado a afetações nem de vestuário nem de gestos, jamais procurando publicidade (recusa-se a ser fotografado) embora exercendo cargo público do maior significado e sendo por demais conhecido, aponto como exemplo de homem bem-vestido: **Eduardo Bahout**.

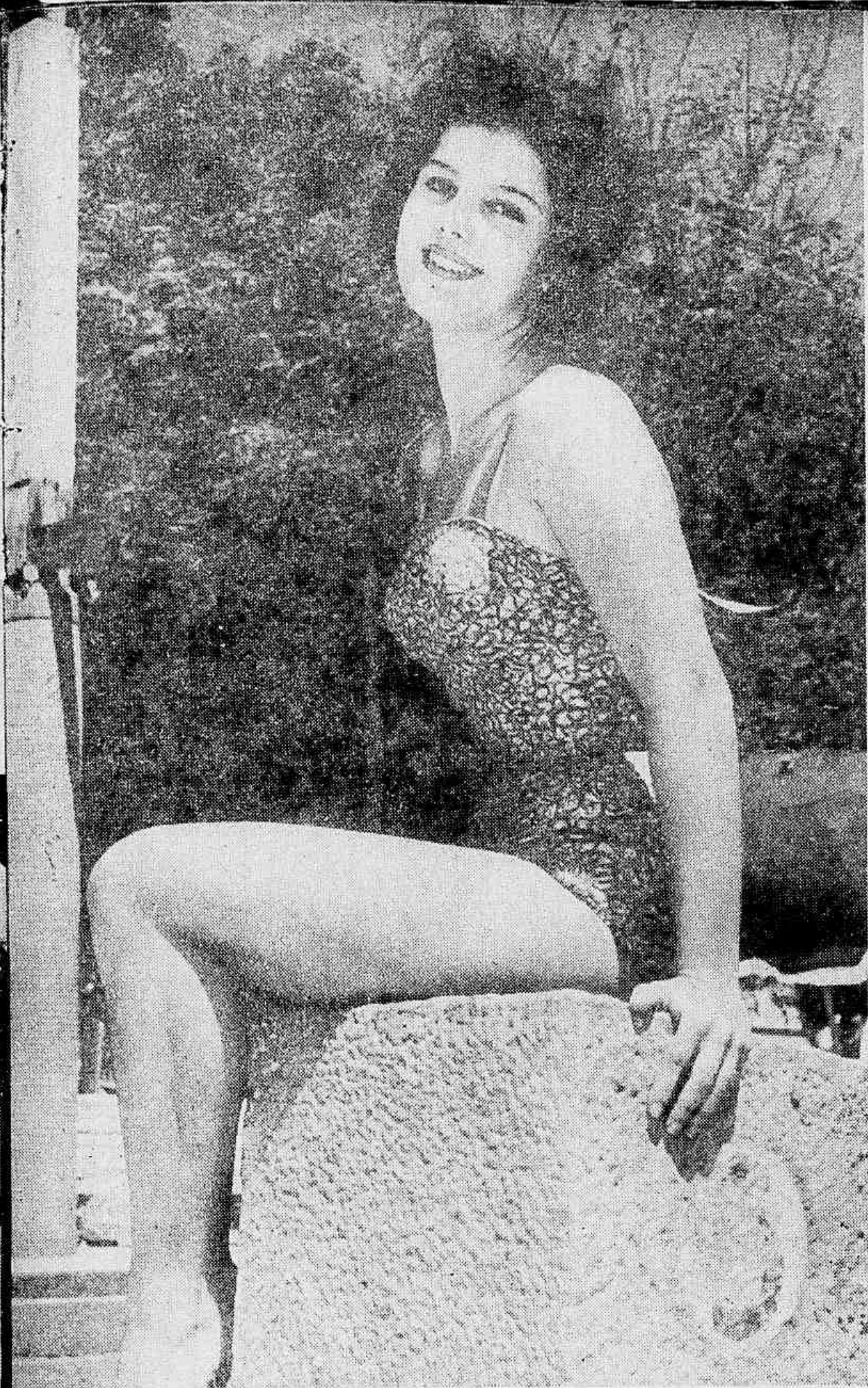
GAROTA MAIS ATRAENTE — Representante de uma juventude sadia e esportiva, de conhecida vida particular e escolar sem restrições, possuidora de uma beleza suave aliada a uma plástica privilegiada, considero como tipo ideal de garota mais atraente: **Dayse Correia de Aquino**.

MELHOR COZINHA — No ano passado indicamos apenas uma cozinha como sendo a melhor da cidade. Este ano, contudo, apontamos as melhores dos três setores distintos da vida mundana:

Por sua excelente preparação dos mais variados pratos, seu estoque absoluto de iguarias estrangeiras, seu serviço da mais alta categoria, e frequência de personalidades de destaque social e financeiro, apontamos o "**Restaurante Verde Mar**" como possuidor da melhor cozinha de dia.

Por sua comida excelente, quer em pratos complexos, quer em serviços ligeiros, pela cortesia de seus funcionários, e crescente frequência de personalidades sociais, políticas e financeiras, apontamos o **Clube dos Caiçaras** como possuidor da melhor cozinha (sob direção de Francisco Aragão) das agremiações sociais.

Por sua inegável qualidade de casa noturna de maior categoria, sua variedade de cardápio, seu serviço perfeito, e reconhecida frequência excepcional, apontamos o "**Sacha's**" como possuidor da melhor cozinha da noite.



Dayse.



Marlene.

OS MELHORES E OS MAIS DE 1958

MELHOR MÚSICA — Possuidor de excepcional ritmo, executando com perfeição qualquer repertório, construindo a reputação de uma casa noturna importante praticamente à base de seu conjunto, indicamos como a melhor do ano dentro da noite: a música de Djalma Ferreira e seus Milionários do Ritmo, do "Drink".

MELHOR ESPETÁCULO DO ANO — No ano passado apontamos um espetáculo do exterior da maior categoria (Ballet do Teatro Bolshoi) apresentado no Teatro Municipal. Este ano, contudo, sem a concorrência de espetáculos como aquele, de inegável maior valor cultural, apontamos a produção musicada "Bela Época 1900 e 58", levada à cena no "Night and Day".

MELHOR ATRAÇÃO PESSOAL — Cantora de excepcionais qualidades vocais e de grande musicalidade, compositora de real talento, cartaz de maior força de atração pública do momento, apontamos como a melhor atração artística das noites brasileiras: **Maysa Monjardim**.

MELHOR ATOR DO ANO — Esta escolha não é tanto de um ponto de vista estritamente teatral, se bem que o poderia ser, mas sobretudo, baseada na repercussão havida no meio social.

Julgando pelas impressões colhidas, apontamos como melhor ator do ano: **Milton Moraes**, intérprete (premiado em 1957 pela Prefeitura) de "Pedro Mico", de Antônio Callado.

ARTISTA MAIS ATRAENTE — Apresentei os nomes de cinco vedetas aos senhores Adolpho Cláudio Graça Couto, André Spitzman Jordan, João Batista Amaral Filho, Jorge Guinle e Leopoldo Modesto Leal. Cada um votou para primeiro e segundo lugares, tendo a eleita recebido dois votos para primeiro lugar e um voto para segundo lugar, contra dois votos para primeiro lugar apenas da segunda colocada. Embora eu não tenha votado nesta escolha, aceito do júri o resultado, faço-o meu, e indico como artista mais atraente do ano: **Marlene Rosário**, com seu rosto delicado, olhos verdes, plástica esguia e admirável.

SHOWMAN DO ANO — Produtor de coragem e dedicação, excelente "metteur-en-scène", possuidor da capacidade de escolher os melhores colaboradores, descobridor da maioria dos talentos do teatro musicado nacional, único a conduzir o nome do "show-business" brasileiro, em matéria de produções, além da América latina, único a ser citado numa revista estrangeira de grande repercussão ("Time"), indicamos como melhor homem de espetáculos do país: **Carlos Machado**.

NO PARAÍSO DE EVA VELHO GROU É ADÃO

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA



BK — O homem não é o rei dos animais...

TODOS SABEM a frase: "Quanto mais conheço os homens, mais gosto do meu cachorro". Pois a garôta das fotos, não apenas no tocante aos cães, porém quanto a todos os animais, parece haver chegado à mesma e filosófica conclusão. Tanto que, apesar de seu bonito palminho de rosto, da garrulice do olhar (e que olhos a pequena tem!) ou da sedução evidente dos seus outros — e numerosos — atrativos naturais serem capazes de endoidecer coração e alma de tudo quanto é marmanjo dêste mundo lotado dêles, embora isso, eu dizia, a moça prefere ignorar o invulgar privilégio, reservando sua meiguice e seu sorriso exclusivamente para os irracionais. "Ora", dirão alguns dentre os que me estão a ler (perdão: refiro-me aos leitores, não aos bichos), "no verdor

da adolescência, filosofia não calha". Haverá até quem, por outro lado, se ponha a citar os versos do Inglês:

Quando dois jovens se encontram,
ela formosa, êle arrogante,
a prudência aconselha que ambos
fechem os olhos.

Tolice. "Em filosofia da vida", garante o compridão e enciclopédico Huxley, "só os moços vêem com limpidez". Exato. De resto, aquilo de "fechar os olhos" não passa de sonho de quem não percebe que o grande segredo do sucesso é mantê-los sempre abertos. E é, notem, precisamente o que a nossa heroína faz.



BARBARA KWIATKOWSKA — Nome complicado para uma bela carinha

NO PARAÍSO DE EVA



"ELA É UMA GRACINHA" — Haverá quem discorde?

PARAÍSO SEM ADÃO

De quem se trata, afinal? De Bárbara Kwiatkowska. Nasceu na Polônia, num dos bucólicos e chopinianos vilarejos banhados de sol e de ar, nos bons e antigos lugares onde as casas murmuram e são de uma alvura que dói, além de que se reúnem à beira dos campos, como um bando alacre de moças vestidas de branco e entretidas a palrar. Bárbara é tão cândida e simpática quanto as casas, a paisagem e os costumes de sua terra natal. Com eles se confunde em sua doce ingenuidade e na pureza de suas ambições. "A coisa que eu mais desejo a esta altura", confessa aos íntimos e, por vezes, aos intrometidos como eu, "é viver em paz. Você já imaginou como seria maravilhoso o mundo, como seria luminosa a vida, se todos também o quisessem?" Não preciso então ir muito longe para definir-lhe o caráter.

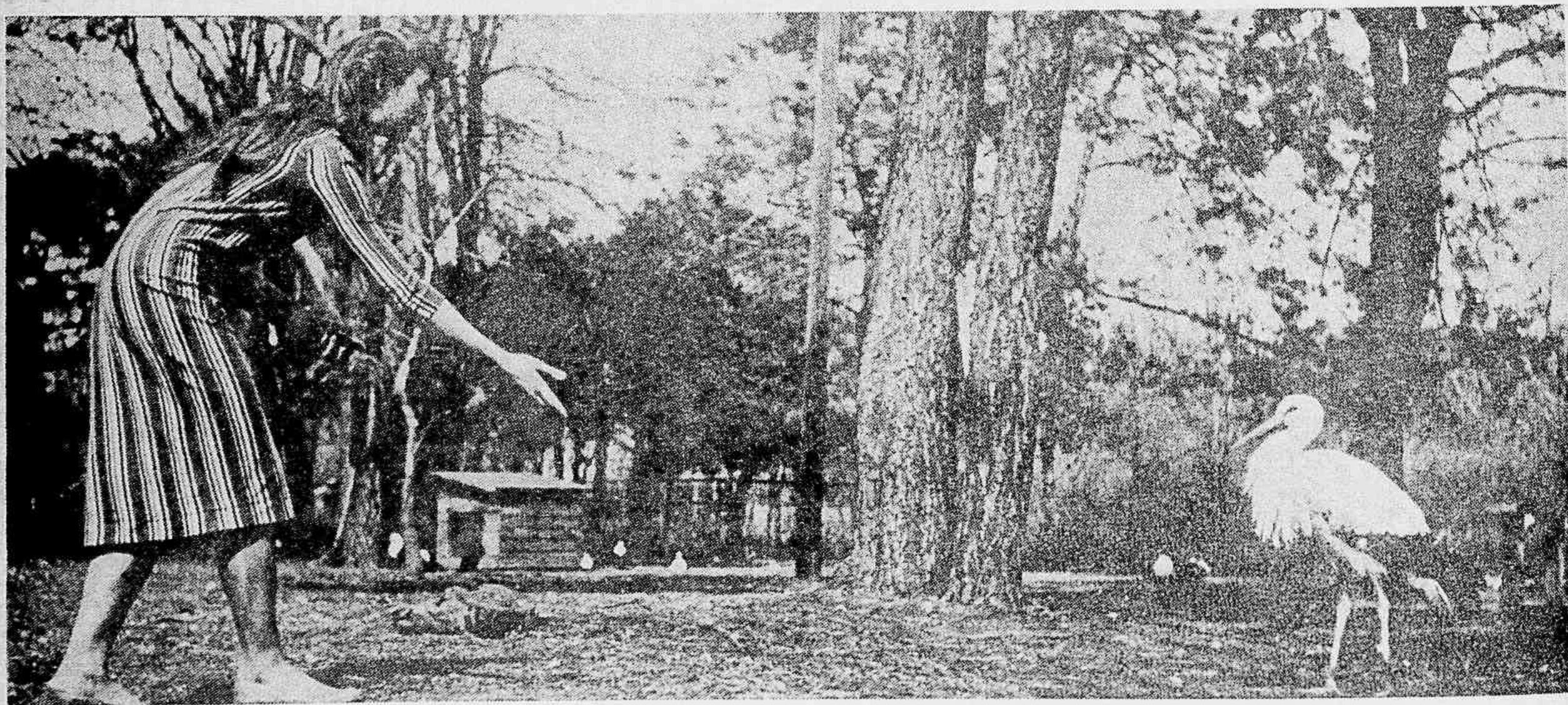
B.K., diga-se de passagem, já teve oportunidade de encarnar personagem talhada sob medida para o seu feitio humano. Qual? — Eva a infantil, Eva a da transparência do lírio, Eva a figurinha central de *Eva queria dormir*, uma das melhores realizações da arte cinematográfica da Polônia; e inundou de graça e de lirismo todo o filme. É que, na existência real, a nossa Eva (ou a nossa Bárbara, vá lá, constitui também um retrato de ternura, afeição e candidez. Prova? — O estar a preocupar-se, não com a estupidéz dos homens, mas com os faisões, as garças (da sua coleção participa inclusive um velho grou), os gamos, cães, pássaros e gatos que povoam o zoo particular instalado no jardim de sua casa.

"É o meu paraíso", declara-me Bárbara com uma ponta de orgulho na voz.

Sim, um paraíso sem serpentes. Mas ainda um paraíso sem Adão.

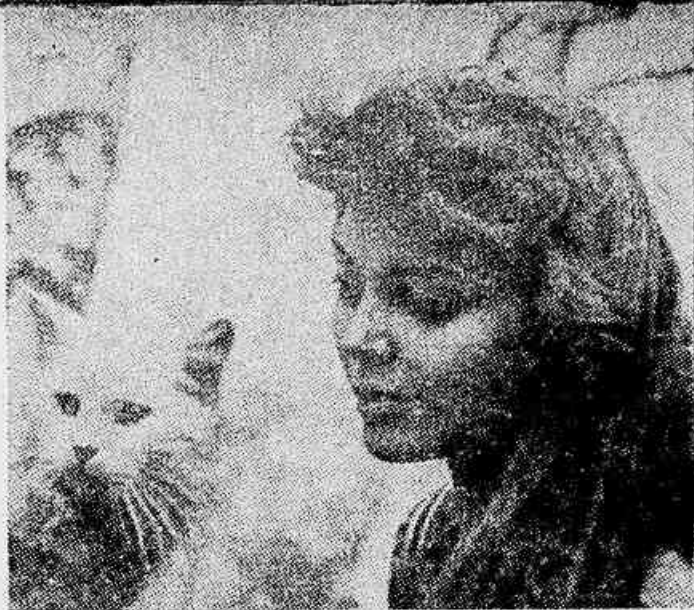
AMOR PODE SER "HOBBY"?

Tanto e de tal forma B.K. se apegou aos seus amiguinhos, que deles quase não se aparta, transferindo-lhes um carinho ao qual, não duvido, serão muitos os candidatos entre os humanos; daí porque a bonita *Evinha* constituiria, segundo penso, excelente promotion para a campanha de sócios (racionais) em que anda empenhada a SUIPA, Sociedade Protetora dos Animais (irracionais). Agora, lamento desapontar os prováveis entusiastas: esse zoológico em que, entre outras coisas, o grou ancião costuma ficar meio encafifado e de perna zangadamente encolhida quando um barbado e implume bípede se aproxima de sua dona, não é aqui no Rio, nem em Pôrto Alegre ou em São Paulo, mas em Var-

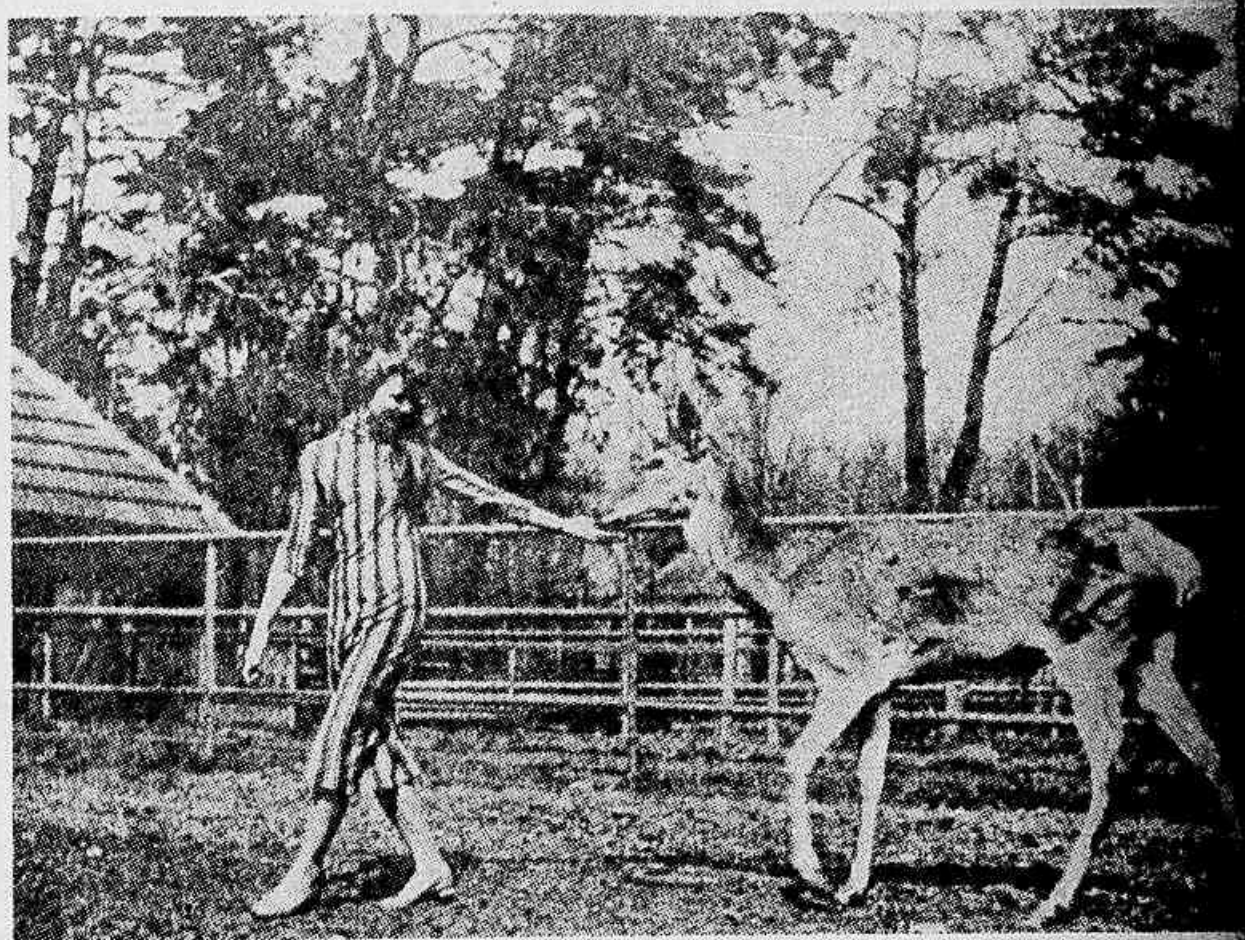


GROU NO PARAÍSO — Ciúme começa com perna encolhida.

VELHO GROU É ADÃO



BARBARA E O "DODÓI" — Promoção para a SUIPA.



ARTE IGUAL A SONHO — Mas Agnieszka é igual a hobby.

sóvia, onde a pequena mora; e isso, convenhamos, significará, para quem a deseje conhecer pessoalmente, uma espécie de ducha de água fria, seja pelo alto preço da 'viagem, seja porque ir do Brasil até lá, atravessando a Cortina, importaria em inevitáveis — e desagradáveis — complicações com o vigilante coronel Danilo e com o bravo almirante Pena Bôto. Se amor e política, não esqueçam, freqüentemente dão dores-de-cabeça cada um por sua vez, imaginem reunidos...

Mas serão êsses bichos todos um **hobby**, mania ou distração? "Não cuidei nunca de defini-lo", ela explica. "Contudo, acho que é apenas amor. Se amor pode ser **hobby**? Você, que é homem, o que diz?

E dá um sorriso que amoleceria qualquer ranheta da Terra.

A LEOA É O "DODÓI"

Acontece que, recentemente, Bárbara levou sua mania um pouco além do admissível: comprou — pasmem — uma leoazinha! Sim, eu sei: bebês, mesmo leões, não costumam pôr em perigo a segurança alheia, a não ser por certos e úmidos maus-hábitos. O que me sobressalta, no entanto (embora Bárbara não o endosse, pois vai comprar mais dois) é que a leoazinha vai crescer... Também sei: homens adultos são piores. Mas leões e leoas são leões e leoas, homessa. Mesmo B.K. sentindo-se entre êles tão à vontade como Androcles, o do leão com espinho na pata, ou como o bíblico Daniel. Enfim, Bárbara considera tudo "muito divertido" e crê que "de minha Leléio (a leoa) nada tenho a temer". Depois indaga: "Não é uma gracinha?"

Olhando as fotografias, acabo concordando. Com uma ressalva: coloco o substantivo no plural. São mesmo **duas** gracinhas, não são?

AMBIÇÕES EM RELAÇÃO

Para concluir, enumero aqui mais alguns dados sobre essa Bárbara, quem cria leões com a mesma naturalidade com que o Luiz Hermann Filho cria os seus cachorros ou com que o bom Floresta de Miranda anda de automóvel sem buzina e de paletó sem gola. Leiam os itens a seguir.

1 — Além de aumentar a coleção de bichos, B.K. apresenta outra ambição: "Conseguir a força dramática, o talento de Maria Schell, embora certos críticos de cinema insistam, não sei por que (oh, candidez!) em me achar parecida com a Brigitte Bardot."

2 — Quer promover, aproveitando este Natal, "um movimento no sentido de que, em todos os Jardins Zoológicos do mundo, os bichos vivam em imitações do **habitat** de cada um e não entre jaulas". Uma opinião: "O homem não tem o direito de condenar à prisão perpétua os animais."

3 — Afora a leoa-bebê, Bárbara adquiriu para o seu zoo uma corcinha que lembra o Bambi e se chama Agnieszka, ou seja, Aninha.

4 — Outro **hobby**: tirar fotografias da bicharada: "Já tenho oitocentas".

Porém o grande sonho mesmo, êsse é "continuar a desenvolver a arte", que já abriu aliás a essa atraente Kwiatkowska carreira muito bem iniciada e promissora no moderno cinema polonês.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

MANDATO-TAMPÃO

GOVÊRNO TAMPÃO

PREÇOS TAMPÃO

TAMPAO, EIS A PALAVRA. *Tampão é a palavra do momento. Há um bueiro aberto à frente do Brasil e é preciso tampar. Assim apareceu o mandato-tampão (para o Presidente da República). Assim se reclama um Governo tampão, para encobrir a falta do que aí está. Assim se exigem preços-tampão, para cobrir o rombo dos preços atuais.*

PARA QUE SERVE O MANDATO TAMPAO. *Nos debates desta semana, verificou-se que o mandato tampão tem um propósito declarado: a coincidência dos mandatos em 1962. Para isso haveria um Presidente da República, com mandato de dois anos, eleito não pelo povo, mas pelo Congresso Nacional. Mas tem um propósito sussurrado: evitar que o Sr. Jânio Quadros se candidate à Presidência da República.*

DIZEM QUE AMIGOS DE JANIO SUGERIRAM O MANDATO TAMPAO. *A IDEIA É, DESDE JÁ, O MAIOR CABO ELEITORAL DE JANIO.*

JANGO, LOTT e OUTROS PROVAVEIS *não gostariam do mandato-tampão, por que lhes tiraria a possibilidade imediata de concorrer. O Ministro da Guerra não teria interesse direto, pois vive repetindo que não se candidatará. Mas seus amigos e admiradores têm.*

JK TERIA INTERESSE. *Permite-lhe voltar ao Catete em 1962. Mas parece que terá de contentar-se com a senatória honorária.*

PREÇOS-TAMPAO, A SOLUÇÃO. *Devido à mágica do tampão, já se quer, também, tampar os bolsos do povo, mediante preços que nada tenham a ver com a situação inflacionária e a queda do valor de compra dos salários de cada um. Essa esperança é o congelamento, tampão frágil que Papai Noel acabou de arrebentar e que, por sua vez, está arrebentando com tudo no Brasil...*



Jango.



Lott.



Jânio.



ADVERTE SOUZA NAVES, AMIGO E INTRODUTOR DE JÂNIO NO PTB

POVO PODE CHEGAR A ARMAR FÔRCAS NA PRAÇA PÚBLICA

— OS ACONTECIMENTOS estão conduzindo os homens no Brasil. Marcha da Produção no Paraná, marcha do funcionalismo sobre o Catete, a anunciada marcha dos flagelados nordestinos, os 'quebra-quebra' e violentas manifestações populares são movimentos de base que fazem pensar. Você não acha muito grave esse movimento popular exasperado que apareceu? Do modo como estão os ânimos, o povo pode chegar a armar fôrças na praça pública. E ainda por cima essa história do mandato tampão.

Assim me falou Souza Neves, político de excepcional estrela que durante doze anos acalentou e sustentou o PTB do Paraná, como seu presidente e, no momento propício, com grande exatidão, empolgou a senatória por oito anos, estendeu-se a São Paulo e projetou-se na política nacional como o homem que levou o Governador Jânio Quadros a eleger-se deputado federal pelo Paraná (e pelo PTB). É criatura extremamente simples, confundindo-se com qualquer homem comum. Conversa comigo na porta do



— Minha ligação com Jânio é motivo de satisfação e até de orgulho. Estou satisfeito de ter-lhe sugerido e lutado pela sua candidatura a deputado no Estado do Paraná — diz Souza Naves a Osório Nunes.

“Palácio de Cristal”, restaurante da Lapa onde se reúnem políticos e onde dá audiências (rápidas) a correligionários. A conversa se prolonga num passeio até a porta do Senado, onde Ailton de Souza Naves espera a hora de entrar. O nosso diálogo:

OSÓRIO NUNES: — A agitação popular das últimas semanas é, mesmo, tão perigosa?

SOUZA NAVES: — Claro que sim. É um fenômeno novo, que, ainda não pudemos avaliar suficientemente. Está começando. De certo modo, é bom, pois demonstra que o povo está vigilante. Principiou de repente e tem rumos imprevisíveis. Deus sabe o que está por vir.

OSÓRIO NUNES: — O congelamento de preços impediria a crise?

SOUZA NAVES: — Que congelamento? Em Londrina, e em todo o Norte do Paraná, de onde acabo de chegar, não existe nem tabelamento, quanto mais congelamento. Esse congelamento que foi decretado é uma medida sem maiores estudos e sem maior repercussão. O congelamento de preços veio apenas incentivar o mercado negro e fazer com que os intermediários comprem dos agricultores os seus produtos por preços ainda mais baixos. O congelamento não existe no interior. E no interior é que está a força do Brasil. É preciso pensar nisso, no interior, nos homens do interior, nos homens do mato, dos pequenos municípios, cada vez que se faz uma determinação legal para todo o Brasil. Lutarei, no Senado e fora dele, em tal sentido.

OSÓRIO NUNES: — A que deve a sua vitória eleitoral?

SOUZA NAVES: — A defesa desses temas. Sem exageros, mas dentro da realidade e ajudando, de fato, cada cidadão prestante do interior a ter uma solução melhor para o problema de sua economia pessoal e de sua família. No campo político-partidário, conquistei a senatória pelo sentido de oposição ao atual Governo do Paraná. Para enfrentar-me, o Governo teve de recorrer a um candidato cujo nome não sofresse dúvidas em sua moral pública. Foi buscar o próprio Presidente do Tribunal de Justiça do Estado. Mesmo assim, o povo paranaense (inclusive o de Curitiba, onde se dizia que eu não ganhava) preferiu o meu nome por que viu em mim o contrário de tudo que se faz no Governo Lupion. Esta segurança eu lhe dou para 1960.

OSÓRIO NUNES: — É candidato ao Governo do Paraná?

SOUZA NAVES: — Sou. No Paraná, minha candidatura é uma aspiração natural do meu partido. Principalmente depois do triunfo de 3 de outubro último.

OSÓRIO NUNES: — Sua posição como diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil ajudou à eleição?

SOUZA NAVES: — Sim. Porque me fez conhecido numa área onde até então eu era pouco conhecido: no campo. Meu suplente, Sr. Nelson Maculán, é lavrador, presidente da Associação Rural de Londrina. Fui buscá-lo entre os homens que trabalham na terra no Paraná.

OSÓRIO NUNES: — E a “mística” trabalhista ajudou?

SOUZA NAVES: — Muito. O PTB é organizado em todo o Estado. Concorre com candidatos próprios em todas as eleições. Como acontecerá no próximo ano, quando haverá eleições para Prefeitos e Vereadores em 114 Municípios, menos Curitiba, onde elegemos, agora, o Prefeito que apoiei.

OSÓRIO NUNES: — A introdução de Jânio Quadros no PTB afetou suas relações com Jango?

SOUZA NAVES: — Sempre me dei muito bem com Jango. E sempre tive dele as maiores demonstrações de confiança.

OSÓRIO NUNES: — E sua situação perante o PTB?

SOUZA NAVES: — Sempre fiz política no PTB. Pela minha orientação política, não posso ter outro rumo que o traçado pelo meu Partido.

OSÓRIO NUNES: — Sua ligação com Jânio atrapalhou sua ida para o Ministério da Agricultura?

SOUZA NAVES: — Minha ligação com Jânio é motivo de satisfação e até de orgulho para mim, porque reconheço no Governador de São Paulo as qualidades que todo brasileiro reconhece. Estou satisfeito em ter-lhe sugerido e lutado pela sua candidatura a deputado no Paraná, pois assim os brasileiros não terão solução de continuidade na carreira de tão ilustre patrício. Mas creio que não houve nenhum entendimento para que eu fôsse para o Ministério da Agricultura.

OSÓRIO NUNES: — O Governador Moisés Lupion teria vetado o seu nome?

SOUZA NAVES: — Se o fez, é mais um desserviço que prestou ao Paraná. Teria ele, junto ao Presidente Kubitschek e ao Vice-Presidente João Goulart, autoridade para tanto?

OSÓRIO NUNES: — A luta Jânio-Ademar está ameaçando de cindir o PTB?

SOUZA NAVES: — Confio em que o Dr. João Goulart, com a sua habilidade, evitará para o PTB o reflexo dessas inimizades regionais.

OSÓRIO NUNES: — Acompanhará Jânio Quadros na campanha presidencial?

SOUZA NAVES (à porta do Senado, onde ia saber de suas futuras obrigações como Senador): — Como trabalhista, estarei com aquele que fôr indicado pela convenção do meu Partido.



Veja
o que você vai ter no
**Almanaque Eu Sei Tudo
1959**

INFORMAÇÕES SOBRE O ANO: Datas das Festas Móveis, Correspondência dos diferentes calendários, Entrada do Sol nos Signos, Comêço das Estações no Hemisfério Austral, Eclipses de 1959, Elementos do Cômputo Eclesiástico, Calendário Civil, Calendário Católico, Calendário Evangélico, Calendário Israelita, Fases da Lua.

RESUMO DO ANO: Aeronáutico, Automobilístico, Médico, Científico, Artístico, Cinematográfico, Literário, Ex-Librístico, Turfístico, Evangélico, Católico, Israelita, Espírita, Agrícola. Lições das Escolas Dominicais, I, II, III, IV trimestres de 1959. Os Mortos do Ano. Calendário Perpétuo. Calendário Perpétuo das Festas Móveis.

Entre outras curiosidades:

A evolução da humanidade escrita no zodíaco

Assim se vai à lua

Jesus nasceu, mesmo, em 25 de Dezembro?

O ano 2.000 visto por sábios russos e norte-americanos

O Brasil e o mundo há cem anos

Mulheres que mudaram o curso da história

CINEMA NACIONAL EM GRANDE MOMENTO



O pai (Jaime Barcelos) anima o filho que constitui família de bolsos vazios. "Grande momento" é um filme altamente humano.

SAI DO BRÁS IMPORTANTE FILME BRASI

HUGO SÉRGIO KOATZ

APESAR DE TODO o protecionismo legal que defende a exibição de filmes brasileiros, a sabotagem ronda continuamente nossas produções independentes. No Rio de Janeiro, os srs. Luiz Severiano Ribeiro e Lívio Bruni, os donos do cinema carioca, cobram a peso de ouro o aluguel de suas salas aos produtores que pretendem apresentar ao público outra coisa que não as infelizes chanchadas em que os dois magnatas se especializaram.

No caso de "O grande momento", de cujos méritos pretendemos falar, o bloqueio silencioso e indiferente dos grandes circuitos se fez sentir outra vez, e agora ainda mais revoltante, dado o valor do filme. Foi "O grande momento" compulsoriamente empurrado para um circuito menor do Rio (justamente o mais desacreditado quanto à produção nacional), contando apenas com o apoio da crítica cinematográfica. Ficamos aqui na esperança de que este



O casamento de Zeca é o grande momento de que fala o título. Com sacrifício, o noivo contrata até fotógrafo. Para a mãe e a irmã também é um grande momento. Em baixo, os problemas em casa sempre originam discussões. Todos desejam que a festa seja bela. Mas as economias da modesta família do Brás entram em crise.

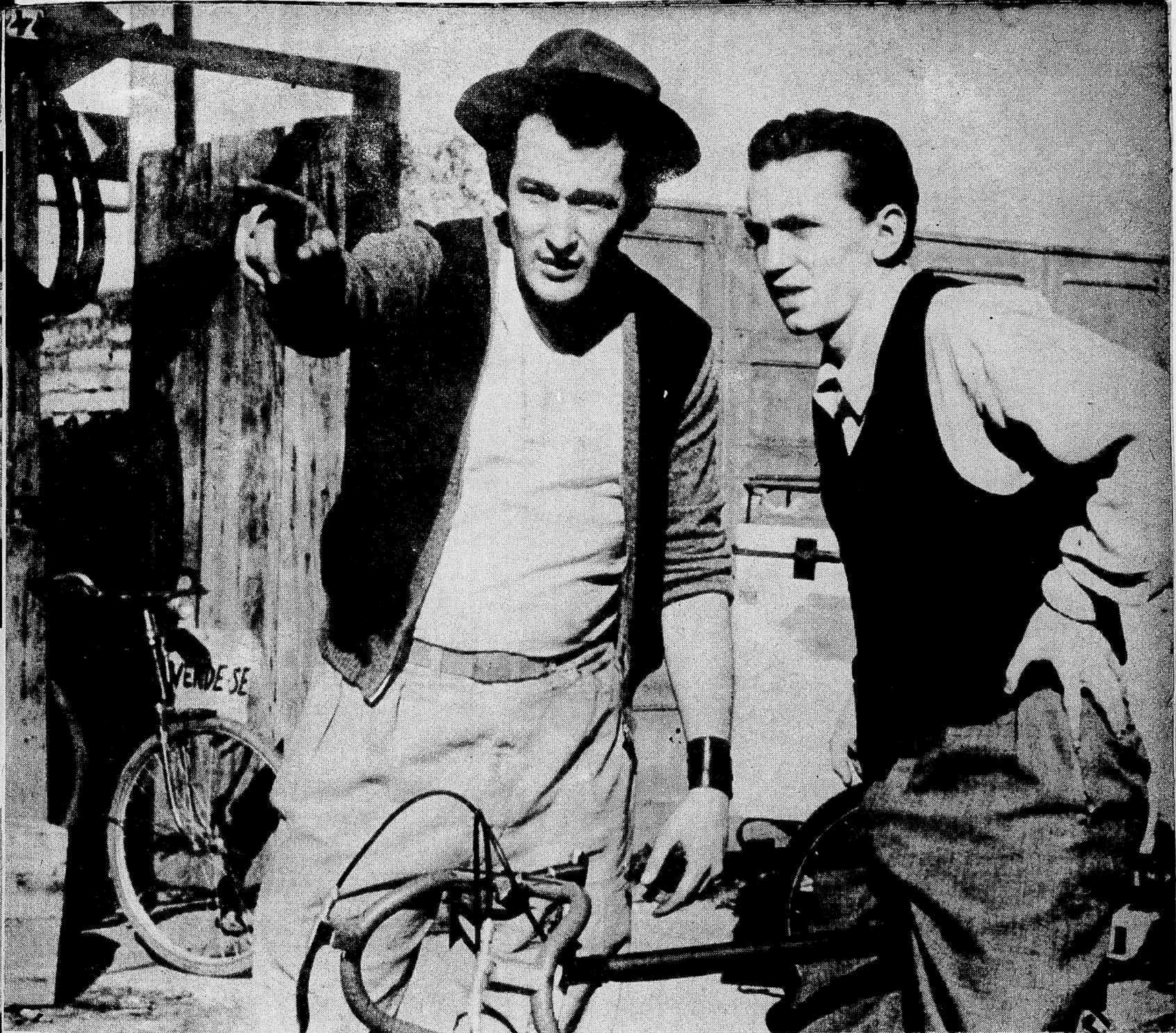


LEIRO



Gianfrancesco Guarnieri e Miriam Pércia são os jovens noivos da história. Dois dos melhores elementos da nova geração. Gianfrancesco se revela ótimo ator.

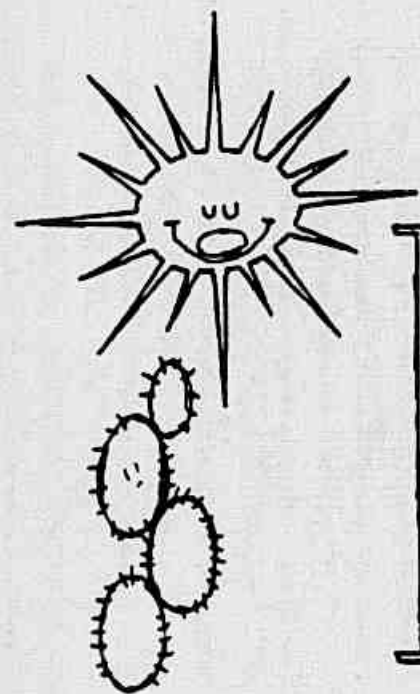




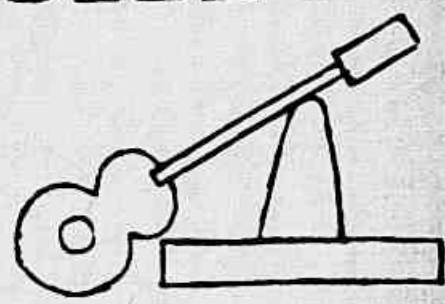
Drama de Zeca, o jovem eletricitista: para pagar as despesas da festa de seu casamento é obrigado a vender a preciosa bicicleta.

digno filme tenha melhor sorte pelo resto do Brasil. Porque o merece. Porque possui tudo o que falta às chanchadas dos "ty-coons" cariocas. Possui narrativa cinematográfica, uma bela história e um elenco eficiente. É uma crônica de Bairro — o Brás paulista — embora não tenha maiores pretensões em sê-lo, como acontecia com o decente mas incompleto "Rio, zona norte". Aproveita os melhores ensinamentos da escola neo-realista italiana, em forma como em conteúdo. Os exteriores são largamente usados. Passa perfeitamente como obra de um Emmer ou Castellani, respeitando-se, todavia, a completa aclimação brasileira, que não se separa em nenhum instante do desenrolar dos acontecimentos. A câmara acompanha as agruras de um jovem eletricitista às voltas com mil contas a saldar no dia de seu casamento: o terno azul-marinho, as clássicas fotografias, o chope da festa, as passagens e a estada da lua-de-mel. Gianfrancesco Guarnieri, que vive este personagem, está muitíssimo à vontade. É uma autêntica revelação. Os outros do elenco: Miriam Pércia, Jaime Barcelos, Paulo Goulart, todos eles estão à altura do filme igualmente. Todos os atores são colocados em cena desacomodados da incumbência exclusiva de "recitar" os diálogos. Eles executam (como deve acontecer com os atores no cinema) além da ação de dizer o que precisa ser dito, a ação de se fazerem sentidos e percebidos vi-

sualmente. Com isto, Roberto Santos, que estreou auspiciosamente na direção, garantiu uma penetração progressiva do espectador no filme. Os fatos vão se sucedendo num ritmo seguro e nota-se a procura plástica mais acentuada em alguns deles: na cena do parque de diversões, em que se focaliza (muito bem) os brinquedos em duas ou três amplas tomadas, auxiliadas por inteligente efeito de som a da briga entre os dois irmãos na cozinha de casa, ao som dos berros da novela de rádio — outra vez efeitos de som — e à vista da porta do armário embutido, fechada e aberta à cada minuto; a emocionante despedida de Zeca (o herói) da bicicleta querida, que é obrigado a vender para pagar o terno nupcial; a cômica e confusa festa de casamento, em que Roberto Santos dá mostras de verdadeiro talento alinhando com segurança e vivacidade uma sequência difícil, capaz de derrubar diretores experientes. Os diálogos são surpreendentes. Não podemos fazer por menos, temos que considerá-los ótimos. Todos eles parecem recolhidos em suas exatas fontes populares e só retocados com o necessário beneficiamento de ordem cinematográfica que os valoriza. E, maior que tudo isto, é a grande emoção que contém todo o desenvolvimento desta bela e simples história de um casamento. Tão poucas vezes vista — em tal grandeza — no cinema brasileiro.



México



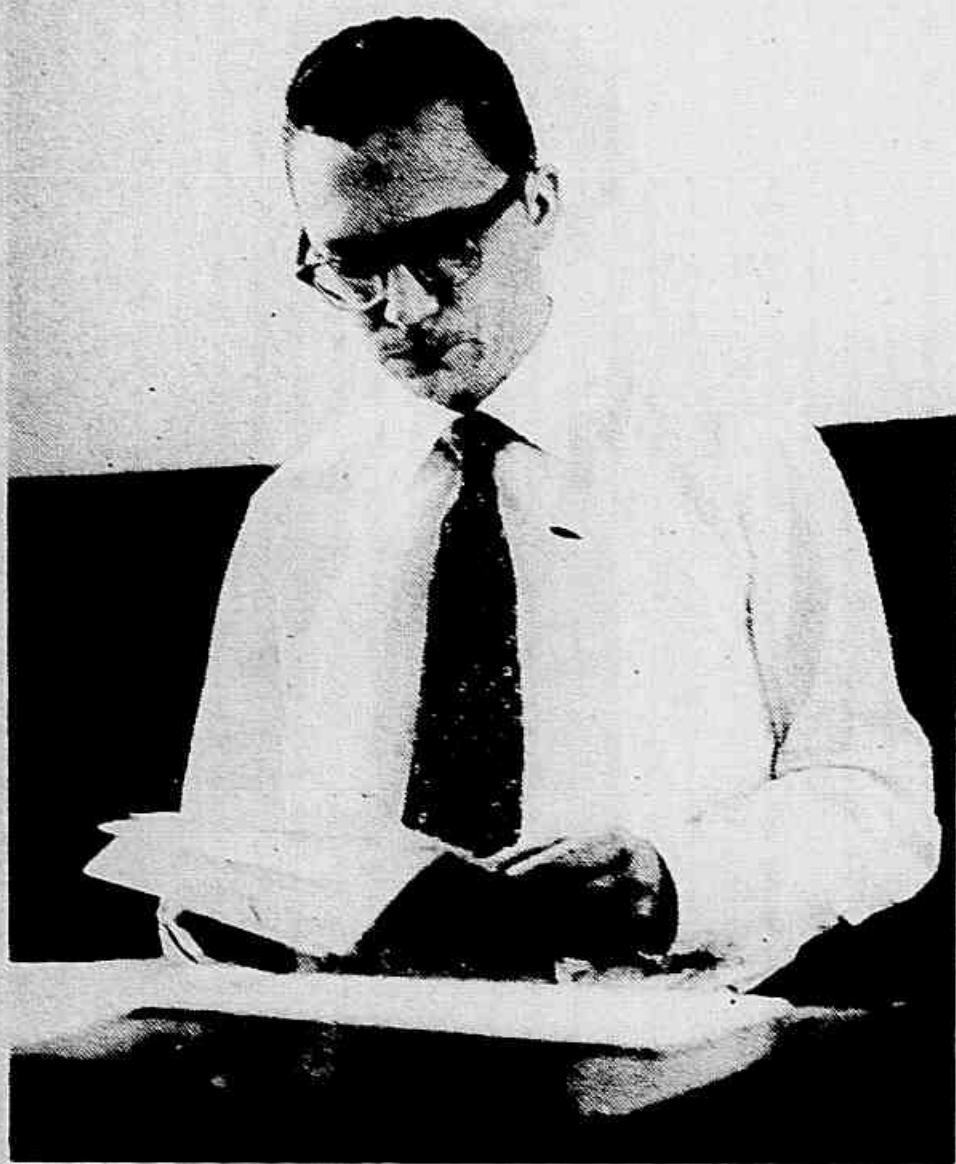
CAIXA POSTAL
"REVISTA
DA SEMANA"
PRIMEIROS
RESULTADOS



**PUREZA, TERNURA, LIRISMO
NAS CARTAS A PAPAI NOEL**

RENARD PEREZ

REVISTA DA SEMANA — 59



RENARD PEREZ: "Ler todos aqueles apelos — alguns impossíveis mas terrivelmente sinceros — era de cortar o coração".

CARTAS A PAPAI NOEL



LÚCIA BENEDETTI: "Bom seria premiar a todos, pedir a todos os meninos que escrevessem o ano inteiro."

4.527 cartas de crianças de todos os recantos do Brasil e mesmo do estrangeiro (2 de Portugal, 1 da Bolívia e 1 do Paraguai) foram remetidas à redação da REVISTA DA SEMANA até o dia 15 de dezembro, para concorrer à competição — "Escreva uma carta a Papai Noel e ganhe o seu presente de Natal". Quantidade — reconhecemos — bem maior do que havíamos imaginado receber, quando idealizamos a nossa "Caixa Postal", cujas bases foram lançadas em nossa edição de 1.º de novembro, dedicada à criança. Uma média, portanto, de cem cartas diárias — número que representa o sucesso absoluto, sob todos os aspectos, desta competição.

Como membro da Comissão Julgadora e redator da R.S., li, naturalmente, centenas e centenas dessas cartas de crianças, de idade variando dos 4 aos 14 anos incompletos. Cartas escritas a tinta, a lápis, em caprichada caligrafia ou em pitorescos garanchos, que só a muito custo conseguíamos decifrar. Cartas onde transparecia, bem claro, o auxílio de parentes, de professores, ao lado de outras, genuinamente infantis, escritas de próprio punho, puras, cheias de lirismo. Cartas expressivas, ternas, onde nos aparecia, com exuberância de pormenor, muito da vida daquelas crianças, e onde o nome dos pais, dos irmãos, dos amigos surgiam, como numa conversa familiar. E, falar a verdade, tivemos tre-

menda dificuldade em classificá-las. Os prêmios não eram tantos como desejaríamos — e tínhamos que nos limitar, escolher apenas algumas melhores naquele mundo de ternura e de filosofia que eram os pedidos feitos a Papai Noel. Cartas houve, magníficas. Outras que, embora não fôssem tão bem feitas, nos emocionaram pelo tom não raro patético dos apelos. (Uma observação: ninguém, entre os autores dessas quatro mil e tantas cartas enviadas, deixou de levar a sério a competição.) Sobreveio, então, o dilema: a escolha entre as cartas mais bem feitas — como exigia o regulamento — e as mais comoventes. Antes de julgá-las, a tarefa nos parecia bem mais simples: apenas uma questão de trabalho e de paciência. À medida que as íamos lendo, entretanto, elas nos davam autênticos problemas de consciência.

O FABULOSO MUNDO DA CRIANÇA

Cartas apareceram de todos os tipos. Havia as que não eram dirigidas a Papai Noel, mas a quem o representava: à Comissão Julgadora, ou à Revista, que instituíra a competição. Um exemplo, a carta de Nilton Murad, do Distrito Federal — um dos classificados: "Estou escrevendo para o senhor, mas sei que o senhor não existe. Em casa, o Papai Noel é o meu pai, e o senhor deve



nos e meninas que conti-

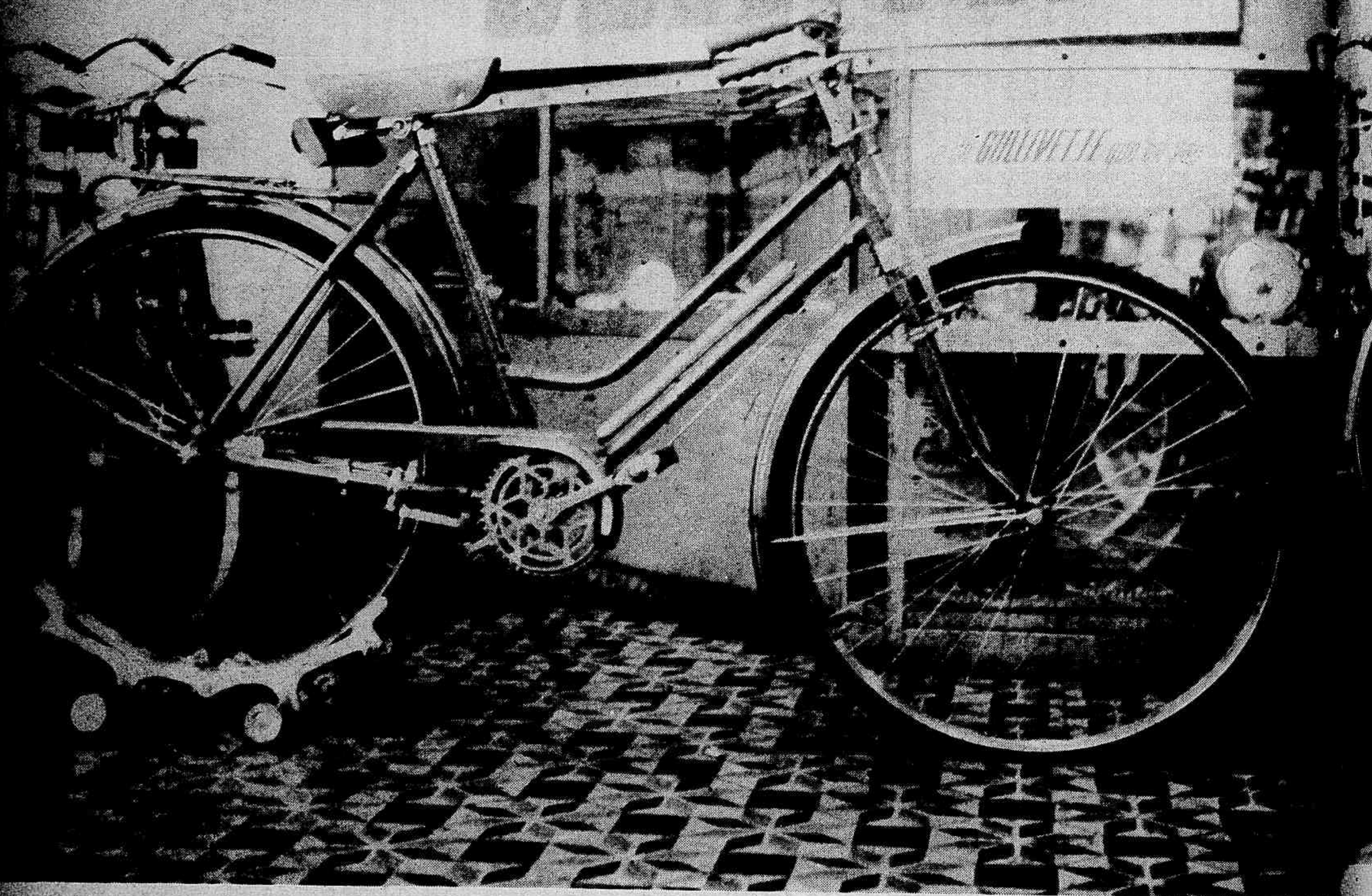
ILCA PEIXOTO: "Como julgar se uma carta é boa? Boas são tôdas as cartas escritas com o coração das crianças".

ser algum professor de português". Havia os que acreditavam em Papai Noel, mas desconfiavam de si próprios: "desde já vou lhe avisando que não tenho sorte com rifas e nem com jogos. Se eu quiser ganhar, tenho que fazer uma esperteza". Havia os suficientes: "eu sei que vou ganhar o primeiro prêmio, porque sou o melhor da classe e a professora diz que eu escrevo cartas muito bonitas". Havia os patéticos: "Papai Noel, olhe para a minha cartinha; ou: "o senhor deve ter dó de mim êsse ano, não vai esquecer, não é?" Ou ainda: "Faça uma mandinga aí e a bicicleta sai para mim, porque não é de hoje que eu peço uma bicicleta para você e até hoje nada. Eu ganhando a turma aproveita". Havia os descrentes: "todos disseram: não sejas bôbo, guri, então não sabes que o Papai Noel das Revistas não atende às crianças do sertão?" Havia as comoventes indagações: "Por que você não atende o meu pedido? Eu sempre peço lambretinha e você não dá?" Ou: "Por que você só vem quando eu estou dormindo?". Ou ainda: "Papai Noel, o senhor só gosta de crianças ricas? Não devia gostar não, porque elas têm tantas coisas bonitas e eu nada, nada, nada. Papai Noel, dá um jeitinho e dá um pulo até cá e me traga um uniforme completo do Vasco". Havia ainda os que nos punham contra a parede: "Eu quero tirar a prova pedindo-lhe que me mande um trem elétrico, para ficar sabendo se é a

mamãe quem diz a verdade ou se é o Jorginho quem prega mentiras". Ou êste: "Quero a bicicleta, e tu tens que mandar, pois me deste o direito de escolher". Havia os que utilizavam artimanhas — "mando êste dinheiro (cinco cruzeiros) para lhe ajudar", ou que enviavam expressivos desenhos, fotografias, santinhos, cartões-postais, pétalas de rosa; e os que exigiam, com riqueza de detalhes: "o que eu quero é uma bicicleta com freio, buzina e farol. A côr dela eu quero verde". E os que solucionavam problemas: "na minha casa não tem chaminé, mas o senhor pode bater na porta que a mamãe atende, porque na hora em que o senhor chega eu já estou dormindo". Ou esta comovente: "Atenda o meu pedido para que eu passe um natal alegre com meus irmãos e não fique olhando o velocípede dos outros".

PAPAI NOEL — ÚLTIMA ESPERANÇA

Uma menina houve, de doze anos, do interior do Rio Grande do Norte, que fez a sua carta em versos alexandrinos. Outro que, por ser muito pobre, não podia mandar o coupon, "mas assim mesmo ia aventurar". Uns pediam televisão, outros simples pares de sapatos e livros para estudo. Havia os que queriam, ao



PRIMEIRO PRÊMIO: BICICLETA GULLIVER, para mocinha, ganha por Marioliz de La Torre, de 13 anos, de São Paulo, e cuja carta se encontra publicada à pág. 19.

CARTAS A PAPAI NOEL

menos, uma resposta de Papai Noel. Uma garôta do Distrito Federal pedia o pai de volta, outra, do Espírito Santo, a cachorrinha que morreu. Uma menina de 4 anos, escreveu, desesperada: "mande uma máquina de costura para mim, porque vovó não deixou eu costurar na máquina a roupa da minha boneca". Cartas peremptórias, de ultimatos, de crianças aflitas, para quem Papai Noel representava, de fato, alguém que solucionaria seus dramáticos problemas. Que fazer? Um garôto compreendeu a nossa situação, dizendo: "Deve haver muitas crianças querendo presentes e o senhor não tem para todos; só se o sr. fôsse mesmo o Papai Noel".

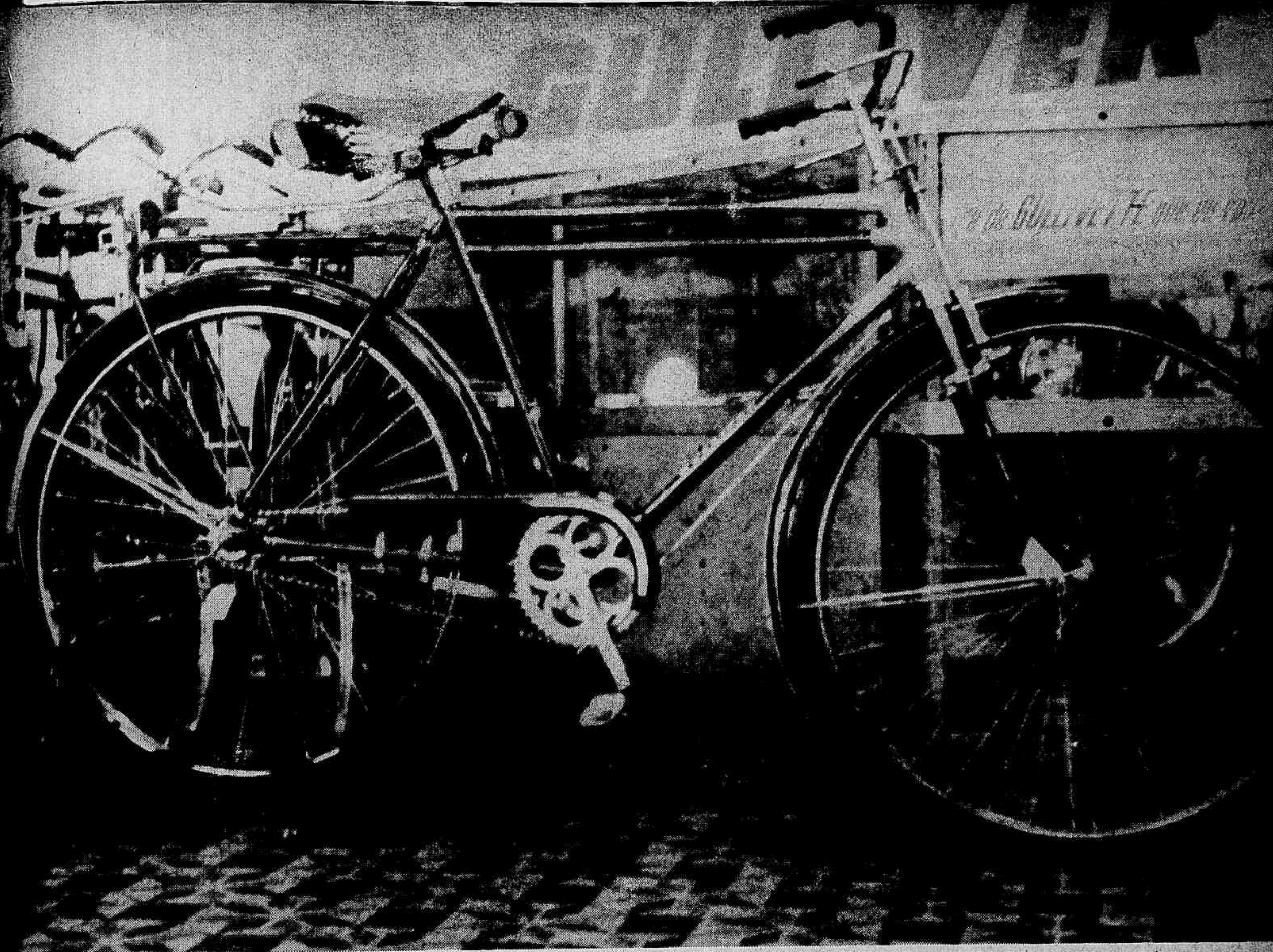
Que critério usar? Ler todos aqueles pedidos, todos aqueles apelos — alguns impossíveis mas terrivelmente sinceros — foi de cortar o coração. Antes, utilizássemos o de sorteio; ao menos não seria necessário antever tanta inocência decepcionada. O primeiro lugar, sem dúvida, foi fácil: é realmente excelente a carta de Marioliz de La Torre, a paulistinha da escola Vocacional do Sesi — pela originalidade, pela imaginação, pelas qualidades literárias. Para o segundo, foi bem menos simples, duas belas cartas — uma da Bahia e outra de São Paulo (Tatuí) — disputavam a bicicleta para rapaz. Em qualidades, elas se equivaliam. Optamos pelo menino de S. Paulo — José Clóvis — êsse pequeno herói do interior, para quem a bicicleta seria, além de um divertimento, um importante instrumento de trabalho. Em terceiro, decidimos por Ana Maria, da cidade de Jacinto, em Minas, que queria a coleção de Monteiro Lobato. Em 4.º, a garotinha de

Fortaleza — Norma Benavides — de sete anos, que pediu a "mesbleta". E ainda Nilton Murad (coleção de livros), Jorge Enjilho, apaixonado por aeromodelismo — ambos do Rio de Janeiro. E ainda aquele garôto de nove anos, morador de Vigário Geral — José Henrique Gomes da Silva — que pediu uma bola em seu lírico bilhete iniciado assim: "Estou lhe escrevendo esta cartinha cheio de emoção estou muito nervoso é a primeira vez que escrevo uma carta".

De 4.500 candidatos — selecionamos 30 (o nome dos 24 premiados restantes será publicado em nosso próximo número). Que fazer! Resta mandar daqui, juntamente com o nosso agradecimento — a nossa bênção e o nosso carinhoso abraço a todas essas crianças que responderam ao nosso apêlo. E pedir-lhes que esperem mais um pouquinho até o próximo dezembro, e desejá-lhes, por hora, um grande, um imenso e feliz Natal.

PARECER DA ESCRITORA LÚCIA BENEDETTI:

Carta que criança escreve pode seguir pelo correio, ser recebida e lida — mas o destino dela é sempre o coração da gente. Cêrca de quatro mil cartas desabaram, portanto, sobre nossos corações. Foi uma inundação. Todas maravilhosas. Se eu fôsse contar o que sentimos diante de tanta beleza, os meninos que escreveram ficariam sabendo de uma coisa: — êles fizeram por nós o serviço que Papai Noel faz para as crianças. Isto é — nos encheram de



SEGUNDO PRÊMIO: BICICLETA GULLIVER, para rapaz, ganha por José Clóvis Campos, de 10 anos, residente à rua 7 de Maio n.º 1075, em Tatui — São Paulo.

alegria. Bom seria responder a todas, premiar a todas, pedir a todos os meninos e meninas que continuassem escrevendo o ano inteiro. Mas, vida de gente grande é assim: só recebe carta de criança quando chega o Natal. Depois fica se lembrando o resto do ano. Uma carta que hei de lembrar sempre é a de Marioliz. E quando ouvir um barulhinho de bicicleta, hei de pensar nela, pedalando... Outra bicicleta que me fará pensar. Aquela que vai receber José Clóvis Campos. Que menino formidável! Estuda, trabalha, anda um quilômetro pelo sertão para chegar à escola. Volta da escola, e segue para o campo, para ajudar o pai na lavoura. É uma bicicleta que vai servir ao mesmo tempo a um bom filho e a um brasileiro de valor. Se aos dez anos ele faz tudo isso, que não fará com vinte? A bicicleta é dele e nossa carinhosa admiração também.

Já a nossa cara Ana Maria Pereira de Sousa, há de ver que desta vez teve sorte. Não é somente a sorte que ajuda. A disposição de vencer, a sinceridade com que narrou suas dificuldades, a confiança com que conversou conosco, tudo isso valeu. Quanto ao Nilton Murad, creio que ele poderá negociar um empréstimo de sua coleção de Monteiro Lobato contra um espetáculo do Carquinha, na televisão, com sua amiga. Mas, são tantos! A todos ficamos querendo bem. A todos ficamos profundamente agradecidos por terem vindo até nós. E fiquem sabendo. Se pudéssemos, arrariamos no céu um temporal de brinquedos e choveria sobre as crianças uma chuva fantástica de lambretinhas, bicicletas, bolas e velocípedes, etc. Não podemos. Mas podemos pedir a Deus

que mande lá de cima uma bênção muito particular para todas as crianças. Deus pode."

PARECER DA PROFESSORA ILCA BULHÕES DA ROCHA PEIXOTO:

"É possível dizer se uma carta está bem ou mal escrita, se tem ou não erros gramaticais. Mas como julgar se uma carta é "boa"? "Boas" são todas as cartas escritas com o coração das crianças. Qual o critério para escolher as melhores? Era preciso, em primeiro lugar, que houvesse uma base de confiança entre as crianças e os adultos que fizessem a seleção. Era preciso acreditar que todas as cartas foram escritas por crianças.

Mesmo assim, a escolha será sempre subjetiva. Há cartas que são pura poesia, e cada pessoa recebe poesia de maneira diferente. Em todo o caso, procurei estabelecer algumas qualidades para fazer a seleção.

Procurei levar em consideração a idade da criança, a região onde mora, a apresentação da carta, o cunho infantil, a imaginação, a maneira de chegar ao pedido, a originalidade — nenhum desses itens valendo por si mesmo, mas todos eles pesando no conjunto.

Li cartas que me encantaram ou pelas idéias que continham ou pela maneira de expor essas idéias. Infelizmente não havia presentes bastantes para todas elas.

Que Papai Noel me inspire na escolha.



Segundo Prêmio: JOSE' CLÓVIS CAMPOS
Idade: 10 anos. Colégio: F. V. Camargo. Série: 3º ano
Res.: Quadra, município de Tatui — São Paulo

para o 4.º ano graças a Deus. O grupo que eu frequento chama-se Grupo Escolar Francisco Vieira de Camargo. Vou dar o endereço da casa de minha vovó em Tatuí é rua 7 de Maio n.º 1075.

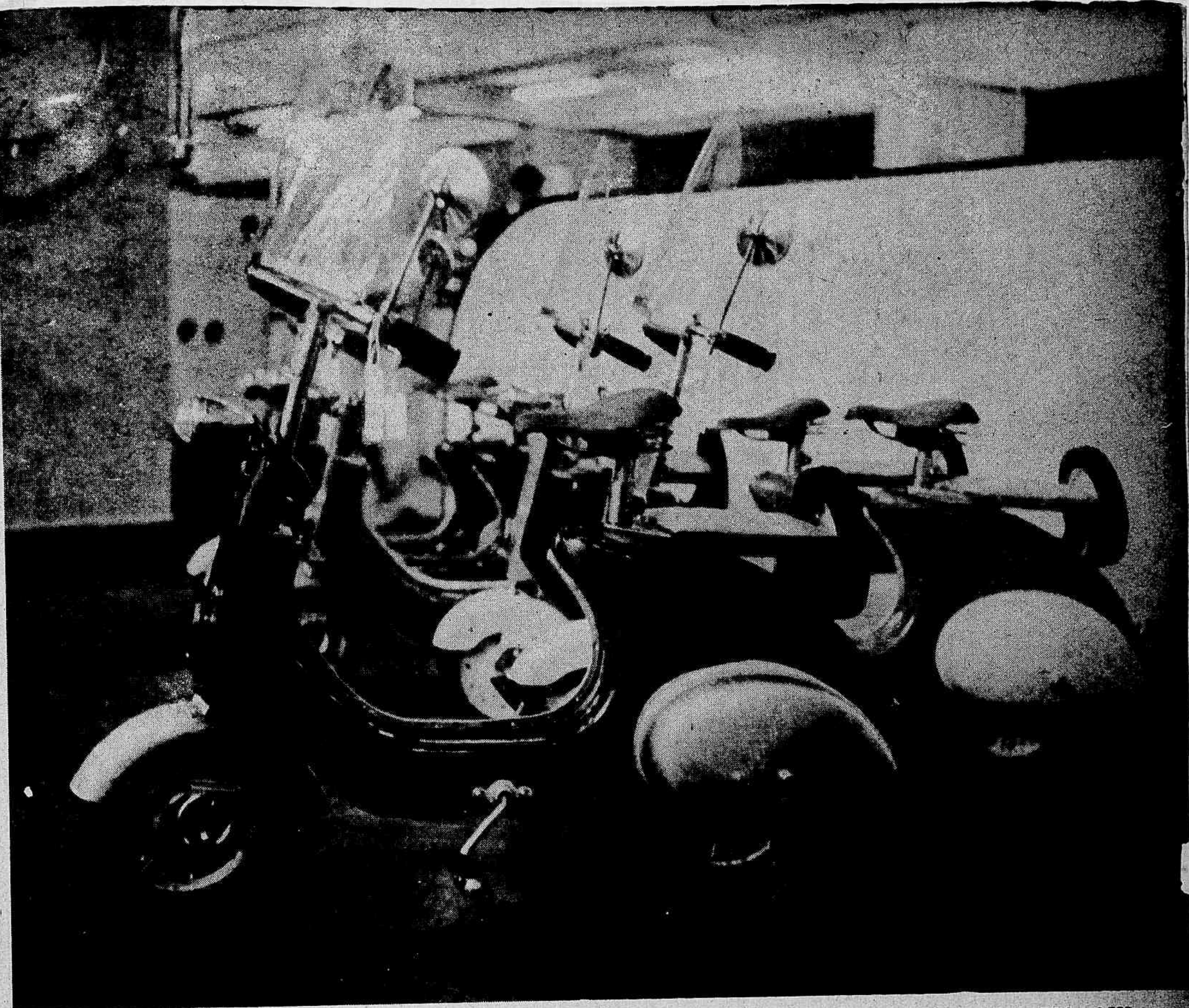
Jacinto, 1 de dezembro de 1958.

Querido Papai Noel

Desde já lhe digo o seguinte: eu não tenho sorte com rifas e nem em jogos. Se eu quiser ganhar, mesmo jogando livro com meu irmão, tenho que fazer uma esperteza; por isso lhe peço para dar um jeito para ganhar este prêmio com o qual tanto tenho sonhado: a coleção de Monteiro Lobato.

Mamãe é professora, papai é juiz de Direito. Papai lê ou escreve todo o dia.

Mamãe fica fora pela manhã e quando chega costura e auxilia papai um pouco. Na hora em que eu faço os deveres escolares ela também me ensina um pouco.



QUARTO PRÊMIO: "MESBLETA" — ganha por Norma Bonavides Borges, de 7 anos e seis meses, residente à rua 13 de Maio, 4.302, em Fortaleza, Ceará.

Depois fico só, porque meus irmãos são todos homens. O maior estuda fora e os pequenos me aborrecem muito. Não tenho mesmo com quem conversar. A cidade onde moro é muito pequena e sem movimento nem um cinema tem. Gosto muito de ler e principalmente de Monteiro Lobato. É o meu autor preferido. Li alguns livros dele na Biblioteca do Grupo. Quero ter um companheiro para as horas de folga. É este o motivo da minha escolha.

O meu endereço é: Ana Maria Pereira de Souza, Jacinto, nordeste de Minas Gerais — Via Governador Valadares.

Papai Noel, não estou aí para fazer esperteza — faça o senhor para mim.

Desde já lhe agradeço. — Ana Maria.

Quarto Prêmio: NORMA BONAVIDES BORGES

Idade: 7 anos e 6 meses. Colégio: 13 de Outubro — 2º ano forte.

Residência: 13 de Maio, 4.302 — Fortaleza — Ceará.

Fortaleza, 24 de novembro de 1958.

Meu querido Papai Noel.

Todo ano eu escrevo uma carta para o senhor e nunca me respondeu. Este ano eu vou mandar uma carta para o Papai Noel

do Rio de Janeiro, porque eu li na REVISTA DA SEMANA que o senhor aí tem muitos presentes — parece que é mais rico pois o Papai Noel aqui do Ceará é muito miado. A mamãe diz que bota as cartas no correio mas não recebo. Me dá uma lambreta para mim passear na calçada porque passei para o 2º ano forte e tou fazendo minha prova muito boa. A minha professora me disse hoje na classe que eu tirei 10 tôdas as provas.

Papai Noel se você não pode comprar minha lambreta responda minha carta para eu saber se a mamãe botou no correio. Papai Noel mando um beijo na tua testa porque tenho medo de sua barba grande.

Norma Bonavides Borges

Quinto Prêmio: NILTON MURAD

Idade: 12 anos. Colégio São Francisco de Assis — 1.ª Série Ginásial.

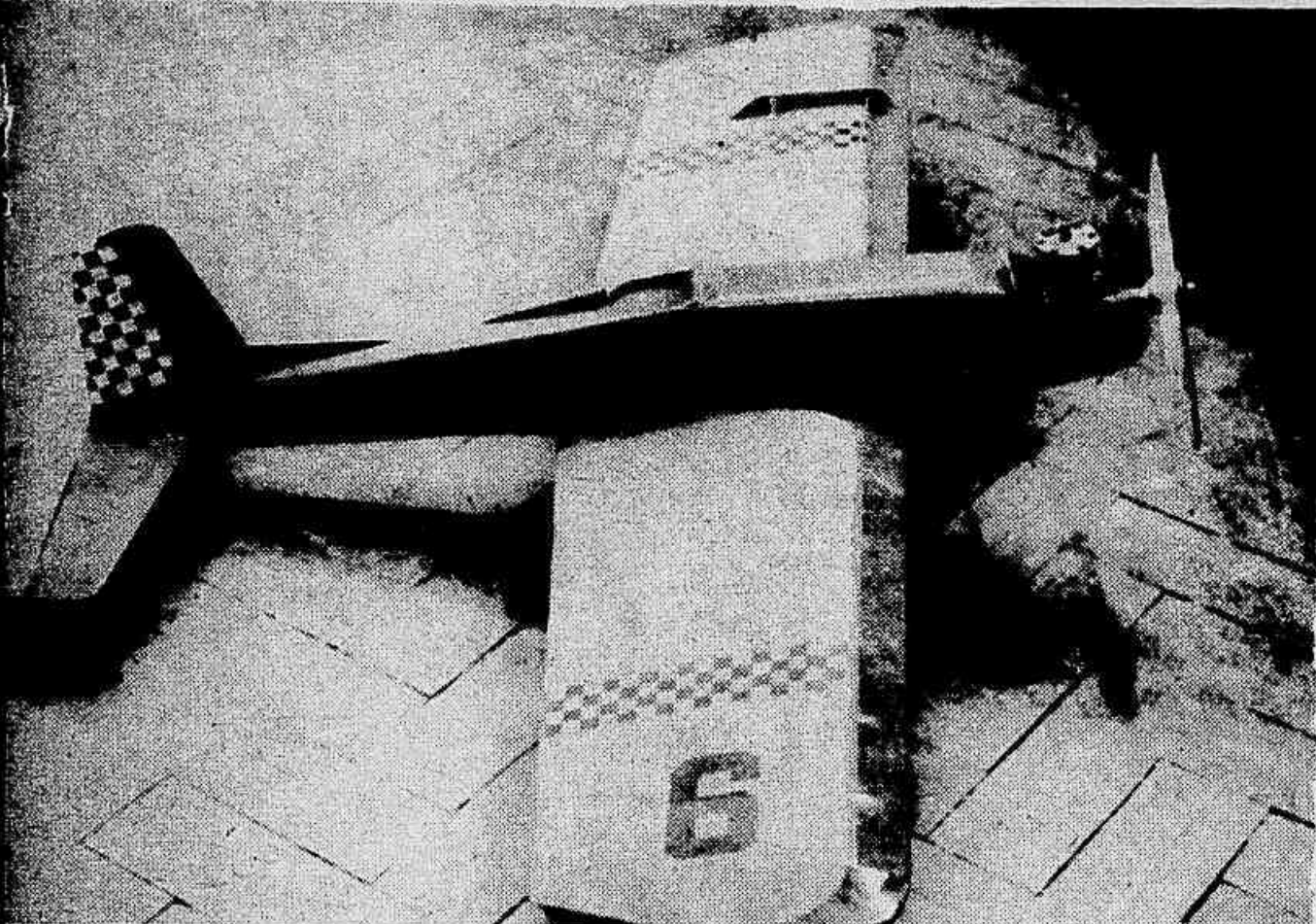
Res.: Rua José Linhares, 14, apto. 207

Cidade: Distrito Federal. Estado: Rio de Janeiro

Papai Noel

Estou escrevendo para o senhor, mas sei que o senhor não existe. Em casa, o papai Noel é o meu pai. O senhor deve ser algum professor de português. Penso que não faz mal escrevendo isto

CARTAS A PAPAI NOEL



SEXTO PRÊMIO: AEROMODELO "CADETE" com todos os apetrechos — ganhou por José Emílio Dias da Cunha, de 13 anos, morador à Av. Pres. Vargas, 2007, apt. 607 — D. Federal.

porque, quem acredita no Papai Noel não sabe ler, porque é muito pequenino.

Para o Natal, quero ganhar uma Televisão. Pedi uma ao papai, mas ele disse que custa milhões, e o que ele ganha só chega para pagar as contas da mamãe. Quero uma televisão porque gosto muito de olhar os programas. Sempre vejo televisão na casa da Kátia, mas ela é implicante, briga comigo e depois não deixa eu entrar para ver o Falcão Negro ou o Carequinha.

O Renatinho disse que não adianta escrever para o senhor. Mas não custa nada tentar; e se der certo bem que vai valer eu deixar de tomar a coca-cola do meu lanche para selar esta carta.

Se não tiver Televisão, mande um rádio desses pequeninos, que falam sem precisar de eletricidade.

Quero um, por que todos os meninos do meu edifício têm um e mexem comigo porque eu não tenho.

Se o senhor não tiver nem televisão nem rádio, mande qualquer coisa. Se eu não gostar, darei tudo ao Renatinho que ganha tudo que eu não quero, até as minhas roupas velhas.

Se eu ganhar a Televisão ou o rádio o papai vai me tomar, mas não faz mal, porque ele é muito bom e eu nunca dei nada a ele a não ser dores de cabeça e desgosto com as notas que eu tiro no colégio.

Mamãe sempre compra a REVISTA DA SEMANA. Eu pensei em escrever um monte de cartas para o senhor, mas achei que não era direito. Deve haver muitas crianças querendo presentes e o senhor não tem para todas; só se o senhor fôsse o Papai Noel.

Quando mandar o meu presente, se não fôr o que eu pedi, não se esqueça que eu tenho doze anos. Eu tenho muito medo de acreditar nos velhos, porque eles não se lembram do que gostavam quando eram crianças. O senhor viu o homem que manda nos cinemas? As fitas de caubói, que ele via quando tinha cinco anos, são proibidas agora até quatorze anos. E a gente agora só pode ver essas fitas chatas de amor ou de música de que ninguém gosta.

Vou esperar o Natal e torcer para receber o presente. Só quero ver a cara do Renatinho. E se fôr o que eu pedi, só quero ver o susto do papai.

Muito obrigado, Papai Noel.

Um abraço do Nilton Murad.

Sexto Prêmio: JORGE EMÍLIO DIAS DA CUNHA
Idade: 13 anos: Escola 8-1 "Tiradentes", 5.^a Série
Res.: Avenida Pres. Vargas, 2007, apt. 607
Cidade: Rio de Janeiro — D. F.

Distrito Federal, 1 de dezembro de 1958.

Querido Papai Noel:



SÉTIMO PRÊMIO: BOLA DE FUTEBOL — ganha por José Henrique Gomes da Silva, de 9 anos, morador à rua Correa Dias, 665, em Vigário Geral, D. Federal.

Espero que esta minha carta o vá encontrar de perfeita e feliz saúde, como sempre, e com sua barba bem alva e sedosa, que este seu filho que muito o estima, continua de perfeita e feliz saúde, graças a Deus.

Papai Noel, escrevo-lhe esta carta, para lhe pedir, como muitos meninos o fazem, um presentinho.

O presente que eu gostaria de receber, é um aeromodelo "Cadete", com motor e todos os equipamentos e apetrechos necessários para armá-lo.

A razão da minha escolha, é que eu sou aeromodelista e pratico apaixonadamente esse empolgante esporte que é o aeromodelismo.

Se minha cartinha fôr premiada, e eu receber o aeromodelo "Cadete", minha gratidão pelo senhor e por Deus, que me ajudou a escrever esta carta, será imensa, e minha gratidão por si, Papai Noel, crescerá 200%, porque meus pais não são ricos, e não podem gastar dinheiro em aeromodelos para mim, e eu gosto de praticar esse instrutivo e empolgante esporte, acima de qualquer outra coisa.

Querido Papai Noel, mande-lhe junto com esta minha carta, um retrato seu desenhado e pintado por mim.

Querido Papai Noel, sem mais, um abraço deste seu filho que muito o estima.

Jorge Emílio Dias da Cunha

Sétimo Prêmio: JOSÉ HENRIQUE GOMES DA SILVA
Idade: 9 anos. Colégio 8-17 — "República do Líbano". 2.^a Série Primária.
Res.: Rua Correa Dias, 665 — Vigário Geral — Rio de Janeiro — D.F.

Estou lhe escrevendo, esta cartinha cheia de emoção estou muito nervoso é a primeira vez que escrevo uma carta.

Pois li a sua revista da Semana fiquei muito contente quando li a Revista!

Papai Noel nunca ganhei um brinquedo por exemplo: uma bola mas sei Papai Noel que isto é possível pois eu ainda não sei escrever direito, como o senhor ver a minha caligrafia é muito feia. Estou no segundo ano pois este ano não tenho mais meu pai que dizia sempre meu filho Papai Noel não vem a nossa casa porque moramos no subúrbio da Leopoldina.

Isto é verdade Papai Noel vou terminar desejando-lhe feliz Natal e próspero ano novo.

"Viva" 26 de 12 de 1958.

"Viva" Papai Noel.

* Alô...
feliz Natal!
* Alô...
feliz Ano Novo!

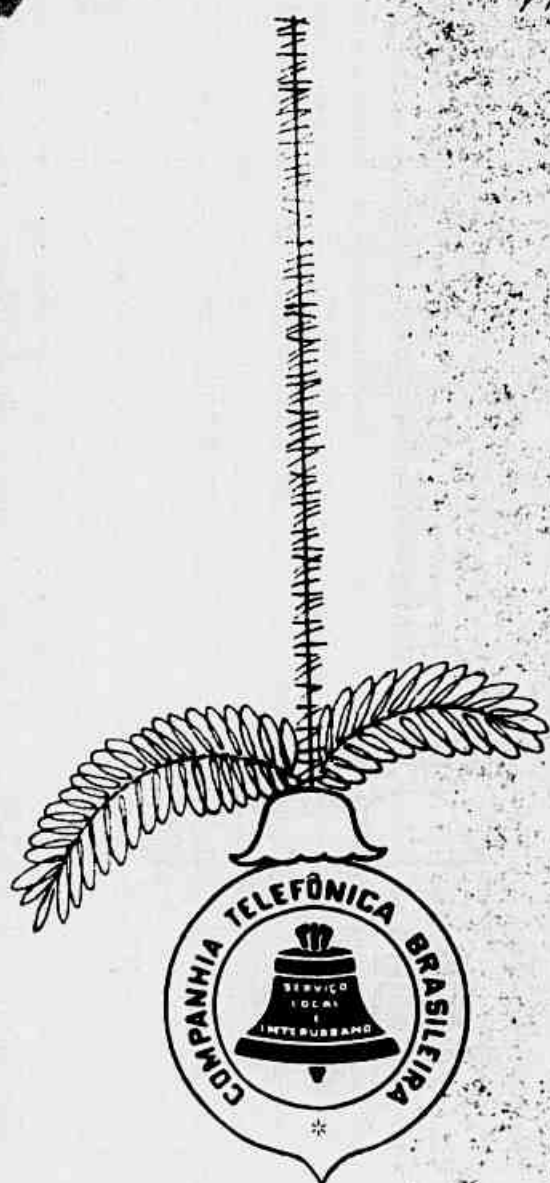


Milhões de telefonemas a mais são dados no fim-do-ano, transmitindo os votos de felicidade de amigo a amigo, de parente a parente.

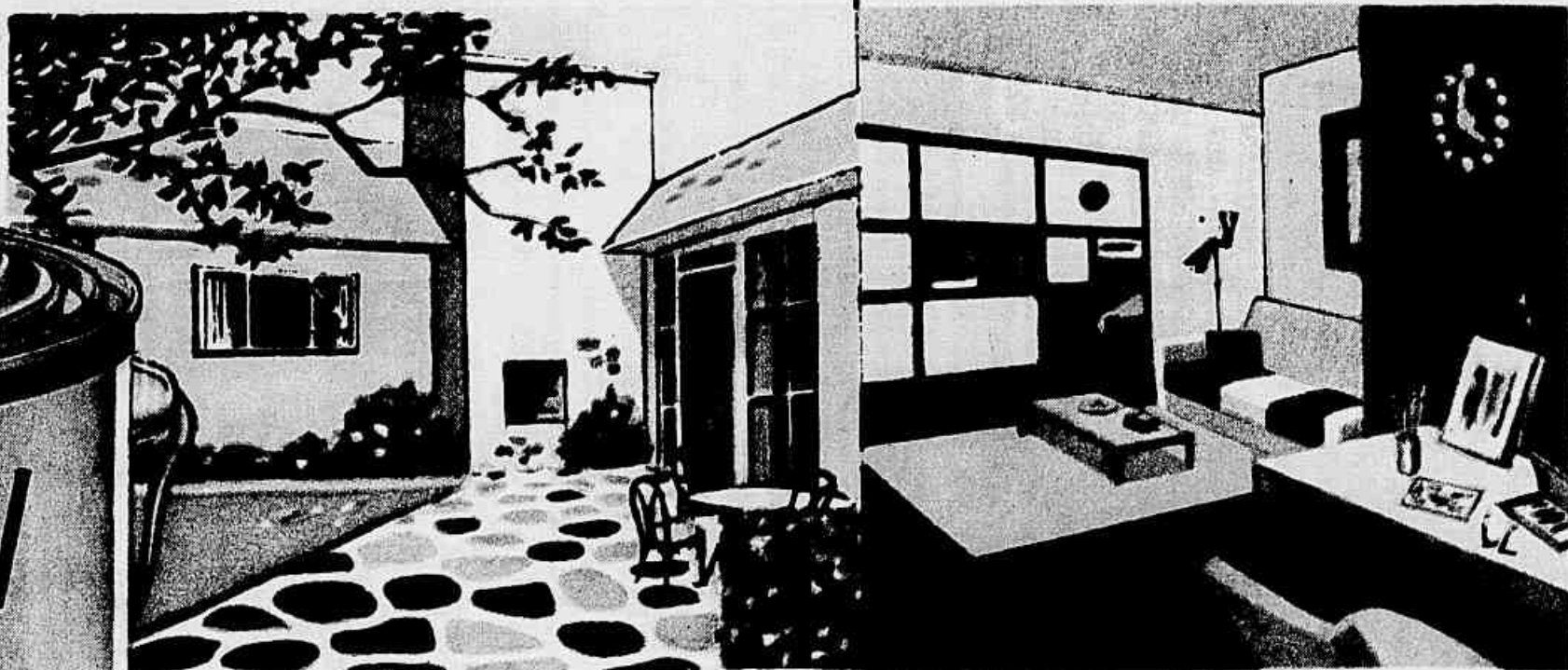
A Companhia Telefônica Brasileira, que se sente desvanecida em servir de veículo a essas demonstrações de amizade e de bem querer, com a mesma sinceridade desses telefonemas, envia a todos os brasileiros a sua cordial mensagem de

Boas festas e feliz Natal!

Procurando servir melhor!



Proteção e *Côr*



para
exteriores
e interiores

Tintas, esmaltes e vernizes

International

para todos os fins da construção civil



Sociedade Anônima



Composições International (do Brasil)

Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 50
São Paulo: Av. 9 de Julho, 50